

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTI-INSTITUCIONAL EM DIFUSÃO DO
CONHECIMENTO**

GEDALVA NERES DA PAZ

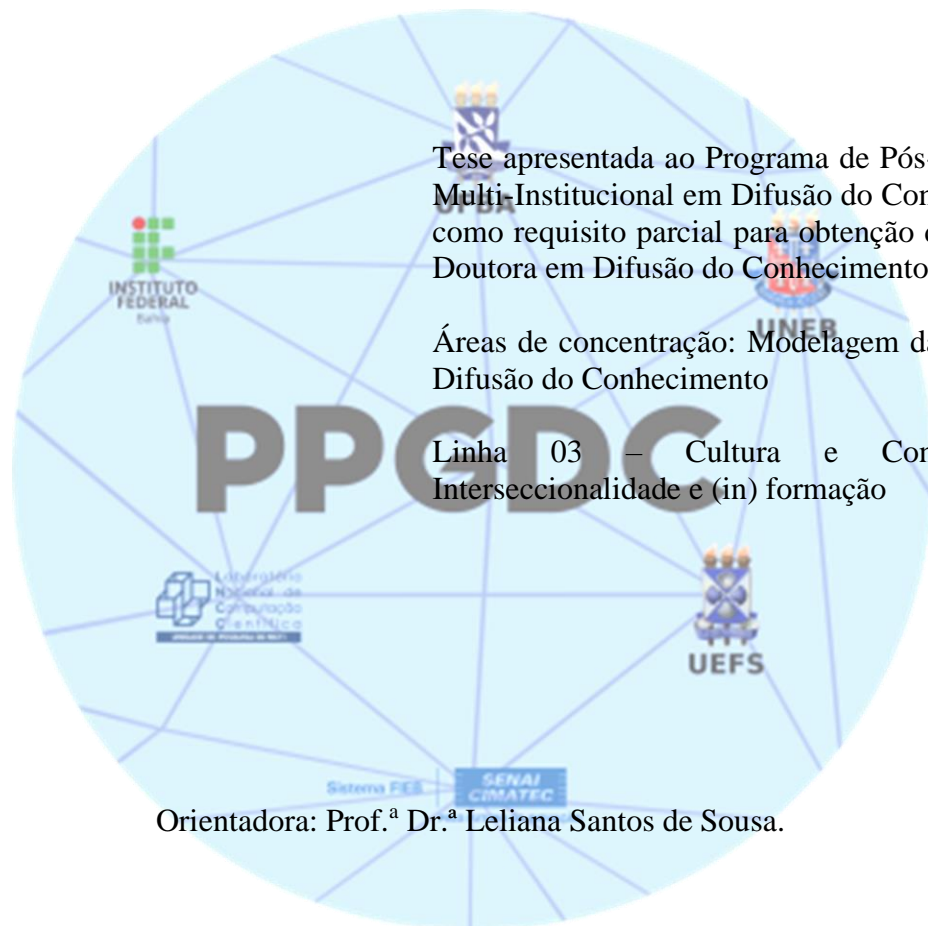
**CORPO COMO MATRIZ DE ANÁLISE COGNITIVA:
Um estudo da memória corporal na arteterapêutica para difusão do
conhecimento**

Salvador

2021

GEDALVA NERES DA PAZ

**CORPO COMO MATRIZ DE ANÁLISE COGNITIVA:
Um estudo da memória corporal na arteterapêutica para difusão do
conhecimento**



Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Difusão do Conhecimento.

Áreas de concentração: Modelagem da geração e Difusão do Conhecimento

Linha 03 – Cultura e Conhecimento, Interseccionalidade e (in) formação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leliana Santos de Sousa.

Salvador

2021

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Paz, Gedalva Neres da.

Corpo como matriz de análise cognitivo: estudo da memória corporal na arteterapêutica para difusão do conhecimento / Gedalva Neres da Paz. - 2021. 203 f.: il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leliana Santos de Sousa.

Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2021.

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento em educação. 2. Corpo. 3. Corpo humano em educação. 4. Expressão corporal. 5. Ciências cognitivas. 6. Cognição - Análise. 7. Teoria da autoconsciência. 8. Memória. 9. Cultura. I. Sousa, Leliana Santos de. II. Programa de Pós-Graduação Multi- institucional em Difusão do Conhecimento. III. Título.

Gedalva Neres da Paz

CORPO COMO MATRIZ DE ANÁLISE COGNITIVA: Um estudo da memória corporal na arteterapêutica para difusão do conhecimento.

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutora no Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento, em 8 de junho de 2021, pela seguinte banca examinadora:

Dr^a. Leliana Santos de Sousa - Orientadora
Doutora em Ciências da Educação pela Université Vincennes Saint-Denis Paris 8 - França
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Dr^o Dante Augusto Galeffi
Doutor em Educação Universidade Federal da Bahia – FAGED / UFBA
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Dr^a. Margarete de Souza Conrado
Universidade Federal da Bahia – UFBA
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Dr^o. Luiz Gustavo Lima Freire
Doutor em Psicologia na Instituição de Ensino Faculdade de Psicologia de Lisboa
Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa - FPUL

Dr^a. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira_
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – FAGED / UFBA
Universidade Federal da Bahia - UFBA

“A esta inspiração de perda e de desapropriação, opõe uma boa inspiração, aquela mesma que falta à inspiração como carência. A boa inspiração é o sopro de vida que não deixa que nada lhe seja ditado porque não lê e porque precede qualquer texto. Sopro que tomaria posse de si num lugar em que a propriedade não seria ainda o roubo. Inspiração que me restabeleceria numa verdadeira comunicação comigo próprio e me restituiria a palavra: O difícil é encontrar exatamente seu lugar e voltar a encontrar a comunicação consigo. Tudo está numa certa floclulação das coisas, na reunião de toda essa pedraria mental em torno de um ponto que está precisamente por encontrar”. (DERRIDA, 1995, p. 121)

“Desde que me relaciono com o meu corpo, portanto desde o meu nascimento, não sou mais o meu corpo. Desde que tenho um corpo, não o sou, portanto não o tenho. Esta privação institui e instrui a minha relação com a vida. Portanto desde sempre o meu corpo me foi roubado. Quem pode tê-lo roubado senão um Outro e como pôde apoderar-se dele desde a origem se não se tiver introduzido em meu lugar no ventre da minha mãe, se não tiver nascido em meu lugar, se eu não tiver sido roubado no meu nascimento, se o meu nascimento não me tiver sido sutilizado”. (DERRIDA, 1995, p. 123)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pai poderoso, aos Orixás, Encantados e as Forças da Natureza/Universo que cuidam de mim, dos meus e me concedem saúde.

A todas as pessoas que acreditaram na minha pesquisa e apoiaram.

A Edineusa parceira inseparável, que não só apoiou, mas ajudou na realização da investigação, discutindo, fotografando, carregando objetos, lembrando-me sempre de fazer a lista de verificação. Além da revisão incansável, professora formada em Letras e Pedagogia, exigente e minuciosa.

A amiga Ladjane Sousa sempre atenta disponível e companheira.

A Doutora Terezinha Carvalho da Universidade Estadual da Bahia/ CPEDR que se disponibilizou para acompanhar o trabalho dando suporte logístico e tudo mais necessário.

Ao Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional (CPDER) da UNEB, na pessoa da minha orientadora da Dra. Leliana Santos de Sousa que viabilizou a realização da pesquisa nesse espaço. Gratidão pela leveza, troca, respeito e parceria.

As mulheres que resistiram e foram dando o tom ao grupo focal de movimento corporal Psicocorpoético com disponibilidade, entrega e persistência.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional, coordenado pela Profa. Dra. Leliana Santos de Sousa, que sempre tiveram uma escuta sensível e me apoiaram cientificamente.

Aos professores da banca que tiveram cuidado na leitura e devolutiva da tese.

De Origem Africana
D'origem Meire MC e Preta Ary
SE RENDA (EP)
Dizem ai que a minha gíria me
torna sem conteúdo
Melhor que não saber nada e
pensar que sei de tudo
É o que eu falo independente do
meu dialeto
Certo, ou errado
Cada um manda um recado tem
seu gesto
Não sou garota de Ipanema nem
tenho a mente pequena
Não sou bossa mais sou nova
escola qual é o problema?
Meu som de protesto manifesta os
pensamentos
Muito louco é pouco pro meu
talento
É o que eu quero mesmo que meu
jeito torne-se presente
Pra que as minas tornem-se menos
ausentes
Pra que eu não seja lembrada
somente no mês de Março
Todo dia é meu dia e isso eu
mesma faço
Arreda o pé (ouviu) Não deixo cair
a peteca
Vai pro canto eu me garanto aqui
no meio dos cueca
O que eu quero é progressão
Mas o que eu vejo é regressão
Comigo não, Eu faço rap na caneta
ou no batom
De origem africana latino-
americana
A preta aqui é Ary, pequena rocha
humana
Causa de muita risada nunca
desacreditada
A semente que eu carrego em mim
já enraizada
De Amélias, Angélicas
Flores periféricas a semente da
esperança
Quem luta é que alcança
Longe ser da minha história
personagem ignota
Daquelas que passeiam pela vida e
ninguém nota
Quero deixar de herança minha
lembrança verdadeira
Lutadora idealista, patriota e

brasileira
Foi assim que eu
nasci a vida me fez mulher
Guerreira igual a você e a mim só
pra quem é

Refrão

Sou de origem africana, sou latino-
americana
Bobiou chicote estrala
Não me abala não me engana
Foi assim que a vida me fez sou
mulher
Ser guerreira é a bola da vez, e
quem é?
De origem africana suburbana
consciente
O rap é a arma o gatilho é a mente
Latina americana a chama
Que a emana a voz que canta
Meu canto é o canto do lamento de
milhares
Minha rima traz história de
Dandara a palmares
O orgulho da raça está dentro do
coração
Sou ativista feminina que procura
inclusão
Não procuro ibope meu porte está
bem pra mim
Orgulho de mim mesma com
minha mãe eu aprendi
Todo brasileiro tem sangue crioulo
De gente valente como Mandela
entre outros
Sou crioula sou forte sou ativista
sou mulher
Sou hip hop capoeira sou guerreira
sou axé
Sou axé

DA PAZ, Gedalva Neres. CORPO COMO MATRIZ DE ANÁLISE COGNITIVA: Um estudo da memória corporal na arteterapêutica para difusão do conhecimento. 2021, 204 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC).

RESUMO

A tese Corpo como matriz de Análise Cognitiva: um estudo da memória corporal na arteterapêutica para difusão do conhecimento está baseada nos estudos da Neurociência, Psicologia Cognitiva e Análise Cognitiva. A construção do conceito Corpo Cognitivo tem como intuito ajudar no processo da vida e proporcionar o repensar questões aparentemente normais, cotidianas e legitimadas, porém colonizadoras, discriminatórias e silenciadoras. A problematização desse conceito Corpo Cognitivo é ligada diretamente ao estímulo da autoestima, da vida, da valorização pessoal, da descoberta de potencialidades individuais, autorrespeito e autocuidado. Assim como auxiliar a percepção dos processos de alienação, negação, sabotagem, prostração, postergação e subalternidade. E promover a compreensão das questões discutidas na sociedade contemporânea localizadas no corpo como: feminicídio, feminismo, machismo, exploração, etnia, ética, educação, política, enfim tudo que reverbera no corpo e tudo está contido nos corpos. Esta pesquisa teve como objetivo investigar a consciência corporal como matriz de análise cognitiva para o autoconhecimento, a partir da memória, vivências, experiências de movimento, expressão corporal e poética artística. Nesta perspectiva, a tese amplia o campo de alcance para as pessoas que querem se autoconhecer, não apenas quando despertar o desejo de fazer terapia/ autoconhecimento em set terapêutico, mas poder estimular, provocar, convidar os corpos a desabrocharem em diversos lugares, áreas de conhecimento, comunidades ou espaços acadêmicos. Da mesma forma proporcionar a inclusão do tempo no mundo capitalista nos espaços de educação formal e não formal, para que as pessoas possam pensar com e para o Corpo. A investigação viabiliza o acesso, a discussão e inclusão do corpo em encontros, eventos, congressos, seminários, reuniões, espaços de saberes formais, comunitários, grupos de movimentos presenciais e virtuais. Esta é uma proposta curricular, política e teórica-metodológica. A pesquisa é multirreferencial e interdisciplinar com base epistemológica da hermenêutica fenomenológica do acontecimento que envolve os corpos de crianças, mulheres e todos os seres humanos que desejam descobrir e resgatar suas potencialidades cognitivas, históricas, culturais e ancestrais. A pesquisa foi baseada em questionamentos prévios e em outros que surgiram a partir da metodologia coadjuvante Psicocorpoética que foi desenvolvida nos encontros do grupo focal de movimento corporal e produção criativa, autoral e arteterapêutica. A realização desse processo teve como objetivo observar, analisar cognitivamente e registrar a relação corporal na produção artística desenvolvidas por orientação de técnicas da arteterapêutica por meio de símbolos, atitudes, expressividade individual e coletiva. Os membros do grupo se ajudaram mutuamente, pois cada história complementa e auxilia a constituição das narrativas e das lembranças. Para fundamentar os estudos da cognição humana, análise cognitiva e transdução para Psicocorpoética tomo com referência BURNHAM, Teresinha Fróes, VARELA, Francisco, J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor, TEIXEIRA, João de Fernandes, MATUREANA R., Humberto. Em cultura DAMATTA, Roberto, GROSGOUEL, Ramón, HALL, Stuart. ZERBO. Joseph Ki-, OLIVEIRA, Eduardo. No trabalho realizado com o grupo-pesquisador (GAUTHIER, 2012), quando as narrativas são apresentadas pelos participantes, não é feita classificação nos resultados de certo ou errado ou considerações finais. Não há uma opinião majoritária ou diretiva, todos são acolhidos em seu saber e atravessados por múltiplos horizontes culturais. Assim acontece o acesso do corpo nos corpos que reativa os valores civilizatórios e transdução da memória ancestral. A partir o reconhecimento mútuo e da junção entre os saberes popular, acadêmico e cultural.

PALAVRA-CHAVE: CORPO COGNITIVO. ANÁLISE COGNITIVA. AUTOCONHECIMENTO. MEMÓRIA. CULTURA. ANCESTRALIDADE.

DA PAZ, Gedalva Neres. CORPO COMO MATRIZ DE ANÁLISE COGNITIVA: Um estudo da memória corporal na arteterapêutica para difusão do conhecimento. 2021, 204 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC).

ABSTRACT

The thesis *Body as a matrix of Cognitive Analysis: a study of body memory in art therapy for the diffusion of knowledge* is based on the studies of Neuroscience, Cognitive Psychology and Cognitive Analysis. The construction of the Cognitive Body concept aims to help in the life process and provide rethinking apparently normal, everyday and legitimate, but colonizing, discriminatory and silencing issues. The problematization of this Cognitive Body concept is directly linked to the stimulation of self-esteem, life, personal appreciation, the discovery of individual potentialities, self-respect and self-care. As well as assisting the perception of the processes of alienation, denial, sabotage, prostration, postponement and subordination. And to promote an understanding of the issues discussed in contemporary society located in the body, such as: femicide, feminism, machismo, exploitation, ethnicity, ethics, education, politics, in short, everything that reverberates in the body and everything contained in the bodies. This research aimed to investigate body awareness as a matrix of cognitive analysis for self-knowledge, based on memory, life experiences, movement experiences, body expression and artistic poetics. In this perspective, the thesis expands the scope for people who want to know themselves, not only when they arouse the desire to do therapy / self-knowledge in a therapeutic set, but to be able to stimulate, provoke, invite the bodies to blossom in different places, areas of knowledge, communities or academic spaces. In the same way, providing the inclusion of time in the capitalist world in spaces of formal and non-formal education, so that people can think with and for the Body. The investigation enables access, discussion and inclusion of the body in meetings, events, congresses, seminars, meetings, spaces of formal, community knowledge, groups of face-to-face and virtual movements. This is a curricular, political and theoretical-methodological proposal. The research is multi-referential and interdisciplinary based on the epistemological basis of the phenomenological hermeneutics of the event that involves the bodies of children, women and all human beings who wish to discover and rescue their cognitive, historical, cultural and ancestral potentialities. The research was based on previous questions and others that arose from the supporting Psychocorpoetic methodology that was developed in the meetings of the focus group on body movement and creative, authorial and art therapy production. The accomplishment of this process had as objective to observe, to analyze cognitively and to register the corporal relation in the artistic production developed by orientation of the techniques of art therapy through symbols, attitudes, individual and collective expressiveness. The group members helped each other, as each story complements and assists the constitution of narratives and memories. To support the studies of human cognition, cognitive analysis and transduction for Psychocorpoetics I take with reference BURNHAM, Teresinha Fróes, VARELA, Francisco, J .; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor, TEIXEIRA, João de Fernandes, MATURANA R., Humberto. In culture DAMATTA, Roberto, GROSFUGUEL, Ramón, HALL, Stuart. ZERBO. Joseph Ki, OLIVEIRA, Eduardo. In the work carried out with the researcher group (GAUTHIER, 2012), when the narratives are presented by the participants, there is no classification in the results of right or wrong or final considerations. There is no majority opinion or directive, everyone is accepted in their knowledge and crossed by multiple cultural horizons. This is how the body accesses the bodies, reactivating the civilizing values and transducing ancestral memory. From mutual recognition and the joining of popular, academic and cultural knowledge.

KEYWORD: COGNITIVE BODY, CONGNITIVE ANALYSIS SELF-KNOWLEDGE, MEMORY, CULTURE, ANCESTRALITY.

DA PAZ, Gedalva Neres. CORPO COMO MATRIZ DE ANÁLISE COGNITIVA: Um estudo da memória corporal na arteterapêutica para difusão do conhecimento. 2021, 204 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC).

RESUMEN

La tesis Cuerpo como matriz de Análisis Cognitivo: un estudio de la memoria corporal en la arteterapia para la difusión del conocimiento se basa en los estudios de Neurociencia, Psicología Cognitiva y Análisis Cognitivo. La construcción del concepto de Cuerpo Cognitivo tiene como objetivo ayudar en el proceso de la vida y aportar un replanteamiento de cuestiones aparentemente normales, cotidianas y legítimas, pero colonizadoras, discriminatorias y silenciadoras. La problematización de este concepto de Cuerpo Cognitivo está directamente ligada a la estimulación de la autoestima, la vida, el aprecio personal, el descubrimiento de las potencialidades individuales, el autorrespeto y el autocuidado. Además de ayudar a comprender los procesos de alienación, negación, sabotaje, postración, postergación y subordinación. Y promover la comprensión de los temas que se discuten en la sociedad contemporánea ubicados en el cuerpo, tales como: feminicidio, feminismo, machismo, explotación, etnicidad, ética, educación, política, en definitiva, todo lo que reverbera en el cuerpo y todo lo que está contenido en los cuerpos. Esta investigación tuvo como objetivo investigar la conciencia corporal como matriz de análisis cognitivo para el autoconocimiento, a partir de la memoria, las vivencias, las experiencias de movimiento, la expresión corporal y la poética artística. En esta perspectiva, el trabajo pretende ampliar el alcance de las personas que quieren conocerse a sí mismas, no solo cuando despiertan el deseo de hacer terapia / autoconocimiento en un conjunto terapéutico, sino para poder estimular, provocar, invitar a los cuerpos. florecer en diferentes lugares, áreas de conocimiento, comunidades o espacios académicos. De la misma forma, brindando la inclusión del tiempo en el mundo capitalista en espacios de educación formal y no formal, para que las personas puedan pensar con y para el Cuerpo. La investigación posibilita el acceso, discusión e inclusión del cuerpo en reuniones, eventos, congresos, seminarios, encuentros, espacios de conocimiento formal, comunitario, grupos de movimientos presenciales y virtuales. Se trata de una propuesta curricular, política y teórico-metodológica. La investigación es multi-referencial e interdisciplinaria basada en la base epistemológica de la hermenéutica fenomenológica del evento que involucra los cuerpos de niños, mujeres y todos los seres humanos que desean descubrir y rescatar sus potencialidades cognitivas, históricas, culturales y ancestrales. La investigación se basó en preguntas previas y otras que surgieron de la metodología psicocorpoética de apoyo que se desarrolló en las reuniones del grupo focal sobre movimiento corporal y producción creativa, autoral y de arteterapia. La realización de este proceso tuvo como objetivo observar, analizar cognitivamente y registrar la relación corporal en la producción artística desarrollada por la orientación de las técnicas de arteterapia a través de símbolos, actitudes, expresividad individual y colectiva. Los miembros del grupo se ayudaron mutuamente, ya que cada historia complementa y ayuda a la constitución de narrativas y recuerdos. Para apoyar los estudios de cognición humana, análisis cognitivo y transducción para la psicocorpoética, tomo como referencia BURNHAM, Teresinha Fróes, VARELA, Francisco, J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor, TEIXEIRA, João de Fernandes, MATURANA R., Humberto. En cultura DAMATTA, Roberto, GROSGOUEL, Ramón, HALL, Stuart. ZERBO. Joseph Ki-, OLIVEIRA, Eduardo. En el trabajo realizado con el grupo de investigadores (GAUTHIER, 2012), cuando las narrativas son presentadas por los participantes, no hay clasificación en los resultados de consideraciones correctas o incorrectas o finales. No hay opinión ni directiva mayoritaria, todos son aceptados en sus conocimientos y atravesados por

múltiples horizontes culturales. Es así como el cuerpo accede a cuerpos que reactivan valores civilizadores y transducen la memoria ancestral. Desde el reconocimiento mutuo y la unión de saberes populares, académicos y culturales.

PALABRA CLAVE: CUERPO COGNITIVO. ANÁLISIS CONGNITIVO. AUTO CONOCIMIENTO. MEMORIA. CULTURA. ANCESTRALIDAD.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Neurociência	55
Figura 2	Sociopoética	61
Figura 3	Princípios Metodológicos	64
Figura 4	Análise Cognitiva	66
Figura 5	Eu e o mundo	80
Figura 6	Eu e os símbolos	80
Figura 7	Mapa Mental	102
Figura 8	Autorretratos	117
Figura 9	Possibilidades	118
Figura 10	Literatura negra infantil	124
Figura 11	Síntese Consciência Corporal	143
Figura 12	Sankofa	150

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Andanças	21
Foto 2	Deusa de si	28
Foto 3	Baobá	32
Foto 4	Multirreferencialidade	46
Foto 5	Metodologia Psicocorpoético	58
Foto 6	Exercícios de movimentos corporais	78
Foto 7	Exercícios de movimentos corporais	79
Foto 8	Atividade não verbal- desenho	80
Foto 9	Exercícios de movimentos corporais	86
Foto 10	Exercícios de movimentos corporais-Força	89
Foto 11	Exercícios de movimentos corporais -Prazer	90
Foto 12	Exercícios de movimentos corporais. Consciência corporal	91
Foto 13	Exercícios de movimentos corporais. Relaxamento	92
Foto 14	Mandala	93
Foto 15	Corpo mulher	97
Foto 16	Leitura	119
Foto 17	Interação com o grupo	120
Foto 18	Beleza	121
Foto 19	Reconhecimento de si	122
Foto 20	Desenhos das crianças	123
Foto 21	Desfile	125
Foto 22	Espaço para o trabalho	129

Foto 23	Biblioterapia	132
Foto 24	Reconhecimento	137
Foto 25	Enraizamento	141
Foto 26	Conexão consigo mesmo	142
Foto 27	Movimento Corporal	144
Foto 28	Máscaras	148
Foto 29	Colagem com miçangas	185
Foto 30	Colagem com miçangas	185
Foto 31	Colagem com barbantes e miçangas	186
Foto 32	Colagem com miçangas e pintura e cola colorida	186
Foto 33	Colagem com papel, pintura e lápis de colorido	187
Foto 34	Colagem com miçangas, pintura e hidrocor	187
Foto 35	Desenho e colagem	188

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Plataforma de pesquisa	34
Quadro 2	Psicologia Junguiana	61
Quadro 3	Teoria Bioenergética	62
Quadro 4	Quantitativo de profissionais	105
Quadro 5	Participantes do grupo focal	130
Quadro 6	Panorama dos trabalhos apresentados no Congresso UFBA 2019	163
Quadro 7	Pesquisa Inclusão do corpo na escola	164
Quadro 8	Pesquisa Inclusão do corpo na escola	165
Quadro 9	Pesquisa Inclusão do corpo na escola	166
Quadro 10	Pesquisa Inclusão do corpo na escola	167
Quadro 11	Pesquisa Inclusão do corpo na escola	168
Quadro 12	Pesquisa Inclusão do corpo na escola	169
Quadro 13	Pesquisa Inclusão do corpo na escola	170
Quadro 14	Pesquisa Inclusão do corpo na escola	171
Quadro 15	Pesquisa Inclusão do corpo na escola	172
Quadro 16	Pesquisa Inclusão do corpo na escola	173
Quadro 17	Pesquisa Inclusão do corpo na escola	174
Quadro 18	Pesquisa Inclusão do corpo na escola	176
Quadro 19	Inclusão do corpo na religião	177
Quadro 20	Inclusão do corpo na religião	178
Quadro 21	Inclusão do corpo na religião	179
Quadro 22	Inclusão do corpo na religião	180
Quadro 23	Inclusão do corpo na religião	181
Quadro 24	Inclusão do corpo na religião	182
Quadro 25	Inclusão do corpo na religião	183
Quadro 26	Inclusão do corpo na religião	184
Quadro 27	Comparativo- Corpo Cognitivo	189

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Trabalhos do Congresso 2019	83
Gráfico 2	Variadas profissões	105

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAOS	Conhecimento: Análise Cognitiva, Ontologia e Socialização
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
LGBTQI+	Lésbica, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, engloba todas as outras orientações sexuais
PPGDC	Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento
REDALYC	Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal
REDPECT	Rede de Pesquisa e Intervenção em (In), Currículo e Trabalho
SAGE	Sistema de Apoio à Gestão é o sistema informatizado da FAPESP-Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- que permite ao pesquisador(a) acesso universal online, provido pela Internet e com base de dados única.
SCIENCE DIRECT	É uma página web operada pela editora Anglo-holandesa Elsevier, lançado originalmente em março de 1997. É uma plataforma para acesso de aproximadamente 2500 revistas científicas e mais de 26000 e-books.
SCOPUS	Banco de dados de resumos e citações de artigos para jornais, revistas acadêmicas
SESI FIEB	Serviço Social da Indústria - Federação das Indústrias do Estado da Bahia
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal Bahia
USP	Universidade de São Paulo
WEB OF SCIENCE	Site que fornece acesso baseado em assinatura a vários bancos de dados que fornecem dados abrangentes de citações para muitas disciplinas acadêmicas diferentes
QUAD	Quadro

SUMÁRIO

EPISÓDIO 1 – APRESENTAÇÃO	21
1 INTRODUÇÃO	22
1.1 Tempo de entender quem somos	25
EPISÓDIO 2 – OBJETIVOS	28
2.1 Objetivo geral	29
2.2 Objetivos específicos	29
2.3 Problema	29
2.4 Hipótese	29
2.5 Estrutura da Tese	29
EPISÓDIO 3 – APORTE TEÓRICO PARA SUSTENTAÇÃO DO TEMA	32
3 CONTEXTUALIZAÇÃO	33
3.1 Estado da arte e o corpo cognitivo: junção ou desmembramento possível	33
3.2 Análise cognitiva e corpo	37
3.3 Ciência cognitiva, Psicologia Cognitiva e Análise Cognitiva âncoras para matriciar o corpo cognitivo	40
EPISÓDIO 4 – FUNDAMENTAÇÃO DAS EPISTEMOLOGIAS PARA CORPO COGNITIVO	46
4 CONSCIÊNCIA CORPORAL E ANÁLISE COGNITIVA: ONTOLOGIAS PARA CORPO COGNITIVO	47
4.1 Corpo processo de análise cognitiva: policorpo fenômeno filosófico	47
4.2 Epistemologia do Corpo Cognitivo	49
4.3 Neurociência Cognitiva ponte fundante para o Corpo cognitivo – Caminhos para evocação	53
EPISÓDIO 5 – PRÁTICAS EPISTEMOLÓGICAS /COGNITIVAS – VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS PSICOCORPOÉTICAS	58
5 CAMINHOS METODOLÓGICOS	59
5.1 Sociopoética logos para Psicocorpoética	59
5.2 Percurso metodológico – Psicocorpoética, percepção e vivências – Vivências Corpo Negro	75
5.3 Corpo Cognitivo, Memórias e Movimento	81

Sobre a vivência: Corpo cognitivo	81
5.4 Contextualização da Vivência	82
5.5 Realização da Vivência	84
5.6 Parecer sobre a vivência	87
5.7 Trabalho de corpo – Consciência Corporal	89
EPISÓDIO 6 - VIVÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS – CORPO EM TODO O LUGAR	97
6.1 – Pesquisa virtual Corpo incluído na Escola: NUNCA	98
6.2 Corpo incluído na Religião: SEMPRE	106
6.3 Análise cognitiva e a inclusão do corpo das/os alunas/os da Escola Municipal de Salvador: Experiência Psicocorpoética no Ensino Fundamental	114
6.4 Para começo dos trabalhos no grupo focal	129
Psicocorpoética: caminho de trovoadas e ventanias, orientação onírica	
6.5 Composição do grupo focal	130
6.6 Consciência Corporal e narrativas de vida – Análise Cognitiva	131
Psicocorpoética no processo de construção	
6.7 Consciência Corporal – Psicocorpoética Fractal	139
6.8 Experiência Vivencial Psicocorpoético – Percepção de si/ Percepção do Corpo – Cosmopercepção	143
EPISÓDIO – SEM FIM!	150
CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS	151
REFERÊNCIAS	157
APÊNDICE A – panorama dos trabalhos apresentados no Congresso UFBA 2019	163
APÊNDICE B – Pesquisa Inclusão do corpo na escola	164
APÊNDICE C – Pesquisa Inclusão do corpo na escola	165
APÊNDICE D – Pesquisa Inclusão do corpo na escola	166
APÊNDICE E – Pesquisa Inclusão do corpo na escola	167
APÊNDICE F – Pesquisa Inclusão do corpo na escola	168
APÊNDICE G – Pesquisa Inclusão do corpo na escola	169
APÊNDICE H – Pesquisa Inclusão do corpo na escola	170
APÊNDICE I – Pesquisa Inclusão do corpo na escola	171
APÊNDICE J – Pesquisa Inclusão do corpo na escola	172
APÊNDICE K – Pesquisa Inclusão do corpo na escola	173
APÊNDICE L – Pesquisa Inclusão do corpo na escola	174
APÊNDICE M – Pesquisa Inclusão do corpo na escola	176
APÊNDICE N – Inclusão do corpo na religião	177
APÊNDICE O – Inclusão do corpo na religião	178
APÊNDICE P – Inclusão do corpo na religião	179
APÊNDICE Q – Inclusão do corpo na religião	180
APÊNDICE R – Inclusão do corpo na religião	181
APÊNDICE S – Inclusão do corpo na religião	182
APÊNDICE T – Inclusão do corpo na religião	183

APÊNDICE U – Inclusão do corpo na religião	184
APÊNDICE V – Arteterapêutica	185
APÊNDICE W - Quadro comparativo - Corpo Cognitivo	189
APÊNDICE X – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	190
APÊNDICE Y – Cronograma	191
APÊNDICE Z - Parecer do conselho de Ética	194
Anexo A – Poesias	200
Anexo B – Depoimento	203

EPISÓDIO 1 – APRESENTAÇÃO

Foto 1 – Andanças



Fonte: Arquivo da pesquisadora

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” (FREIRE, 199, p. 155).

1 INTRODUÇÃO

Ponto de partida: A finalidade de estudar Corpo Cognitivo como matriz de Análise Cognitiva

Para estudar o Corpo Cognitivo e entender essa finalidade irei começar por minha trajetória de mais de vinte anos como Formadora dos Profissionais de Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e adultos. Em paralelo a essa atuação tenho experiências de Professora, Coordenadora, Diretora e Vice-diretora nas escolas municipais da rede pública de Salvador.

Atuo também como Terapeuta de Análise Corporal Bioenergética e Psicopedagoga Junguiana. Nessas atividades trabalho com crianças, adolescentes, jovens e adultos. Pessoas que enfrentam a árdua luta para se conhecer. Trabalho que não é fácil porque as pessoas estão sujeitas a discriminação social, ao racismo estrutural, a desigualdade econômica, cerceamento das oportunidades, distanciamento da natureza, desencontro e insatisfação com seu próprio corpo.

Atualmente as mídias e as redes sociais vêm fazendo uma chamada insistente para o autoconhecimento, dando a ideia de que é só pronunciar a palavra, fazer algumas técnicas e perguntas chaves para atingir o autoconhecimento. Não é bem assim, a caminhada é longa e exige muita dedicação, persistência e coragem. Nesse percurso tive clientes que frequentaram o consultório durante onze, cinco, quatro anos de trabalho, debulhando-se, procurando-se e conhecendo-se. Essa trajetória fizemos juntas, terapeuta e cliente, para auxiliar nessa tarefa tive muita responsabilidade com os conteúdos das vidas das mulheres que foram guardados, armazenados durante anos e na maioria das vezes fizeram com que elas sofressem sem entender o porquê.

Na atividade pedagógica, na coordenação, na sala de aula ou na formação de professoras/es sempre incluí o corpo como parte principal dos temas a serem estudados, primeiro pensava na pessoa que estava ali sentada, com seus amores e sabores, doenças ou saúde. Depois então estudava a temática pedagógica sugerida entrelaçando com as narrativas dos corpos de quem estava presente.

Nos trabalhos tive como premissas ensinar a respirar para viver melhor e questionar sobre o tempo dedicado ao cuidado e ao bem-estar. Além de dedicar-se ao tempo de se tocar,

verificar as tensões, dores musculares que estavam localizadas e conhecer as partes do corpo. Entre risos e choros fomos seguindo nessa crença de que no corpo estão as nossas histórias e nele também pode ser encontrado o caminho de saída ou a solução para eventuais problemas.

Nesse propósito fui reunindo pessoas, fazendo trabalhos coletivos e individuais. Muitas mudanças ocorreram, digo metamorfoses, processos excepcionais, crescimentos, resistências e sabotagens. Porém a aprendizagem era certa, e não tinha volta, era uma espiral que só crescia e promovia resultados satisfatórios para a vida inteira. Diante do exposto, ter consciência de possuir corpos colonizados, subalternos e poder vislumbrar a saída desse lugar sombrio é no mínimo libertador. Isso me lembra Grada Kilomba (2019, p. 13) quando diz:

E escrevo isto não por vaidade, mas muito para lembrar da importância de um percurso de conscientização coletiva- pois uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas. Nem permite que seja a responsabilidade, e não a moral, a criar novas configurações de poder e de conhecimento. Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que as muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento: Quem sabe? Quem pode saber? Saber o quê? E o saber de quem? Para mim, como disse, não havia nada mais urgente do que sair, para poder aprender uma nova linguagem. Um novo vocabulário, no qual eu pudesse finalmente encontrar-me. No qual eu pudesse ser eu.

Nessa mesma linha de pensamento de autodescobrimento e potencialidade de si no Mestrado pesquisei as professoras que faziam autoconhecimento alicerçado na abordagem Terapêutica Bioenergética e outras profissionais de educação que nunca tinham feito terapia. Investiguei o impacto da Consciência de si, de ser verdadeiramente quem se é, de reler seu corpo com novas linguagens corporais, ter reconhecimento de sua criança e do seu adulto para a relação corpórea professor/a/ aluna/o. De que forma essas relações se dão na prática, afetam o processo de quem ensina, de quem aprende e como o poder colonizador interfere na cultura escolar começando na família e incidindo nas estruturas da escola.

Após a pesquisa ficou constatado que as projeções e as transferências ficam mais evidentes quando as pessoas têm consciência corporal, sabem de si, entendem as simbioses, as sombras, o vínculo com os pais, os abusos sofridos na infância, os desafetos e os afagos que ocorrem na sua primeira etapa de vida. As professoras passaram a entender melhor a criança que está perto dela, a relação fica mais saudável e as histórias não se misturam nem por repulsa nem por carisma.

Nessa perspectiva, pensei em ampliar o campo de alcance para as pessoas que querem se autoconhecer, não apenas quando despertar o desejo de fazer terapia/ autoconhecimento em set terapêutico, mas poder estimular, convidar os corpos a desabrocharem em diversos lugares, áreas de conhecimento, comunidades, espaços acadêmicos, encontros, eventos, congressos, colóquios, seminários, reuniões, grupos de movimentos presenciais e virtuais. Assim provocar e proporcionar um espaço de tempo tão valioso e concorrido no mundo capitalista. Ter tempo para se pensar com e para o corpo. Tendo em vista, que os corpos não são incluídos nos espaços educativos e que nem toda abordagem psicoterapêutica é corporal.

O tempo como ideia de presente, passado e futuro dado ao corpo é questionável, pois esse tempo marcado como período no qual o corpo acontece, quase não se é pensado. Não só o tempo, como ilusão, mas, como uma realidade que os corpos registram na sua existência infinita, suas experiências de energia, inteligência e ancestralidade.

A compreensão do conceito Corpo Cognitivo tem como intuito ajudar no processo da vida e repensar questões aparentemente normais, cotidianas ou legitimadas, porém colonizadoras, discriminatórias e silenciadoras.

Gostaria que a problematização desse conceito Corpo Cognitivo estivesse ligada diretamente ao estímulo da autoestima, da vida, da valorização pessoal, da descoberta de potencialidades individuais, autorrespeito e autocuidado. Assim, como perceber o processo de alienação, negação, sabotagem, prostração, postergação e subalternidade. Além de promover a compreensão das questões discutidas na sociedade contemporânea localizadas no corpo como: feminicídio, feminismo, machismo, LGBTQIA+, exploração, etnia, ética, educação, política, enfim tudo reverbera no corpo e tudo que está contido no corpo.

Ademais, o Corpo Cognitivo tem como prerrogativa individual e coletiva auxiliar o entendimento e o questionamento dos projetos de vida pessoal a quem compete. A pessoa do corpo ou a outra pessoa distante desse mesmo corpo? Destarte, buscar junto ao entendimento do corpo seu lugar de existência, de percepção de si, de tornar-se pessoa que fala sobre si mesmo, que fala de seus anseios, desejos e sentimentos.

Por meio do trabalho com o Corpo Cognitivo pretende-se promover a compreensão de si e do tronco genético ao qual pertence. Conhecendo a história ancestral, entender da sua

constelação familiar, suas repetições e os ciclos familiares que estão envolvidos. Para criar um projeto de saúde e bem-estar sem manipulação da mídia ou de outras pessoas.

Ademais, despertar o desenvolvimento humano concomitante aos avanços da Ciência, tecnologia e do movimento social. O Corpo deve se apoderar, se empoderar, sabendo de si junto a toda e qualquer evolução. Ele existe e precisa ser considerado para além do Capital.

1.1 Tempo de entender quem somos

Nos indagamos qual o tempo que nos foi dado, criado ou nos foi retirado para pensar em nós mesmos e nos nossos corpos. A inteiração do tempo acontece no corpo no qual se passa o mundo interno e externo ao mesmo tempo, como entender a potência desse tempo e pensar o efeito dele em nós.

A metafísica do corpo e os fenômenos do existir fazem pensar no corpo como um todo e não em partes isoladas, o corpo holos é policorpo. Já não compreendemos conceitos fragmentados e isolados que não satisfazem a totalidade do corpo, corporeidade e transcendência corporal.

Buscar entender qual o tempo que temos para ser-no-mundo e ser-si-mesmo é um aprendizado próprio e apropriado para alcançar o ente cognitivo. “ente é tudo de que falamos, tudo que entendemos, com que nos comportamos dessa ou daquela maneira, [...] é o que [somos] e como nós mesmos somos”. (HEIDEGGER, 1995. p.33)

O corpo como ente cognitivo foi levado enquanto consigna pela pesquisadora ao grupo de pesquisadores/grupo focal de movimento e aos participantes das vivências para pensarem em seus próprios corpos como projeto de vida e inclusão familiar, social e ancestral.

Esses corpos interpelados, sobre essas e outras questões, foram convidados a sair das certezas previsíveis de si mesmos. Foram chamados a pensar no presente, passado, futuro para além da cédula de identidade, cogitar sobre quais as marcas ancestrais que carregam, quais os gostos e sabores de ser quem são na realidade. À vista disso, ter consciência da sua existência e ter coragem para desfazer ou pensar em padrões preexistentes que são normalizados em suas vidas.

Assim, interrogar é imperativo qual o tempo para fazer e desfazer avaliação desse percurso, se na agenda pessoal não há a inclusão do corpo pela própria pessoa existente nele. O tempo previsto ou não previsto é para uma dinâmica contemporânea do não pensar os fenômenos da vida, é para as compunções das repetições, formações acadêmicas, construção e aquisição de bens. Não há tempo para matar saudade, poetizar a vida, autoconhecer, autocuidar, conversar e fazer amizade. O tempo é linear, ocidental, o tempo é razão.

Pois, talvez essa crise no sentido seja, antes e acima de tudo, uma crise do Tempo-pelo menos, do tempo enquanto referência de uma lógica racional, a lógica organização do espaço e dos acontecimentos inteligíveis, encadeados em uma cadeia inteligível de eventos significativos. Desde a Revolução Industrial, o tempo se acelera vertiginosamente: produz-se coisas e ganha dinheiro em um ritmo nunca visto; caminha-se rumo ao paroxismo do tempo ainda mais rápido do que o tempo da vida (...) O ser humano, voltando -se para dentro de si mesmo, encontra ali durações insuspeitas, dilatações e contrações acentuadas, inesperadas. (SOUZA, 1998, p. 140)

O tempo de olhar para a ancestralidade, para explicar quem é você, é como se fosse um tempo perdido. O olhar é sempre para frente, para o futuro virtualizado que não chega, não satisfaz e não preenche. Ou ainda, o tempo do aqui agora, instantâneo, volúvel, midiático e efêmero. “Trata-se de uma eternidade lógica, autorreferente e, portanto, perfeita; evadiu-se soberanamente ao desgaste do tempo, ao eximir-se de viver, viver o tempo”. Viver o tempo da história do corpo, da memória, dos sentimentos, ganhar tempo para pensar o pensamento, viver o tempo do tempo. (SOUZA, 1998, p. 132)

Dessa forma, aprender fora das culturas colonizadoras sobre o tempo é imperioso para crer em outra dinâmica temporal, como em muitas culturas Africanas que depreendem que “o tempo é nosso”. Aprender relativo ao tempo em outra cultura sem a patente cartesiana, monológica e perceber o tempo pessoal, o tempo do respeito ao ritmo de fazer ou não fazer algo ditado pela sociedade capitalista e, não simplesmente seguir metas e propósitos de outro. Romper os padrões supostamente impostos pelo tempo que o outro alheio ao seu corpo proferiu destoante do pensar e do planejamento privado. Assim,

[...] é importante reintegrar todo o fluxo do processo histórico no contexto do tempo africano, que não é alérgico à articulação do acontecimento numa sequência de fatos que originam uns aos outros por antecedência e causalidade. De fato, os africanos têm uma ideia do tempo baseada no princípio da causalidade. Este último, contudo, é aplicado de acordo com normas originais, em que o contágio do mito impregna e deforma o processo lógico; em que o nível econômico elementar não cria a necessidade do tempo demarcado, matéria-prima do lucro; em que o ritmo dos trabalhos e dos dias é um metrônomo suficiente para a atividade humana; em que calendários, que não são nem abstratos nem universalistas, são subordinados aos fenômenos naturais (lunações, sol, seca), aos movimentos dos animais e das pessoas. Cada hora é definida por atos concretos (...). Desse modo, pode-se constatar que o tempo africano é, às vezes, um tempo mítico e social, mas também que os africanos têm consciência de serem os agentes de sua própria história. Enfim, veremos que este

tempo africano é um tempo realmente histórico. (BOUBOU HAMA E J. KI-ZERBO, p. 6,23,24)

É fato que a industrialização, a globalização e a política neoliberal nos distanciaram desse princípio da temporalidade Africana que era baseada no tempo mítico, no ritmo coletivo que representava o passado e deveria obedecer a uma concepção mítica sobre forma de costumes de tempos imemoriais.

Buscar no grupo pesquisador o entendimento do tempo no corpo cognitivo foi elemento muito provocador junto a ancestralidade. Em razão do grupo ter na sua composição a maioria mulheres negras, atarefadas, correndo de si mesma para dar conta dos filhos, das atividades sociais, econômicas e intelectuais. Elas foram afastadas dessa temporalidade do sagrado, do mítico, do tempo de pertencimento histórico e da compreensão de como esses fatores que ramificam no presente tem ligação com o passado. Quando essas mulheres estão mais conscientes das suas angústias cotidianas, repetições podem reconstruir suas histórias entendendo o fio condutor e a importância visceral do passado na mítica que enlaça suas narrativas. Dessa maneira,

[...] o tempo africano tradicional engloba e integra a eternidade em todos os sentidos. As gerações passadas não estão perdidas para o tempo presente. À sua maneira, elas permanecem sempre contemporâneas e tão influentes, se não mais, quanto o eram durante a época em que viviam. Assim sendo, a causalidade atua em todas as direções: o passado sobre o presente e o presente sobre o futuro, não apenas pela interpretação dos fatos e o peso dos acontecimentos passados, mas por uma irrupção direta que pode se exercer em todos os sentidos. (Boubou Hama e J. Ki-Zerbo, 2010, p. 24)

Esse é o sentido de não ignorar a vida, ter tempo para si e, meditar sobre os acontecimentos sem explicações plausíveis. Abranger igualmente o tempo mítico da espiritualidade, ancestralidade, cosmogonia, contemporaneidade, coletividade do grupo que ancora e dá suporte de sustentação ao policorpo. O tempo individual dos fenômenos vividos resgatam a energia vital, do tempo social, dos atributos diários, do econômico e do progresso. Considerando que o tempo é dinâmico e intemporal.

EPISÓDIO 2 – OBJETIVOS

Segue o teu destino

Segue o teu destino,
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias.
A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre
Iguais a nós-próprios.
Suave é viver só.
Grande e nobre é sempre
Viver simplesmente.
Deixa a dor nas aras
Como ex-voto aos deuses.

Vê de longe a vida.
Nunca a interrogues.
Ela nada pode
Dizer-te. A resposta
Está além dos deuses.
Mas serenamente
Imita o Olimpo
No teu coração.
Os deuses são deuses
Porque não se pensam

Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa

Foto 2 - Deusa de si



Fonte: Arquivo da pesquisadora

2.1 Objetivo geral

- Analisar o corpo como matriz cognitiva através do estudo da memória corporal na arteterapêutica para difusão do conhecimento.

2.2 Objetivos específicos

- a) Pesquisar os diferentes contextos da análise cognitiva e a inserção do corpo.
- b) Interpretar a interação da poética, da arte e da memória através da consciência corporal.
- c) Experienciar diversos temas contemporâneos em vivências, narrativas e produções artísticas no grupo focal.
- d) Propor um método de trabalho criativo, educativo e terapêutico que abarque análise cognitiva e a arteterapêutica como suporte para o entendimento do Corpo Cognitivo.

2.3 Problema

- Como o corpo pode ser matriz da análise cognitiva por meio da memória e da arteterapêutica?
- Os corpos são incluídos nas diferentes práticas epistêmicas?

2.4 Hipótese

- A análise cognitiva e a análise corporal são correlatas para fundamentar a inclusão do Corpo Cognitivo nas diversas instituições de práticas epistêmicas formal e não formal.

2.5 Estrutura da Tese

Essa tese foi organizada em Episódios que se referem aos acontecimentos da abordagem Psicocorpoética. Os eventos foram registrados nas vivências e experiências com a contribuição do grupo-pesquisador e dos pesquisados. Além das cenas de investigações realizadas através das redes sociais, ocorrências que jamais se repetirão.

Nos episódios estruturados trago uma reflexão poética, musical ou um fragmento de texto que anuncia e denuncia o próximo texto da tese.

No primeiro episódio o leitor encontrará a introdução com uma breve justificativa e a finalidade do estudo do Corpo Cognitivo como matriz de análise cognitiva. O episódio segue lembrando a minha trajetória profissional e as razões pelas quais se deram a investigação do tema destacando o corpo como importância primeira e inegociável para o ser humano. Relaciono esta proeminência ao tempo de cuidar, de escutar o corpo como cultura negada e colonizada. Convido a repensar e reaprender o tempo no legado da ancestralidade e da cultura africana.

No segundo episódio trago os objetivos, problemas, hipóteses e a organização dos episódios.

No terceiro episódio discorro abreviadamente sobre estudo da arte com o tema Corpo Cognitivo. E também acerca da fundamentação teórica ancorada nas Ciências Cognitivas, Psicologia Cognitiva, memória e ancestralidade que inter cruzam a tese. Ainda nesse episódio para sustentar a teoria temos Varela, Thompson, Rosch, Hampetê Bâ, Achille Mbembe, Froés entre outros.

No quarto episódio trato sobre a consciência corporal e a trajetória filosófica histórica de como o corpo era visto e sentido nos séculos passados. Para atualizar essa visão faço lastro nos estudos da filosofia do Sul, Africana e a episteme do corpo como ente cognitivo.

No quinto episódio verso sobre a metodologia da tese que tem como embasamento a Sociopoético (Gauthier), Psicologia Junguiana (Jung), Análise Cognitiva (Froés) e a Bioenergética (Lowen) para construção da abordagem Psicocorpoética juntamente com as vivências e experiências a respeito da inclusão do corpo que são descritas com detalhes e orientações da abordagem.

No sexto episódio apresento os resultados das vivências e experiências da abordagem Psicocorpoética como práticas epistêmicas cognitivas, as narrativas do grupo- pesquisador e minhas impressões como pesquisadora.

No sétimo episódio trato das ponderações do estudo, resistências, limitações, dificuldades e da grandeza que o trabalho proporcionou para quem pode e aguentou participar.

Por último apresento as referências, apêndices com documentações necessárias para o andamento da pesquisa, inclusive o Parecer do Conselho de Ética. Assim como, os quadros da pesquisa da inclusão do corpo na escola, os quadros da inclusão do corpo na religião, trabalhos da arteterapêutica, quadro comparativo antes e depois sobre o corpo cognitivo. E os anexos com poesias e depoimentos.

EPISÓDIO 3 – APORTE TEÓRICO PARA SUSTENÇÃO DO TEMA

Foto 3 - Baobá



Fonte: megacurioso.com.br

CORPO BOABÁ

Corpo sustentação
 Baobá da resistência
 Oco da fertilidade
 Ancestralidade sankofa
 Lança para frente os corpos e corpas
 Desobedientes, insurgentes
 Corpo árvore toma a forma do tempo
 Energia poética do imaginário
 Cura a fragilidade do ser
 Nas folhas, nas raízes, nas seivas do baobá
 (Da Paz, 2020)

A noção de sociedade que emerge dessa concepção é que a sociedade é constituída por corpos e como corpos – corpos masculinos, corpos femininos, corpos judaicos, corpos arianos, corpos negros, corpos brancos, corpos ricos, corpos pobres. Uso a palavra “corpo” de duas maneiras: primeiro, como uma metonímia para a biologia e, segundo, para chamar a atenção para a fisicalidade que parece estar presente na cultura ocidental. Refiro-me ao corpo físico e às metáforas do corpo. Ao corpo é dada uma lógica própria. Acredita-se que, ao olhar para ele, pode se inferir as crenças e a posição social de uma pessoa ou a falta delas (OYÉWÚMÍ, OYÈRÓNKÉ 1997, p. 2)

3 CONTEXTUALIZAÇÃO

3.1 Estado da arte e o corpo cognitivo: junção ou desmembramento possível

A busca por esta palavra composta “corpo cognitivo” na minha pesquisa se deu por entender que o corpo está para a cognição assim como a cognição está para o corpo. Dessa forma, é necessário pensar por meio do corpo, entender o corpo como filosofia corporal e pensamento psíquico para possivelmente alcançar esse composto Corpo Cognitivo.

Corpo e mente não se darão de forma isolada, como partes separadas e nem desmembradas. Há uma linguagem cognitiva, um pensamento que traz a percepção, a expressão corporal nas ações, atuação do corpo vivido e vivenciado, afetado pelas emoções. O pensamento está na linguagem, e a comunicação acontece consciente ou inconscientemente nas experiências cotidianas.

A relação entre pensamento, corpo e linguagem cognitiva se dá igualmente quando é possível a expressão dos sentimentos, conectando o corpo físico-emocional e narrativas de vida. Pois, a expressão, a memória e a linguagem corporal estão registradas no corpo e contam a história de cada indivíduo.

Sendo assim, o corpo como matriz¹ cognitiva em si mesmo terá como suporte de sustentação a memória corporal e a arteterapêutica para alcançar este postulado “Corpo Cognitivo” e desconstruir os conceitos que subjagam os corpos. Esses podem ser identificados a partir do contato consciente com o próprio corpo e o contato vivencial com outros corpos que resulta na verdade para cada pessoa.

Destarte, busquei na pesquisa Estado da Arte os trabalhos que tivessem no título ou nas palavras chaves Corpo Cognitivo. Na busca em Artigos, Dissertações e Teses, foi muito comum encontrar as palavras corpo e cognição separadas, como temos a seguir:

¹ Matriz no texto tem o significado de matriz energética, matriz em movimento, dissipativa, corporalmente, primeiro, fundamental, princípio, desenvolvimento, nascente, onde tudo começa, único, primordial. Conceito amplo que gera criatividade pessoal, que gera conhecimento próprio e apropriado. Como elemento *sine qua non* do estudo da Análise Cognitiva.

- **Corpo, corporeidade e cognição**

Ciências & Cognição versão On-line ISSN 1806-582

Portal da Organização Ciências e Cognição

Ciênc. cogn. vol.16 no.2 Rio de Janeiro ago. 2011

Gláucio Aranha

- **Construtivismo integrativo: estudos sobre instinto, afeto e cognição**

Psicologia Social 2009

USP/Tese de doutorado

Paulo Augusto Colaço Monte Alegre

- **A dança como proposta para ressignificação: o ganho cognitivo no despertar do corpo consciente**

Camila de Almeida Menezes

Dissertação/UFBA

Escola de Dança/2014

A pesquisa foi realizada em outras bases com as palavras ‘corpo cognitivo’ e ‘cognitive body’ também não foram encontradas. Em nenhuma dessas bases abaixo relacionadas aparecem as palavras mencionadas na busca.

Quadro 1 – Plataforma de pesquisa

Bases Pesquisadas	Palavras pesquisadas no título	Área do conhecimento	Quantidade de teses
CAPES Periódicos	Corpo cognitivo	Multidisciplinar	Nenhum registro encontrado
BDTD	Corpo cognitivo
Sistema de biblioteca	Corpo cognitivo	..	174
Google acadêmico	Corpo cognitivo	Artigos	420
Biblioteca da USP Digital		Teses e Dissertações	539
Redalyc	cognitive body	Artigos	100

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Na pesquisa a intenção era encontrar na busca as palavras Corpo Cognitivo e não somente corpo ou cognitivo, não resta dúvida que a expansão da palavra cognitivo nas mais diversas áreas do conhecimento está presente. Existe uma amplitude acerca dessa palavra

cognitiva e “o conjunto dos textos visa contemplar diálogos possíveis entre diversas compreensões epistemológicas estruturadas”. (FROÉS, 2012, p. 10)

Quando a pesquisa foi realizada com as palavras Análise Cognitiva, (cognitive analysis), na plataforma CAPES, nas bases Sage, Redalyc, Science Direct, Scopus, Web of Science, surgiram vários artigos e nas mais distintas áreas de conhecimento: Ciências social, Saúde, Engenharia, Educação, Dança, Linguística, Letras e Artes e multidisciplinar, etc. Isso mostra a amplitude do conhecimento nos aspectos metodológicos, nas áreas interdisciplinar e multidisciplinar.

Os artigos tratam dos mais diversos temas: violência, análise e design de veículo, análise dos discursos, livros, representações metafóricas dos conceitos bíblicos de morte e ressurreição, indivíduos visualizando arte, dissociação de preconceitos em relação ao self e à emoção positiva, movimento ocular dos espectadores, entre outros.

A palavra Corpo no Google acadêmico, na maioria das vezes, está ligada as áreas de Dança, Teatro e Educação, inclusão do corpo, corporeidade e cognição, sistemas e desenvolvimento cognitivo, corpo e hábito cognitivo, Ciências Cognitivas, modelagem computacional e tecnologias educacionais

No repositório da UFBA estão depositados cento e cinquenta trabalhos com a palavra corpo e cognitivo, aparecem algumas vezes, sendo que apenas em um deles ocorrem as duas palavras juntas. Atuação do corpo cognitivo: uma abordagem epistêmica das formas de construção e difusão de conhecimento numa comunidade de prática. E nos outros aparecem os seguintes títulos: “Consumo e cuidado com o corpo”, “Corpo lugar da Memória”, “Cultura corporal, aprendizagem e perspectivas corporal”, “Educação corpo e imagem”, “Corpo negro em Cachoeira”. “Corpo oral na Educação Infantil” e tantos outros.

O trabalho que aparece nome composto é uma tese do PPGDC-UFBA intitulada Atuação do corpo cognitivo como mencionado acima:

A tese da Atuação do Corpo Cognitivo, baseada no trânsito metafórico da cognição individual para coletiva. Então, arrisca a metáfora da atuação do corpo cognitivo como abordagem epistêmica das formas de construção e difusão de conhecimento numa comunidade de prática, seguindo os estudos de Wenger e tendo como lócus de atuação e observação a comunidade de prática que trabalha na manutenção do ambiente Moodle na Universidade Federal da Bahia. A atuação do corpo cognitivo dá rota a esta navegação que tem como rumo a criação coletiva do conhecimento e justifica-se socialmente pela importância de desenvolver o conhecimento do conhecer. (REPERTÓRIO UFBA,2015,108)

O autor menciona corpo cognitivo como metáfora de conhecimento individual para conhecimento coletivo. Explora diversas áreas para se firmar na cognição como conhecimento epistemológico e procura explicar a compreensão da criação de conhecimento coletivo a partir da *atuação da cognição* individual. “É neste movimento que o pesquisador elabora a ideia do corpo cognitivo para além da referência à imbricação de mente e corpo, procurar explicar a criação de conhecimento coletivo a partir da atuação da cognição individual”. (LIMA, 2015 p.19)

O Doutor, Eduardo Henrique Lima egresso do Programa Multi-institucional Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento- PPGDC-UFBA, autor da tese *Atuação do corpo cognitivo: abordagem epistêmica das formas de construção e difusão do conhecimento numa comunidade de prática* de 2015, traz um “composto de três camadas do corpo do ser, do fazer, e do saber, que transita do individual ao coletivo, do biológico ao filosófico”, é um estudo da cognição, enação, divergências e convergências para a criação do conhecimento do corpo cognitivo coletivo.

A tese explicitada um minucioso estado da arte, em várias áreas do conhecimento, periódicos, revistas, temas e sites. Menciona também a aparição do composto corpo cognitivo datada em 1950 na Consulta ao Google books Ngram Viewer. E ainda pontua referência mais antiga na “The Education Gazette – Volume 39, Edição 12 – p. 404” de 1945, (LIMA, 2015, p. 50 a 64). Registra também que no Portal de Periódicos da Capes (www.periodicos.capes.gov.br) o termo *Corpo Cognitivo*” e suas traduções, “*Cuerpo Cognitivo*” em espanhol e “*Cognitive Body*” em inglês. Apenas um artigo em português de Portugal de (Barbosa, 2011), em inglês 114 artigos e espanhol três artigos conforme a tese de Lima (2015, p. 50).

Ainda assim, pontua a escassez do termo como palavras compostas nos artigos e periódico, “O que indica ser um termo de pouco uso pelos pesquisadores da atualidade”. Mesmo tendo vários significados dados ao termo *Corpo Cognitivo*, ligado muitas vezes a imagem corporal, a alimentação, a sexualidade, avaliação do impacto de programas de cuidados paliativos sobre a qualidade de vida de pacientes de um hospital universitário, saúde, obesidade, dor entre outros. (LIMA,2015, p. 50)

Na tese que proponho, pretendo ir além das trocas significativas de conhecimentos do corpo cognitivo individual para o coletivo em uma comunidade prática e referendada nas diversas áreas de conhecimento filosófico, científico e acadêmico.

Esta proposição do Corpo Cognitivo será mais abrangente, inclusive no componente curricular Análise Cognitiva, que é central no Programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar de Difusão do Conhecimento e componente obrigatório para a linha de pesquisa 3 (três) Cultura e Conhecimento: Transversalidade, Interseccionalidade e (in)formação.

Assim sendo, o corpo nesse componente será a matriz da Análise Cognitiva, como o primeiro conteúdo, assunto primordial que inaugura a abertura e a transversalidade de todo o componente. Sugiro a inclusão dos Corpos Cognitivos no componente curricular Análise Cognitiva, me parece fazer muito sentido por entender que o curso está fundamentado nas Ciências e a Corporalidade não parece. E quem executa, pensa e cria as Ciências são corpos que trazem memória, cultura e ancestralidade. Desta forma, o Corpo Cognitivo como matriz da Análise Cognitiva será centro de vicissitudes, de inserção das experiências, subjetividades, afirmação das existências e potencialidade dos corpos.

A tese para além dessa intervenção no componente curricular pedagógico intenta uma abordagem educativa terapêutica teórica metodológica para e com o corpo, que denomino Psicocorpoética. Essa abordagem pretende auxiliar no processo de cura, autoconhecimento e nas reflexões acerca da submissão, subalternidade e colonialidade dos corpos que atuam na contemporaneidade, corpos de crianças, mulheres, homens e idosos.

A Psicocorpoética contempla no seu arcabouço o respeito pela corporeidade e inclusão dos corpos nos espaços de educação, em qualquer situação ou atividade que os corpos estejam presentes com a finalidade de possibilitar conhecimento, escuta e apropriação de si mesmo.

3.2 Análise cognitiva e corpo

A análise cognitiva estudada no Programa de Pós-Graduação Multi -institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC) tem como objetivo pesquisar, difundir e analisar o conhecimento nas diversas áreas epistemológicas. O campo de abrangência da análise cognitiva está nos trabalhos científicos-acadêmicos que estão datados desde 1941, conforme pesquisa realizada pelo grupo CAOS/REDPECT/UFBA-2010-2011. (FROES, 2012, p. 26)

Esses trabalhos são das áreas da Psicologia, Música, Política, Psicanálise, Literatura, Filosofia, entre outras áreas de conhecimento. O termo **Análise Cognitiva** foi empregado

nessas áreas por artigos, periódicos e livros, documentos nacionais e internacionais. A análise cognitiva proposta no PPGDC é inaugurada por Terezinha Fróes com o propósito de analisar com profundidade o conhecimento em seus pontos convergentes e divergentes, hipóteses interpretativas, análise semântica, dimensão analítica do texto, opiniões sobre estudos teórico-metodológico, significações políticas e ideológicas em diferentes campos de concentração e de poder. (FRÓES,2012)

Além de socializar o conhecimento com diversas comunidades epistemológicas e o diálogo entre os sujeitos, culturas de povos diversificados que produzem conhecimento fazendo transdução sonora, verbal, ou ainda de vários tipos de linguagens (religiosa, científica e outras). Estabelece crescimento intelectual tanto individual como coletivo dos diferentes saberes, múltiplos e valiosos. A Análise Cognitiva

[...] e às suas grandes linhas de trabalho epistemológicas – cognitivismo, conexionismo e enaccionismo. Em seguida, amplia a discussão para incluir novas disciplinas – a Biologia do Conhecimento, a Sociologia do Conhecimento, a Antropologia Cognitiva, a Psicologia Social e as Ciências da Computação e da Informação – áreas de significação que atualmente compõe o campo ampliado das Ciências Cognitivas, (...). (FROES, 2012, p. 79)

A concepção da Análise Cognitiva é realizada no campo do trabalho colaborativo, nas redes, gestão do conhecimento, ambientes virtuais, educação a distância com a intenção de gerar movimentos coletivos, analíticos-críticos-interativos, socializar o conhecimento e superar a segregação do conhecimento tanto dos espaços privados como dos espaços públicos.

Entendendo a abrangência da Análise Cognitiva, escolhi como objeto da minha pesquisa o corpo dos seres humanos vivos e atuantes na contemporaneidade com facetas diversas, antagônicas e multirreferenciadas nas quais percebo a dicotomia entre as pessoas, seus sentimentos e emoções. Noto também a exclusão da expressão corporal, a falta do autoconhecimento, os bloqueios de ir a diante, sabotagem ou postergação para fazer algo novo, ou mesmo realizar atividades criativas e produtivas, registradas no corpo. Assim, como fazer para que estas questões sejam analisadas cognitivamente pelo próprio sujeito-corpo?

A Análise Cognitiva “é um campo complexo de trabalho com/sobre os conhecimentos, os processos de construção, organização, acervo, socialização, que incluem dimensões de caráter teórico, ontológico, axiológico, afetivo, autopoético” (FROES, 2012, p. 53). Trazer esse postulado da Análise Cognitiva para o corpo é de fundamental importância. Assim como levar o corpo para o centro da Análise Cognitiva, ou seja, o corpo como matriz da Análise Cognitiva.

Desta forma, compreender o corpo como matriz de Análise Cognitiva por meio dos conhecimentos já traçados, estudados por essa área é acentuar a importância da nossa singularidade corporificada que deve perpassar e entrecruzar as Ciências. Na tese o foco em redescobrir o Corpo Cognitivo com o apoio da memória corporal, da Arteterapêutica² é uma possibilidade de autoconhecimento e do domínio do indivíduo em si mesmo. Ter o corpo como primeira matriz cognitiva de seu próprio desenvolvimento é se gestar em seu próprio útero corpo, ser o primeiro nascedouro de qualquer conteúdo, não possuir um modelo para seguir e seguir com o suporte dos seus experimentos, criações, acontecimentos dos movimentos corporais é conhecer as infinitas probabilidades do EU. Pois, para:

A Análise Cognitiva, este duplo campo cognitivo/epistemológico, enfoca o estudo do conhecimento a partir dos seus processos de construção, transdução e difusão, visando o entendimento de linguagens, estruturas e processos específicos de diferentes disciplinas, com o objetivo de tornar essas especificidades em bases para a construção de lastros de compreensão inter/transdisciplinar e multirreferencial. Assim, este campo se institui com o compromisso da produção e socialização de conhecimentos numa perspectiva aberta ao diálogo e interação entre essas diferentes disciplinas e a sua tradução em conhecimento público. (FRÖES BURNHAM, 2012, p. 81)

Não há nada mais complexo que o corpo em suas diversas abordagens e concepções. O corpo é Policorpo, lugar de encontro com sentimentos, sensações, amor, ódio, paixão e alegria. Conhecimentos que remetem a linguagem verbal e não verbal, cultural e ancestral, regados a uma carga de sentidos e significados múltiplos. A cognição faz parte do corpo. O corpo é a mente, a subjetividade e a complexidade da mente são refletidas de maneira consciente ou inconsciente nas práticas diárias. Sendo assim, propomos transduzir e difundir as múltiplas linguagens do corpo.

A Análise Cognitiva tem caráter multidisciplinar, complexo, privado e pessoal. Compreender a gênese da relação do ser no corpo, na alma e mente e nas várias áreas de conhecimento, com base no inconsciente e no consciente é potencializar o indivíduo que é produtor de conhecimento na decorrência do próprio desenvolvimento humano. Com todas as dores, experiências emocionais e memórias dos fenômenos que o corpo é acometido. Fenômenos esses que Mbembe nos elucidam

² Arteterapêutica – É a vivência, o experimento e a expressão corporal por meio dos símbolos, desenhos, fotografias, imagens, pinturas, colagens, recitais e performances. É apreciar a natureza sendo natureza. Consumir e produzir a multiplicidade cultural das artes, cinema teatro, literatura, jogos, brincadeiras, dança e música. Com o propósito de expressar a própria voz e acessar as memórias para entrar em contato com os sentimentos e emoções, refazendo-os e reconstruindo-os.

Ossos humanos e pedaços de corpo derivam de corpos feridos, muitas vezes decepados, e de rostos mutilados. O trauma se tornou algo quase que permanente. A memória é fisicamente incorporada em corpos que permanentemente ostentam os sinais de sua própria destruição em uma paisagem geral de fragmentação e decadência econômica. (ACHILLE MBEMBE, 2001, p.195)

Realizar a transdução entre corpo e memória, estudar e sentir os processos que o corpo passa durante a vida, perceber os fenômenos sofridos, vivenciados e experimentados, tornam-se objetivos emergentes centrais da Análise Cognitiva que investiga o autoconhecimento e tem como base primordial o corpo.

Por conseguinte, serão realizados passos de investigação na busca do corpo cognitivo individual e coletivo de transdução, percepção e de memória voltado para a poética, domínio e apropriação de si, [...] como um espaço de poder coletivo, uma criação sócio-histórica de muitos comprometidos com a socialização do conhecimento e a superação da segregação sociocognitiva. (FROES, 2012, p. 53). Matriciar o corpo é produzir saúde física e mental para o enfrentamento dos fenômenos da vida.

3.3 Ciência Cognitiva, Psicologia Cognitiva e Análise Cognitiva âncoras para matriciar o corpo cognitivo

Aponto essas Ciências na tese para estudar o Corpo Cognitivo como égide multidisciplinar e multirreferencial da base investigativa e colaborativa para entendimento do objeto da pesquisa. As Ciências Cognitivas intentam a forma como se dá a apropriação do conhecimento pelos indivíduos. Esses estudos vêm avançado no terceiro milênio com as pesquisas no que diz respeito ao pensamento da mente, o oculto do cérebro humano, principalmente depois do surgimento do computador e da modelagem computacional.

Essas ciências reúnem várias áreas do conhecimento: Psicologia Cognitiva, Neurociência, Linguística, Inteligência Artificial, Antropologia, Filosofia e a Lógica. Todas essas juntas para responder a respeito da mente, da cognição e compor as novas Ciências Cognitivas.

O comportamento da atividade cerebral é estudado para entender o cérebro e a valorização, cada vez maior, de suas funções em nível bioquímico e molecular, experimentos que são simulados em computadores. O estudo desses prováveis comportamentos do funcionamento do cérebro pode ter auxílio da Neurociência e se integrar as Ciências Cognitivas.

Segundo Teixeira (2000) a Inteligência Artificial, a Neurociência e as Ciências Cognitivas pesquisam a compreensão dos fenômenos mentais, sendo que, a Neurociência Cognitiva abre a possibilidade de integração entre a abordagem das Neurociências do Comportamentalismo e do Cognitivismo.

É no aspecto cognitivo que está presente a consideração de como o homem pensa, como manipula a informação e como se apropria do conhecimento. Além de ter o objetivo de entender a forma como se dá a apropriação do conhecimento pelos indivíduos.

As Ciências Cognitivas consideram o biológico, mas também o cultural que engloba a visão de mundo do indivíduo, a memória, a história, a ancestralidade e os símbolos que estão presentes nos comportamentos que auxiliam o entendimento cognitivo de cada ser.

Esses componentes não devem ignorar as emoções que são inerentes aos seres humanos, a experiência vivenciada pelos mesmos, o que os afeta, impulsiona ou paralisa “não podemos compreender esse movimento sem uma investigação detalhada de seu eixo fundamental, a saber, a incorporação do conhecimento, da cognição e da experiência”, junções fundamentais para a descoberta dos indivíduos, do seu corpo cognitivo e da apropriação do conhecimento armazenado no próprio corpo. (VARELLA, 2003, p. 6)

O domínio cognitivo surge da prática, na investigação, experimentação e da apropriação do conhecimento explícito ou implícito da história dos indivíduos. Observando e sendo observado, apropriando-se do que se constituem os fenômenos gerados nas vivências individuais e coletivas. [...] A ciência, como um domínio cognitivo, também não é diferente de qualquer outro domínio cognitivo que um observador possa afirmar, porque todos os domínios cognitivos são domínios de ações adequadas de um observador em seu domínio de experiências. (MATURANA, 2001, p.145)

O ser humano que possui o domínio cognitivo de si mesmo, possivelmente recupera informações armazenadas, recupera a memória das representações simbólicas significativas, autorizando assim, a mudança do rumo do que está posto, das crenças preestabelecidas e dos limites impostos para a própria vida. Destarte, Gardner nos diz sobre a abrangência da Ciências Cognitivas e da cognição:

Defino la ciencia cognitiva como un empeño contemporáneo, de base empírica, por responder a interrogantes epistemológicos de antigua data, en particular los vinculados a la naturaleza del conocimiento, sus elementos componentes, sus fuentes,

su evolución y difusión. Yo la aplicaré principalmente a los esfuerzos por explicar el conocimiento humano. Me interesa saber si las cuestiones que intrigaban a nuestros antepasados filosóficos pueden recibir una respuesta concluyente, o deben reformularse de una manera más provechosa, o desecharse para siempre. Hoy en día la ciencia cognitiva tiene la clave para responder a esto. (GARDNER, 1987, p. 21)

A Ciência Cognitiva é considerada Ciência do artificial, ciência da mente que simula tarefas da mente humana, alicerçada em uma investigação empírica, não só auxilia nas hipóteses das teorias psicológicas como também na criação de máquinas que ajudam a conhecer melhor o funcionamento da mente humana. Assim, incluir o corpo como um processo integrado da natureza na Ciência é um grande desafio.

Desafio já proposto em Varela, Thompson e Rosch (2003) quando dizem que as “ciências da mente precisam ampliar seus horizontes para incluir tanto a experiência humana vivida quanto as possibilidades de transformação inerentes a esta mesma experiência” ‘partindo do pressuposto que cognição é ação, e o corpo está para a mente assim como a mente está para o corpo, mente incorporada e corpoinmente.

Para isso, é importante ressaltar a função do processo cognitivo através da Psicologia Cognitiva que ajuda a compreender a mente, o comportamento humano e o desenvolvimento intelectual dos indivíduos. E estabelece essa ligação direta entre a cognição e o comportamento.

Sternberg (2010, p. 1) afirma que Psicologia Cognitiva é o estudo de como as pessoas percebem, aprendem, lembram-se de alguns acontecimentos e esquecem de outros. Como aprendem línguas, pensam sobre as informações, como elas pensam o seu próprio pensar, atitudes e comportamentos.

À vista disso, desvendar o Corpo Cognitivo é a oportunidade de abrir-se para o abismo dentro de si mesmo, para procurar em suas memórias e descobrir quem realmente é. Nesse sentido, o Corpo Cognitivo terá competência para enfrentar as mudanças, as incertezas, a fragilidade dos polêmicos pensamentos que estruturam os instantes provisórios do lugar onde tudo acontece, no corpo. Uma vez que,

[...] o ser humano não é uma unidade monolítica, limitada a seu corpo físico, mas sim um ser complexo habitado por uma multiplicidade em movimento permanente. Ele não se trata, portanto, de um ser estático, ou concluído. A pessoa humana, como a semente, evolui a partir de um capital primeiro, que é seu próprio potencial e que vai se desenvolvendo ao longo da fase ascendente de sua vida, em função do terreno e das circunstâncias encontradas. As forças liberadas por esta potencialidade estão em perpétuo movimento, assim como o próprio cosmos. (AMADOU HAMPATÉ BÂ 1981, p. 181 – 192)

Lugar de intermeio, de vazio, de afeto, lembranças, memórias concretas, simbólicas, desejos e manifestações egóicas e subjetividade. Acessar esse território para empoderar e apoderar os fenômenos experienciais improteláveis do corpo reconstruído cognitivamente, o acenderá para a multiplicidade dos movimentos corporais.

Apropriar-se de si, ter consciência de quais memórias lhe tiram da fragilidade corporal e qual a possível manipulação que seu corpo de homem ou de mulher possa sofrer, o despertará para seu próprio mundo psíquico, social e cultural. “Se a constituição do corpo humano é uma obra-prima de arquitetura e de mecanismo, seu psiquismo é um conjunto complexo, de uma magnitude tal que o que é conhecido não é nada comparado ao que resta conhecer”. (AMADOU HAMPATÉ BÂ, 1981, p.192)

O indivíduo é dado a si mesmo e ao seu próprio mundo, conhecer-se e investigar-se como fenômeno epicentro associado a mente e a consciência, ser um observador incansável de si mesmo, avoca a própria estrutura corporal cognitiva.

À vista disso, açodar a meta para o **Corpo cognitivo** que é o Corpo que se conhece, sente, sabe de suas capacidades e se reconhece no mundo vivo e vivido potencializa o que emerge da consciência prática experienciada. Traz consigo os saberes e sabores da ancestralidade. Explora o máximo das suas potencialidades. É corpo entrópico, desordenado na ordem, sem previsibilidade. É flexível e movimenta-se em direção a novas aprendizagens, tem disposição ao novo, aprende, desaprende velhos conceitos, adequa-se ou sai do lugar que não quer ficar. Muda-se! Refaz-se e reconstrói-se.

É um corpo próprio, polilógico, polifacetado, polidimensional. Faceta de si e do outro, consciente do espaço que ocupa no mundo. Consciente de quem é. Onde está para onde vai. Afetado no afeto, ou na falta dele. Implicado com as questões identitária, étnica e ética. Corpo que busca o estar e o bem-estar. Que se reconhece homem, mulher, híbrido, LGBTQIA+. Corpo ginga, movimento, grounding, corpo dança, corpo arte em todas as partes. Corpo tambor, baobá, casa, catimbó, que gira na mandiga.

Consciente do que pode ou do que ainda não pode. Corpo em construção de identidades; política, geográfica, histórica, geracional, de gênero, sexual que se posiciona no mundo. Tem reconhecimento de si mesmo, em qualquer tipo de processo, subalterno, colonizado, ou de adestramento. Não é refém do projeto de alguém.

O corpo cognitivo toma como fundamento a multirreferencialidade e a complexidade, a partir dos fenômenos que ocorrem nos movimentos, nas práticas artísticas, e nas memórias corporais praticadas conscientes e inconscientes, hermenêutica constante.

O autoconhecimento para o corpo cognitivo dos cabelos aos pés é prerrogativa sine qua non, para reconhecer o que se constitui na vida do pretérito, no momento e para o planejamento de um possível futuro. Refazer e avaliar conceitos e hábitos de lugares cheios e vazios de certezas, da escolha da religião, dos hábitos de alimentação, do que liga, religa ou te afasta do outro, repulsa ou predileção. Conhecimento de quem te fez e de como continua a se fazer na sua existência terrena. Corpo cognitivo se apresenta, se olha de frente, de frente com o seu próprio olhar e do olhar do outro, seu espelho. Olha seus erros e acertos, medos, frustrações e com seu não saber. Erra, pede desculpas e recomeça.

É si mesmo, mas não é si mesmado, se reconhece no outro e faz parte integrante do mundo, da natureza sua e do ambiente. É responsável pelo movimento em seu entorno. Sente-se capaz e outorga essa capacidade também no outro. Corpo inclusivo, não incluso. Corpo deficiente, sadio e eficiente. Corpo diferentes sem igual, corpo estranho. Corpo que falta e se completa no que tem consciência que tem. Corpo sem modelo e sem padrão.

Corpo Cognitivo é Corpo Deus, corpo outro, mendigo, corpo chão e céu, corpo rico e pobre. Corpo nós nos outros. Não é maior e nem menor que o outro, busca seu lugar em sua existência. Reconhece os saberes e limites impostos. Corpo principalmente EU, ser humano que pensa indivíduo em sua totalidade. Corpo com religião e sem religião, corpo capaz de difundir o que sabe e de aprender o que não sabe.

Corpo biomorfo, com forma tridimensional, apropriado, descolonizado. Corpos que se relacionam a partir da epistemologia da arte, performance, movimento e do processo criativo nos diversos aspectos: temporal, territorial, histórico, social e cultural. Para se manter viva a memória na contemporaneidade e fortalecer a identidade pessoal, a autoestima, a autoimagem e a intersubjetividade. Corpo cognitivo em permanente construção e desconstrução. Esses corpos em suas inúmeras vivências são Ciências nas experiências como enfatiza Varela (2003):

No momento desejamos simplesmente enfatizar a profunda tensão hoje existente entre ciência e experiência. Hoje em dia a ciência é tão dominante que concedemos a ela a autoridade de explicar, mesmo quando ela nega exatamente o que é mais imediato e direto: nossa experiência cotidiana imediata. Com isso, a maior parte das pessoas tomariam como verdade fundamental a explicação científica da matéria/ espaço em termos de coleções de partículas atômicas, enquanto trataria o que é dado na sua experiência imediata, com toda a sua riqueza, como algo menos profundo e menos

verdadeiro. Ainda, quando relaxamos no imediato bem-estar físico de um dia ensolarado ou da tensão física de uma corrida ansiosa para pegar um ônibus, essas explicações de matéria/espaço esvanecem no background com abstratas e secundárias. Quando é a cognição ou a mente que estão sendo examinadas, a recusa da experiência torna-se insustentável, até mesmo paradoxal. A tensão vem à tona, especialmente nas ciências cognitivas, pelo fato de estarem no entrecruzamento das ciências naturais e ciências humanas. Consequentemente as ciências cognitivas são como Janus, pois olham ambas as vias simultaneamente: uma de suas faces está voltada para a natureza e vê os processos cognitivos como comportamento. (VARELLA, 2003, p.p.18)

Essa é uma verdade fundante para o ser humano com Corpo Cognitivo saber da sua humanidade e do seu conhecimento. Verdades imperativas para sair e entrar das encruzilhadas da vida. Incluir-se no pensamento cotidiano criando oportunidades incansáveis para o bem viver.

EPISÓDIO 4 - FUNDAMENTAÇÃO DAS EPISTEMOLOGIAS PARA CORPO COGNITIVO

Foto 4 – Multirreferencialidade



Fonte: Arquivo da pesquisadora

[...] quer dizer que no lugar de buscar um sistema explicativo unitário [...] as ciências humanas necessitam de explicações, ou de olhares, ou de óticas, de perspectivas plurais para dar conta um pouco melhor, ou um pouco menos mal, da complexidade dos objetos. (ARDOINO, 1998d, p. 4)

[...] análise multirreferencial das situações das práticas dos fenômenos e dos fatos educativos se propõe explicitamente uma leitura plural de tais objetos, sob diferentes ângulos e em função de sistemas de referências distintos, os quais não podem reduzir-se uns aos outros. Muito mais que uma posição metodológica, trata-se de uma decisão epistemológica. (ARDOINO, 1995a, p. 7)

4 CONSCIÊNCIA CORPORAL E ANÁLISE COGNITIVA: ONTOLOGIA MEMORIAL E ARTERAPÊUTICA

4.1 Corpo processo de análise cognitiva: policorpo fenômeno filosófico

Interrogar os fenômenos que nos acontecem não é uma prática muito presente no dia - a- dia. A contemporaneidade, o apelo econômico, a globalização, a busca pela tecnologia e a cibernética têm distanciado os seres humanos da reflexão de corporeidade e Corpo Cognitivo.

Mesmo já entendendo que corpo e mente não são separados, ainda vemos a prevalência da razão sobre a emoção, da mente sobre espiritualidade. Debates filosóficos da grande influência platônica (428-347 a.C.), idealismo/materialismo, do hilemorfismo de Aristóteles (384-322 a.C.) e da visão judaico-cristão Santo Agostinho (354-430 d.C.) entre outros. Dicotomia que persiste até nos dias atuais.

Sendo assim, durante séculos o corpo esteve ligado a normas de controle, de referência de culturas hegemônicas, de visão idealista e atualmente influenciado por padrões midiáticos, corpo baseado em modelo único. O trabalho com o Corpo como processo de Análise Cognitiva aspira construir conhecimento filosófico dos fenômenos vinculados a expressão e aos movimentos perceptivos.

À Corporeidade está ligada diretamente as dimensões psíquicas, físicas, espirituais, culturais e étnicas raciais. As conquistas, os aprendizados vivenciados, saberes e identidade étnica são fatores que possuem influência direta e indireta na identidade individual e na formação de si. Pressupostos que compõem os corpos vinculados com outros corpos através da linguagem, pensamento e vivências.

A concepção policorporal da abordagem Psicocorpoética traz reflexão sobre os fenômenos polilógicos da construção do corpo dos seres humanos na diversidade filosófica e epistêmica do conhecimento. Posto isso, alicerçar o conhecimento não apenas na Filosofia

Ocidental, mas na Filosofia do povo do Sul³ e na Filosofia Africana⁴ que dão notoriedade ao saber de vários povos e apropriação cognitiva para cada ser. O que implica buscar a filosofia além da grega romana para enriquecer o acesso da cosmovisão. (GALEFFI, 2017).

Dessa forma, enfatizar diferentes contextos e promover trocas práticas onde o pensamento seja expresso através da linguagem e narrativas que contem sobre as versões de vida e de existência. “O perceber e o pensar são afetações do vivido no vivente. Pensar consiste em afetar-se como corpo pensante vivente. Um corpo vivo em busca pulsiva de *mais -vida*”. (GALEFFI, 2017, p. 24)

A partir dessa convicção é importante validar o pensamento e as palavras que produzem sentido para elucidar os acontecimentos e compreender quem somos. É inequívoco termos um lugar de expressão do pensamento, por isso é preponderante compreender que o pensamento não existe fora do mundo, nem fora da palavra. Sendo assim o pensamento e a linguagem se dão simultaneamente, o corpo expressa a palavra, a palavra e o pensamento são inseparáveis.

A palavra expressa por cada indivíduo é o conhecimento de si, é a sua verdade representada mediante as linguagens corporais, simbólicas e metanarrativas. Porém a elaboração psíquica que remete a fala não é uma ação muito fácil, é preciso discernir entre acontecimentos colonizadores e libertadores a fim de ensejar a reconstrução da consciência corpórea e se emancipar de tudo que castra ressignificando e politizando seu entorno.

Reinventar corpos sensíveis e cognitivos engendrados na realidade vivida, na transformação social, na contramão da modernidade global, fora das racionalidades etnocêntricas e dos preconceitos eurocêntricos é fundamental para evitar o silenciamento dos corpos e destacar a cultura e a ancestralidade. Essa movimentação prática e energética que tem como suporte a Análise Cognitiva que incide diretamente sobre o policorpo transduzindo a leitura empírica de significados e de sentidos das experiências da vida. É necessário pensar sobre os papéis que exercemos em nosso corpo/ policorpo, pensar em pequenas coisas que nos

³ É referência da epistemologia do Sul Global de Boaventura de Sousa Santos que resgata e valoriza os conhecimentos, experiências, práticas e saberes próprios dos povos do Sul. A epistemologia do Sul questiona o pensamento abissal do colonialismo, imperialismo e do capitalismo que resume os saberes e culturas do povo do Sul ao Ocidente como epistemologia dominante. Boaventura propõe a valorização dos lugares, descolonização do saber e ecologia dos saberes entre outros.

⁴ Segundo o nigeriano K.C. Anyanwu, a filosofia africana é “aquela que se preocupa com a forma como o povo africano do passado e do presente compreende o seu próprio destino e o do mundo no qual vive”

constituem, mas que são estruturantes para reencontro em si, detalhes decisivos como; tempo que temos, o olhar para o interno que cruza com sintonia ou sem sintonia para o mundo extremo, o tocar, o sentir, o ouvir e o amar. Como Sousa (2003, p. 103) esclarece:

La mémoire corporelle est construite avec la sensibilité du corps même, par le regard, la voix, les sensations tactiles, olfactives, d'écoute... Cette mémoire est construite au travers des histoires individuelles et collectives vécues, selon un apprentissage dont les marques imprègnent le corps et restent dissociées de la pensée rationnelle habituellement exigée dans l'apprentissage scolaire.

A consciência desse processo cognitivo inaugura novas aprendizagens, linguagens, percepções de mundo e declara a forma que o indivíduo atua na vida. Ao empossar a própria consciência e o seu valor, o corpo retoma a memória de velhos hábitos e práticas limitantes, fazendo os indicativos de outros caminhos e novas relações de afeto consigo e com o outro.

4.2 Epistemologia do Corpo Cognitivo

As reflexões a respeito do Corpo- próprio, do pensamento sobre a poética corporal, a percepção, os movimentos, as performances artísticas e o que significa cada corpo são perquirições constantes para quem estuda a Epistemologia do Corpo. Reflexões como: Qual é o lugar do corpo nos espaços de convivência e saberes: Escolas, Universidades, Faculdades, Família, enfim na Sociedade como todo? Como o Corpo é incluído? Quais as temáticas voltadas para o Corpo individual? O que se ensina para e com o Corpo? Esses e tantos outros questionamentos que precisamos fazer para entender como o corpo se constitui nos espaços de saberes fundantes para a construção da episteme do Corpo Cognitivo.

O filósofo Merleau-Ponty (1999) apresenta a Epistemologia do Corpo sinalizando os processos corporais e a linguagem do corpo como caminho para o conhecimento, para a cultura ligada a vivência, ao mundo e as coisas, mas nunca fechados em si mesmo. Perceber o Corpo e tudo que está a sua volta é parte integrante da experiência e da vivência de cada indivíduo no lugar de existência e do devir.

As questões entorno do Corpo Epistêmico e do Corpo Cognitivo atravessam a história antiga e contemporânea nas mais diversas culturas. São variabilidades que ajudam a pensar sobre e com o corpo para entendê-lo e reconhecê-lo através das múltiplas Ciências da Cognição

tomando como ponto de partida a própria significação do corpo, revelada pelo indivíduo que nele habita.

Para que possa acontecer essa revelação é fundamental o registro do sentimento dos Corpos dos indivíduos, pois o corpo é o lugar da origem das coisas, da desestruturação, da lógica posta e da repetição.

A memória e o pensamento registrados no corpo devem provocar sensações afetivas de alegria, tristeza ou frustração que podem ser expressas pelo construto das emoções. Estas passam pela consciência e se manifestam por meio de movimentos e linguagem, possivelmente tornam os momentos da vida mais perceptivos para a sua totalidade interior, produzindo no indivíduo um sentimento novo de ser ele mesmo.

Pensar o corpo nessa perspectiva decolonial é considerar a verdade trazida por cada indivíduo dentro da sua singularidade reverberando a construção simbólica de sentir e ser afetado na relação com os outros e com o mundo. Assim

[...]surge um corpo-mente, um corpo que fala sem necessitar de palavras, um pensamento corporizado ou incorporado. No entanto, para que essa corporalidade surja parece que não deixa de ser preciso que o pensamento e as palavras estejam lá numa primeira instância. (MADEIRA,2018, p.99)

Essa premissa filosófica recusa os princípios tradicionais da verdade e razão, propõe desconstrução de verdades únicas, suscita a inclusão de realidades múltiplas, subjetivas e corporificadas. Verdade encarnada, possível e desejada. Para Foucault (2011) o conhecimento é possível quando a verdade aparece e é constituída pelo sujeito da história.

[...] procurei encarar essa mesma questão das relações sujeito/verdade sob uma outra forma: não a do discurso em que se poderia dizer a verdade sobre o sujeito, mas a do discurso de verdade que o sujeito é capaz de dizer sobre si mesmo (...). (FOUCAULT 2011, p. 5)

Nessa perspectiva, o corpo todo é próprio, é corpo de conhecimento e tem lugar no mundo. O Corpo Cognitivo é corpo decolonial e corpo polissêmico, de compreensão polilógica de sentidos, multifacetados, de curso antissimétrico, que busca transformações, mudanças e questiona a axiologia e ontologia do que está posto historicamente para os corpos como legítimo. Longe de enquadramentos ou padrões dogmáticos, estrutural, racional ou positivista estabelecidos. Como esclarece Josso (2008 p. 30,31):

Às vezes me ocorre perceber todo o meu corpo, ou parte dele, numa geografia que pouco tem que ver com as representações anatômicas codificadas, que são apenas um nível de realidade, mas não toda realidade conhecível. Esse treinamento é preciso, pois, progressivamente, meu corpo – este eu -matéria – torna-se, graças à consciência da consciência, um “eu somato-psíquico”, que é uma fonte de informações

significativas, tanto sobre minha história presente como sobre minha história passada (espécie de memória celular e/ou dos tecidos), dando-me acesso a zonas de minha história de ser humano que a reflexão intelectual não pode favorecer.

Ter o mapeamento da biografia Cognitiva do Corpo torna esta relação mais objetiva, para apreensão e compreensão do conhecimento nele encontrado. A fim de transmutar de uma realidade pré-estabelecida para outra de sua escolha mais consciente e significativa. As modificações possivelmente são percebidas nas performances, nas execuções de trabalhos materializados, na poética do corpo e no conhecimento de si /outro que vai se formando coletivamente. Através das metanarrativas, da escuta de cada história pautada no que é mais relevante para cada Policorpo dando lastro para consciência de vários conteúdos não tratados anteriormente, porém armazenados nos Corpos. O corpo,

[...] portanto, é já uma metafísica, uma lógica, uma moral e uma ética. Lembrar do que é o corpo é re-viver o que já fomos, não mais da maneira do mesmo, mas da forma do inusitado e do insólito, pois o corpo é sempre uma mutação que permanece o mesmo e que desaparece, ao descobrir-se o Mesmo. O corpo é uma alteridade por definição, pois ele escapa da armadilha da identidade recalçada para se abrir à aventura do contato e da transformação. (OLIVEIRA,2007, p. 11)

O discurso sobre o corpo é estruturado por meio da linguagem ou metáforas simbólicas que expressem os sentimentos advindos do próprio corpo. A arte facilita a entrada no psiquismo humano por infinitas oportunidades que ocorrem nas vivências da arteterapêutica. A arte também oportuniza as pessoas saírem da caricatura e da imagem idealiza de si mesmas para compreender a própria realidade. (JUNG, 2011)

Ainda, segundo Jung (2011) a arte poética revela traço da vivência íntima e pessoal do indivíduo que se submete ao processo criativo. A criação artística está entrelaçada com a vida no momento em que o corpo é submetido a uma vivência. Este coloca para fora sutilezas implícitas ou explícitas da maneira de ser, do jeito de conviver e se relacionar com o outro, a despeito do tema e da condução proposta.

A expressão revela conteúdos muitas vezes inconscientes, a pessoa não tem domínio e nem conhecimento do evento, do sentimento registrado em seu íntimo. A arte revela na experiência criativa, desvela e anuncia possivelmente conteúdos que o indivíduo normalmente não faria contato se não fosse por meio da linguagem artística, pois lhe é possibilitado criar e descobrir algo novo.

Sendo assim, o ser humano se permite e sustenta numa ação de olhar mais integrado e consciente voltado para sua beleza interna. Representada tanto na materialização física dos

resultados dos trabalhos propostos como na realização simbólica e criativa da arteterapêutica, dos movimentos e expressões corporais que geram sensações, ideias, criatividade, descobertas e até mesmo a solução de problemas.

Dá existência real aos sentimentos e desejos, refazer imagens concedidas por determinada situação, muitas vezes negativas, oportuniza ao indivíduo estabelecer nova relação com suas fantasias e ideações. Passando de um estado de espírito por atuação transformadora e esclarecedora dos próprios atos descobrindo valores muitas vezes escondidos. (Urrutigaray 2003)

A arte atua terapeuticamente na liberação das emoções transformando conteúdos subjetivos e factivos em realidade expressiva que são remetidas a questões de possibilidade e constatação de fatos por meio de performance, movimentos, criatividade, inteligência, emoção e imaginação produtiva. A Arte é um instrumento de fundamental relevância para conduzir os seres humanos ao conhecimento voltado para as particularidades mais intrínsecas e conscientes.

A arte

[...] tem o poder de ampliar nossas capacidades para além dos limites originalmente impostos pela natureza. A arte compensa algumas de nossas fraquezas inatas, nesse caso mais mentais do que físicas, fraquezas que podemos chamar de fragilidades psicológicas. [...] a arte é um meio terapêutico que pode ajudar a guiar, incentivar e consolar o espectador, permitindo-lhes evoluir. (ARMSTRONG, BOTTONN, 2014, p. 5)

A arte, a performance, o movimento e o processo criativo nos diversos aspectos temporal, territorial, histórico, social e cultural são de suma importância para se manter viva a memória no corpo, fortalecer a identidade pessoal, autoestima e a intersubjetividade. Todos esses aspectos epistemológicos e a literatura já produzida nos auxiliam a entender e cientificar o conhecimento sobre o corpo, assim como pontua Barnsley (2008-2013, p.8):

Atreverse a comunicar desde la vitalidad y la sabiduría del cuerpo através de creaciones basadas en la acción y en la danza y también com escritos. Que nazcan de la experimentación vital, apoyados en la necesaria investigación teórica, donde hablemos finalmente acerca de las conexiones fundamentales y naturales existentes entre el instinto y el intelecto, entre lo sensible y lo científico.

Os seres humanos têm dimensões complexas e pluridimensionais, a arte é um instrumento de fundamental relevância para facilitar que a expressão e a comunicação dos conteúdos inconscientes e conscientes sejam mais acessíveis.

A construção de processo criativo a luz da análise cognitiva, análise pelo criador supostamente irá revelar sentimentos armazenados, transformados em criação e imagem

concreta. O aporte na arte e na performance corporal são pressupostos para alcançar o Corpo epistêmico. Entendendo que os corpos se constroem juntos nas trocas e no lugar de sustentação entre o eu e o outro. Esse dueto de espelho do outro com suas próprias experiências é lugar de aceitação, de pistas, de caminhos para sua redenção, reconhecimento próprio e apropriado. Assim

[...] gradualmente, ocorre a alquimia da arte, resignificando identidades estigmatizadas e marginalizadas, compondo constelação somático-performativas cristalizadas que se perpetuam no espaço tempo. Estar em sintonia somática tem mostrado caminhos sensíveis de lidar consigo mesmo, (...) compartilhar experiências e contribuir para uma abertura poética e participativa numa contemporaneidade realmente diferente. (FERNANDES, 2018, p.95)

Portanto, Corpos libertos das estruturas preconizadas, corpos decolonizados, que dizem de si mesmo, descontroem a razão e a verdade imposta pelo outro. Corpos epistêmicos, encorajados se encontram com a própria fala, reatualizam o pensamento e o sentimento.

4.3 Neurociência Cognitiva ponte fundante para o Corpo cognitivo – Caminhos para evocação.

Escritos recuperados de médicos do Egito antigo, datando de quase 5 mil anos atrás, indicam que eles já estavam bastante cientes de muitos dos sintomas de lesões encefálicas. No entanto, também está claro que, para eles, o coração, e não o encéfalo, era a sede do espírito e o repositório de memórias. De fato, enquanto o resto do corpo era cuidadosamente preservado para a vida após a morte, o encéfalo do morto era removido pelas narinas e jogado fora. O ponto de vista que sugeria ser o coração a sede da consciência e do pensamento permaneceu até a época de Hipócrates. (BEAR, 2017, p. 5)

“O homem deve saber que, de nenhum outro lugar, se não do cérebro vem a alegria, o prazer, o riso e a recreação, e a tristeza, melancolia, pessimismo e as lamentações. E então, de uma maneira especial, adquirimos sabedoria e conhecimento, e vemos e ouvimos para saber o que é justo e o que não é, o que é bom e o que é ruim, o que é doce e o que é sem sabor... E pelo mesmo órgão tornamo-nos loucos e delirantes, e sentimos medo e o terror nos assola... Todas essas coisas proveem do cérebro quando este não está sadio... Dessa maneira sou da opinião de que o cérebro exerce um grande poder sobre o homem.” (Hipócrates, Da Doença Sacra, IV A.C)

O uso do termo Neurociência é recente, datado em 1970, porém os estudos do cérebro humano são de muitos anos atrás, desde a filosofia Egípcia, antes de Cristo. Estudo multidisciplinar que combina todas as áreas que pesquisam o cérebro, comportamentos mentais, e o sistema nervoso. O estudo da Neurociência está concebido em campos específicos e métodos diversificados como a Neurofisiologia, Neuroanatomia, Neuropsicologia, Neurociência comportamental e a Neurociência cognitiva.

Nesse sentido, compreender a mente humana e as características inerentes a cada indivíduo faz da Neurociência área de conhecimento sine qua non para a sociedade científica.

A história demonstrou claramente que compreender como o encéfalo funciona é um grande desafio. Para reduzir a complexidade do problema, os neurocientistas o fragmentaram em pedaços menores para uma análise sistemática experimental. Isso é denominado abordagem reducionista. O tamanho da unidade de estudo define aquilo que é frequentemente denominado nível de análise. Em ordem ascendente de complexidade, esses níveis são: molecular, celular, de sistemas, comportamental e cognitivo. (BEAR, 2017, p.13)

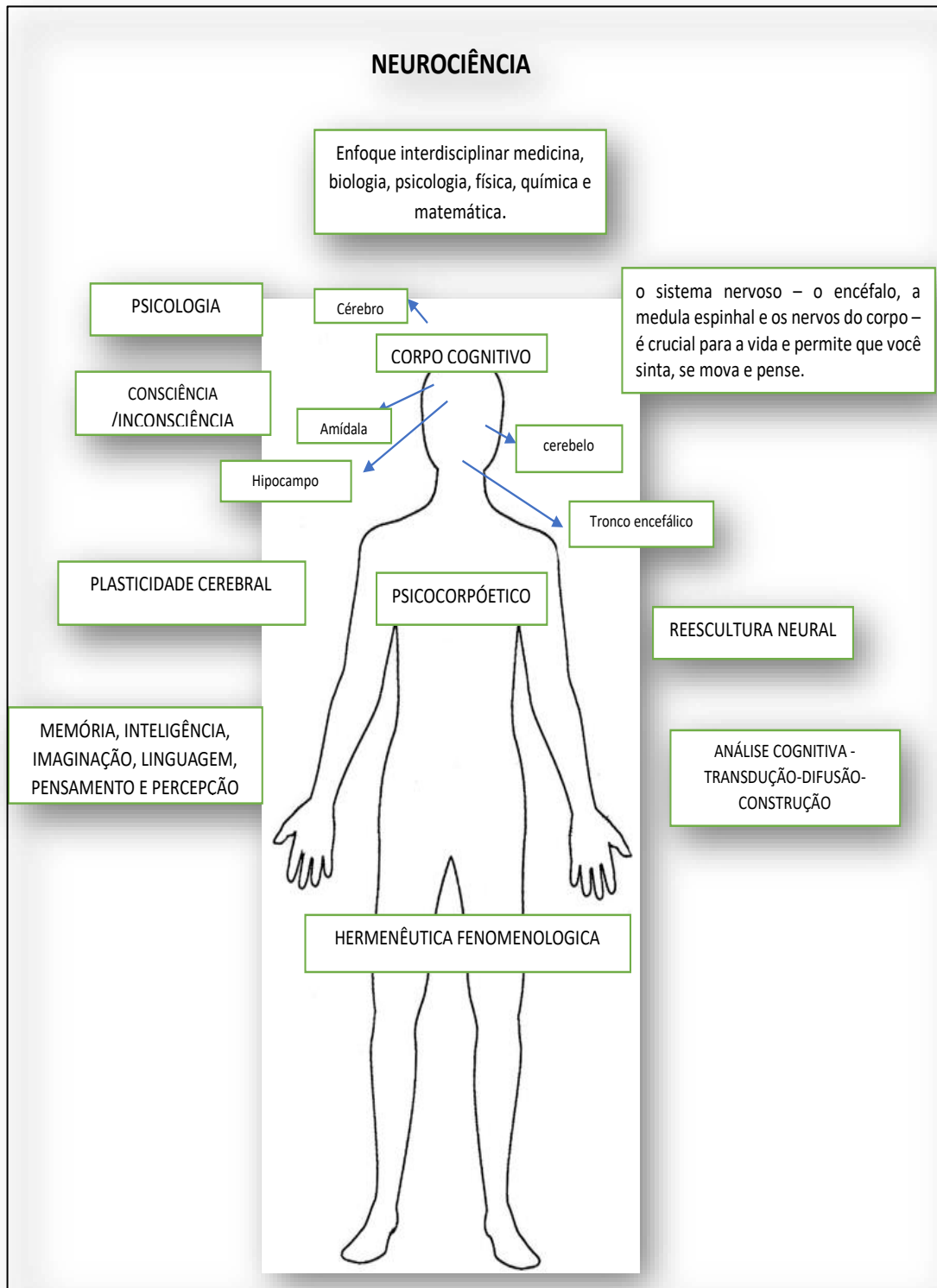
Para a investigação do Corpo Cognitivo a Neurociência Comportamental contribui com os aspectos dos estudos do humor, do sonho e do comportamento. Pesquisa como os sistemas neurais trabalham e produzem comportamentos integrados nos processos mentais, na consciência que envolve todos os fenômenos de nossas ações, nos aspectos motores e psicológicos. Assim como a Neurociência Cognitiva com o estudo de como os seres humanos adquirem conhecimento por meio das experiências sensoriais que são responsáveis em registrar os fenômenos e percepções, conduzindo-as para o cérebro nos níveis mais complexos da mente humana e sistema nervoso transformando-as em conhecimento.

Os fenômenos cotidianos afetam o cérebro e seu desenvolvimento. A Neurociência propicia compreender as mudanças de comportamentos no que diz respeito ao sentimento, memórias, inteligência, imaginação, linguagem, pensamento e percepção.

Essa ciência estuda o funcionamento do sistema nervoso e proporciona o entendimento de quem somos e do Corpo cognitivo. Assim, os indivíduos que se propõem a ter mais conhecimento a respeito da corporeidade cognitiva nas dimensões fisiológicas, psicológicas e espirituais provavelmente terão mais facilidade em agir sobre o seu pensar com o corpo compreendendo melhor o seu sistema nervoso.

A Neurociência por ser interdisciplinar inclui várias áreas do conhecimento, conforme figura 1, para compreender como funcionam o sistema biológico, as ideias, o pensamento e as mudanças de comportamento, a introspecção e a percepção dos fenômenos vividos. Apropriar-se desses conhecimentos deixa homens e mulheres mais capacitados para domínio da sua individualização.

Figura 1 Neurociência



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Sendo assim, compreender o desenvolvimento desde a infância e de como o cérebro foi programado é essencial para transformar o que está consolidado, para poder escolher sair do lugar e transpor uma crença antiga e sedimentada.

Por esses motivos aprender sobre o Corpo Cognitivo ativando a memória e o processo de reescultura neural, com auxílio da Psicocorpoética, elucida no corpo os componentes da Neurociência sobre o conhecimento de si mesmo e o que está em torno do afeto, do humor, da temporalidade, dos sentimentos, da linguagem, dos movimentos e do pensamento.

A plasticidade cerebral nos permite revisitar e refazer nossas ideias sedimentadas e mudar a visão sobre determinados conteúdos. Além de nos proporcionar compreender a não linearidade dos fenômenos da vida e a fractalidade que carregamos em nossos corpos ancorados na ancestralidade e posterioridade. Constituindo novas sinapses, possibilitando novas informações, lembranças e conhecimentos armazenados ou novos. À vista disso:

[..] A sinapse tem dois lados: o pré-sináptico e o pós-sináptico. Esses nomes indicam a direção habitual do fluxo de informação de “pré” para “pós”. O lado pré-sináptico geralmente consiste em uma terminação axonal, ao passo que o lado pós-sináptico pode ser um dendrito ou soma de outro neurônio. O espaço entre a membrana pré-sináptica e a pós-sináptica é chamado de fenda sináptica. A transferência de informação através da sinapse de um neurônio para outro é chamada de transmissão sináptica. Na maioria das sinapses, a informação que viaja na forma de impulsos elétricos ao longo de um axônio é convertida, na terminação axonal, em um sinal químico, que atravessa a fenda sináptica. Na membrana pós-sináptica, esse sinal químico é convertido novamente em um sinal elétrico. O sinal químico é chamado de neurotransmissor e fica estocado nas vesículas sinápticas dentro da terminação, sendo liberado destas na fenda sináptica. Como veremos, diferentes neurotransmissores são usados por diferentes tipos de neurônios. Essa transformação da informação, de-elétrica-para-química-para-elétrica, torna possível muitas das capacidades computacionais do encéfalo. Modificações desse processo estão envolvidas na memória e no aprendizado(..). (BEAR, 2017, p.85)

Esses conhecimentos admitem não só estabelecer novas sinapses como também acessar as memórias a despeito de antigos e recentes aprendizados e informações. Na memória estão registrados os aprendizados e, quanto mais acessamos mais recordamos.

No cérebro estão as recordações, podemos lembrar de fatos bons e lugares que deixaram lembranças felizes, um cheiro, uma comida, um passeio, outrossim frustrações, desencantos, submissões e humilhações. Ao entrar em contato com o acervo de memórias que fazem parte de cada indivíduo que caracterizam as particularidades dos fenômenos vivenciados.

A memória nos remete ao passado e a evocações ancoradas na ancestralidade, não só individual, mas coletiva e nos identifica com a tradição, cultura e a personalidade trazida nos traços marcantes da experiência vivida.

A memória é feita de fragmentos dispersos, às vezes sem nexos; submisso aos caprichos da reminiscência, elaborada pelo jogo da lembrança ou do esquecimento, a memória é fugitiva. Ela surpreende e invade por baforadas, de forma sincopada, o

sujeito que se lembra. A memória, novamente a memória familiar é sobretudo uma história. (LEMOS, 2000, p. 9)

Os corpos registram o que sentem e recordam sem palavras nas fendas das emoções, deixadas silenciosamente no inconsciente, ou em uma lembrança acionada por um objeto que traz recordação de algum acontecimento, sem necessariamente saber a que se refere.

A memória ancestral é o atravessamento de toda a história na formação dos corpos para além do biológico. Essa é fundante para compor o quadro da identidade individual das gerações, tradições, práticas ritualistas e saberes que pertencem ao corpo. Nas narrativas são resgatadas as histórias de vida e é elucidada no espaço e no tempo a memória que faz, refaz os contextos histórico-culturais emocionais de uma pessoa e dos seus enlaces familiares.

A ancestralidade fortalece a riqueza de diferentes inclusões, de várias conexões culturais, paterna, materna, canções, religiões, vozes, sentimentos e emoções. “O corpo é mais que uma memória. Ele é uma trajetória. Uma anterioridade. Uma ancestralidade. Por isso é preciso fazer o movimento da volta, mas volta não é retrocesso. É movimento descontínuo e polidirecional”. (OLIVEIRA, 2007, p. 62)

O corpo compõe as vivências e as narrativas das pessoas, expressa quem é essa pessoa no mundo por meio de suas subjetividades e entendimento próprio, apropriado da ancestralidade através da competência que terá acionado suas evocações sinápticas contidas nos cérebros.

EPISÓDIO 5 - PRÁTICAS EPISTEMOLÓGICAS/COGNITIVAS - VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS PSICOCORPOÉTICAS

Foto 5 – Metodologia Psicocorpoético



Fonte: Arquivo da pesquisadora

As situações experienciadas no campo foram tão intensas – do ponto de vista psicológico e sociológico – que não foi possível manter a “clássica” relação entre sujeito e objeto (aquela prevista nos livros e manuais) [...] A abordagem multirreferencial, enfim, nos abre a possibilidade de traçar um novo caminho no processo de elucidação dos fenômenos sociais, rompendo com a posição epistemológica desenvolvida ao longo da modernidade.⁵ Podemos dizer que esse rompimento restaura o espaço de sentido de cada participante da relação e nos permite pensar esse espaço restaurado como circunscrevendo o discurso de um *sujeito falante* – tanto para aquele que se diz pesquisador como para aquele que é olhado como objeto – libertando o homem da sua condição de objeto. (Martins, 2004, p.8 e 9).

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS

5.1 Sociopoética logos para Psicocorpoética

A Sociopoética foi criada em 1993 pelo pesquisador Doutor em Ciências da Educação, Mestre em Filosofias e em Ciências Políticas Jacques Gauthier. A Sociopoética é baseada em várias epistemologias educacionais a partir da aprendizagem da complexidade de Edgar Morin (1986) e da interculturalidade baseada nas lutas contra o colonialismo francês da Nova Caledônia do povo Kanak. Considera também a energia do corpo e da natureza particularmente presente nos povos que foram colonizados, seja no Pacífico, no Oriente, na África ou nas Américas. (GAUTHIER, 2012)

A Sociopoética abrange os saberes populares, ancestrais e tradicionais dos povos que lutam contra as opressões coloniais e o imperialismo da ciência, considerando a complexidade, a inter e transculturalidade, a inter e transdisciplinaridade.

Os estudos nos grupos Sociopoéticos levam em consideração, não apenas, a racionalidade das interpretações, mas também o emocional, a intuição, a imaginação, a sensibilidade a partir da cultura, das maneiras diferentes de sentir e ver o mundo. A inclusão que abrange o corpo inteiro, gestualidade, expressão da palavra, do dito consciente e inconsciente, na força política e espiritual do grupo. A Sociopoética surge num contexto para além das abordagens clássicas das pesquisas acadêmicas e, pretende incluir outros fluxos para além da racionalidade. Dessa forma,

Metodologicamente, realizamos uma “análise por categorização” dos dados em grandes “categorias” que se opõem, diferenciam, conforme a tradição analítica do pensamento eurodescendente. Depois, ao avesso, relacionamos o que a análise separou, no assim chamado “estudo transversal” dos dados, que dá um ponto de vista mais “oriental”, ou “feminino” sobre esses dados, ao privilegiar o elo sobre a distinção: muitas vezes o estudo transversal toma forma de poemas, individuais e/ ou coletivos. Depois vem a análise filosófica: o facilitador coloca essa produção em diálogo com as teorias, academicamente valorizadas, dos pensadores da área. (GAUTHIER, 2012, p. 83).

O método privilegia o não dito, o inconsciente, valora o que está nas entre linhas, acessado pela linguagem não verbal do corpo por linguagem artística. O material trazido da prática, do cotidiano junto ao grupo-pesquisador que tem a intenção de construir conhecimento científico elaborando problemas filosóficos e conceitos para haver entendimento da questão posta no grupo.

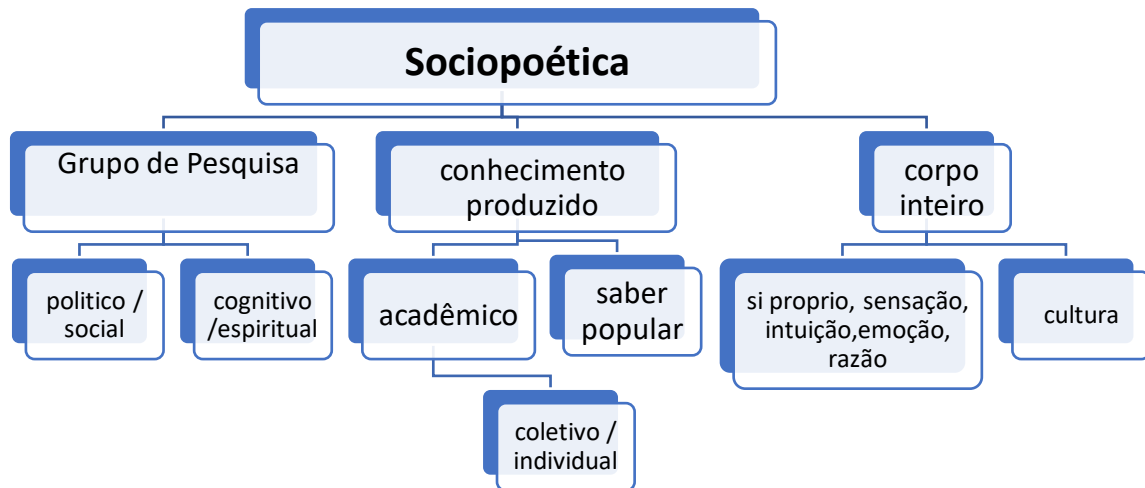
A Sociopoética tem como foco de pesquisa as ciências do ser humano e da sociedade, nas áreas de Educação e Enfermagem. Na Educação faz suporte na obra de Paulo Freire (2005), Círculos de Cultura, dialogicidade, e noção de conscientização. Grupos Operativos de Pichon-Rivière, (1989) à Análise Institucional e à Socianálise (1993). Assim, escuta a voz dos oprimidos, estimula o pensar, educar e cuidar, respeitando os diversos mundos e diferentes opiniões.

Juntar o acadêmico e aos saberes dos copesquisadores com o desejo, vontade e liberdade de cada participante do grupo sociopoético é uma grande meta de investigação e cientificidade. Dessa forma, na Sociopoética “muitos saberes não expressam com palavras, por terem sido recalçados nos ossos, músculos e nervos por opressões diversas ou por pertencerem à ordem do silêncio, do sagrado ou da dança”. (GAUTHIER,2012, p.74)

Para o trabalho do método da Sociopoética acontecer Gauthier (2012) sugere alguns passos pensados por ele, nominados ABC ortográfico e conceitual. O **Confeto** é o trabalho que considera a razão e o afeto. A **Contra-análise** é o momento crítico da apresentação do problema, divergências e sugestões de novos Confetos. E outras técnicas, como relaxamento, diário de itinerância, inspiração artística, poemas, desenhos etc. A escolha do tema gerador pode ser negociada, pode ser proposta pelo facilitador como “um problema de uma pesquisa acadêmica ou pela instituição hóspede da pesquisa, como pesquisa ação”. (GAUTHIER,2012, p. 80)

O trabalho realizado no grupo-pesquisador, quando é apresentado pelos participantes, não tem uma definição nos resultados de certo ou errado. Não há uma opinião majoritária ou diretiva, todos são acolhidos em seu saber e atravessados por múltiplos horizontes culturais. Daí acontece o reconhecimento mútuo e a junção entre os saberes popular e o acadêmico. Assim como esquematizado no Diagrama figura 2 a seguir:

Figura 2: Sociopoética



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A Sociopoética está em toda a pesquisa com as premissas principais do método e acrescida de outros passos metodológicos que estou denominando Psicocorpoética. Na qual haverá os aspectos psicológicos também baseados na Psicologia Junguiana (Sombra, persona, arquétipos, inconsciente coletivo, símbolos e individuação). Conforme o quadro 2, Psicologia Junguiana de Carl August Jung conceito e definições da abordagem.

Quadro 2- Psicologia Junguiana

Conceito	Definição
SOMBRA	A sombra é considerada o mais importante arquétipo por ser o centro do inconsciente pessoal, concentra o que há de melhor e de pior do ser humano, suas tendências, memórias e desejos rejeitados. Ela representa aquilo que consideramos inferior em nossa personalidade, como os demais arquétipos possuem o lado positivo e o lado negativo, parte da personalidade reprimida em benefício do ego ideal. A realização da mesma é inibida pela persona
PERSONA	A persona é a forma, máscara como nos apresentamos no mundo, através dela é que nos relacionamos com os outros, nela estão inclusos nossos papéis sociais, assumidos com o objetivo de sermos aceitos pelo mundo. Persona é derivado da palavra latina equivalente a máscara, se refere às máscaras usadas pelos atores no drama grego para dar significado aos papéis que estavam representando. As palavras "pessoa" e "personalidade" também estão relacionadas a este termo.

ARQUÉTIPOS	Constituem a base dos complexos, são os componentes estruturais do inconsciente coletivo, estes criam imagens que correspondem a alguns aspectos da situação consciente. Jung usou o termo para se referir aos modelos inatos que servem de matriz para o desenvolvimento da psiquê. Os principais arquétipos são a persona, a anima e o animus, a sombra, e o self. “Os arquétipos são por definição fatores e motivos que ordenam os elementos psíquicos em determinadas imagens, caracterizadas com arquetípicas, mas de tal modo que podem ser reconhecidas somente pelo efeito que produzem” (JUNG in 4, p. 29).
INCONSCIENTE COLETIVO	Base da psiquê na qual reside a memória da humanidade, passada historicamente de forma intermitente de geração para geração padrões de comportamento de um passado ancestral, é universal antecede, logo, o próprio nascimento. É a estrutura base da psiquê comum a todos os homens. Nele é encontrado uma porção mínima de conteúdos experienciados de maneira pessoal, não são construções individuais, são essencialmente os mesmos e não variam de homem para homem.
SÍMBOLO	Símbolo é uma representação arquetípica do inconsciente. Os símbolos se evidenciam através dos sonhos das artes, da natureza, das mais variadas imagens é uma criação inconsciente em resposta a uma problemática consciente. Motivo pelo qual os psicólogos, na maioria das vezes, falarem de símbolos unificadores ou símbolos que integram elementos psíquicos contrários. Símbolos vivos, ou que estão envolvidos com a situação consciente do indivíduo, e símbolos de totalidade que são essenciais à realização do self. Os símbolos têm existência real, porém são expressivos de alguma coisa intensamente viva.
INDIVIDUAÇÃO	Processo que significava tornar-se um ser único, alcançar uma singularidade profunda, tornando-nos o nosso próprio Si-mesmo. Consciência de um indivíduo que se individualiza ou se diferencia dos outros. Ser realmente um ‘individuum psicológico’, ou seja, transforma-se em uma unidade autônoma e indivisível, se tornando uma totalidade.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Paralelo a Teoria Junguiana estará também a Teoria de Análise Corporal de Alexander Lowen a Bioenergética que nos brinda com o conhecimento sobre o Corpo e as emoções. Aspectos que estão ligados desde a concepção até a fase adulta de cada pessoa. Os fundamentados de Grounding, Couraça, Respiração, Movimento, Consciente e Inconsciente que também fizeram parte da pesquisa no processo de análise. Os mesmos estão elencados no quadro 3 da Abordagem de Análise Corporal Bioenergética de Alexander Lowen.

Quadro 3- Teoria Bioenergética

Conceito	Definição
Grounding	Base, enraizamento, pés na terra na realidade. É o processo energético em que um fluxo de excitação percorre o corpo todo, da cabeça aos pés.
Couraça	É o resultado da sedimentação da musculatura que causa a desconexão da consciência com o aqui e agora. É a perda do sentir, da percepção e das vivências corporais. Tensões musculares crônicas.

Respiração	A respiração sinaliza nosso estado e bloqueio emocional. Aliada ao movimento, reduz e elimina tensões musculares.
Movimento Corporal	Leva à liberdade dos corpos, proporcionando escolhas próprias mentes pensantes e questionadoras.
Consciente/ corporal	Consciência Ter consciência do próprio corpo. Entender, sentir e pensar. Saber, conhecer, ter percepção de fenômenos externos, processos mentais e os ambientais.
Inconsciente	Conteúdo desconhecidos no qual não há luz da consciência.
Bioenergética	“A Bioenergética é uma técnica terapêutica que ajuda o indivíduo a reencontrar-se com seu corpo, e a tirar o mais alto grau de proveito possível da vida que há nele”. Lowen (1982, p. 38)
Autoconhecimento	Nesse processo a respiração profunda ajuda na liberação de energia que é necessária para o movimento de mudança, para o enfrentamento do medo e da redução do nível de tensão no corpo. É encontro com seu verdadeiro EU.

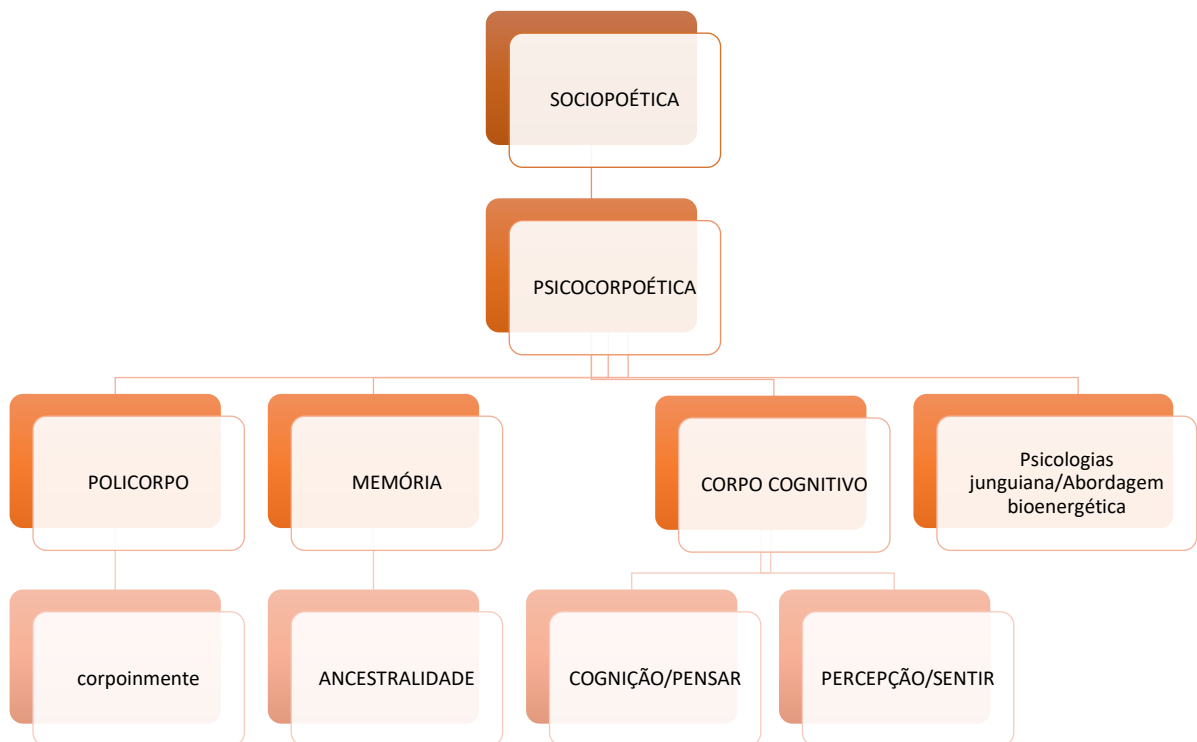
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A Psicocorpoética está ancorada no método da Sociopoética, levando em consideração as questões psicológicas/psíquicas do corpo na busca do Corpo Cognitivo. Bem como o suporte teórico da Análise Cognitiva (Froes, 2012), Abordagens de Análise Corporal Bioenergética, Teoria Analítica Junguiana, performance e Memória. Esses novos conceitos associados a Sociopoética para encontramos a Psicocorpoética, juntando-se a ancestralidade, cultura, arteterapêutica e o conceito Policorpo, que são contrapontos para as abordagens da Bioenergética e Teoria Junguiana que não abordam os conteúdos mencionados.

A metodologia criada traz o conceito de Policorpo que é o entendimento dos papéis sociais, culturais, ancestrais, familiares, étnico, de gênero e orientação sexual nos quais o corpo está inserido. Esse conceito nos leva a questionar os entendimentos dos corpos em seus respectivos papéis e a maneira que cumprem suas personas em suas vidas. Será pelo viés da libertação, emancipação conquista e autonomia ou por meio da subalternidade, colonização, servidão ou adestramento? Como é construída ou destruída a autoestima corporal? Quais as memórias que o constituem?

A perspectiva Policorpo promove a reflexão sobre questões emocionais como ferramentas para alcançar e definir Corpo Cognitivo. Na figura 3 a seguir, estão as principais etapas metodológicas que dão lastro para entender o Corpo Cognitivo:

Figura 3: Princípios Metodológicos



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A pesquisa foi baseada em questionamentos prévios e em outros que surgiram a partir da metodologia coadjuvante hermenêutica/fenomenológica⁵ que aconteceu nos encontros do grupo focal de movimento corporal e produção criativa autorais. Esses trabalhos tiveram como

⁵ Nesta proposta, quer dizer uma postura, uma maneira de entender e expressar a percepção sobre os acontecimentos que ocorreram entre os sujeitos envolvidos nas vivências, compartilhadamente, (...) na solidariedade entre os saberes e as ações. discursos fotográficos, Londrina, v.11, n.18, p.97-117, jan./jun. 2015 | DOI 10.5433/1984-7939.2015v11n18p97

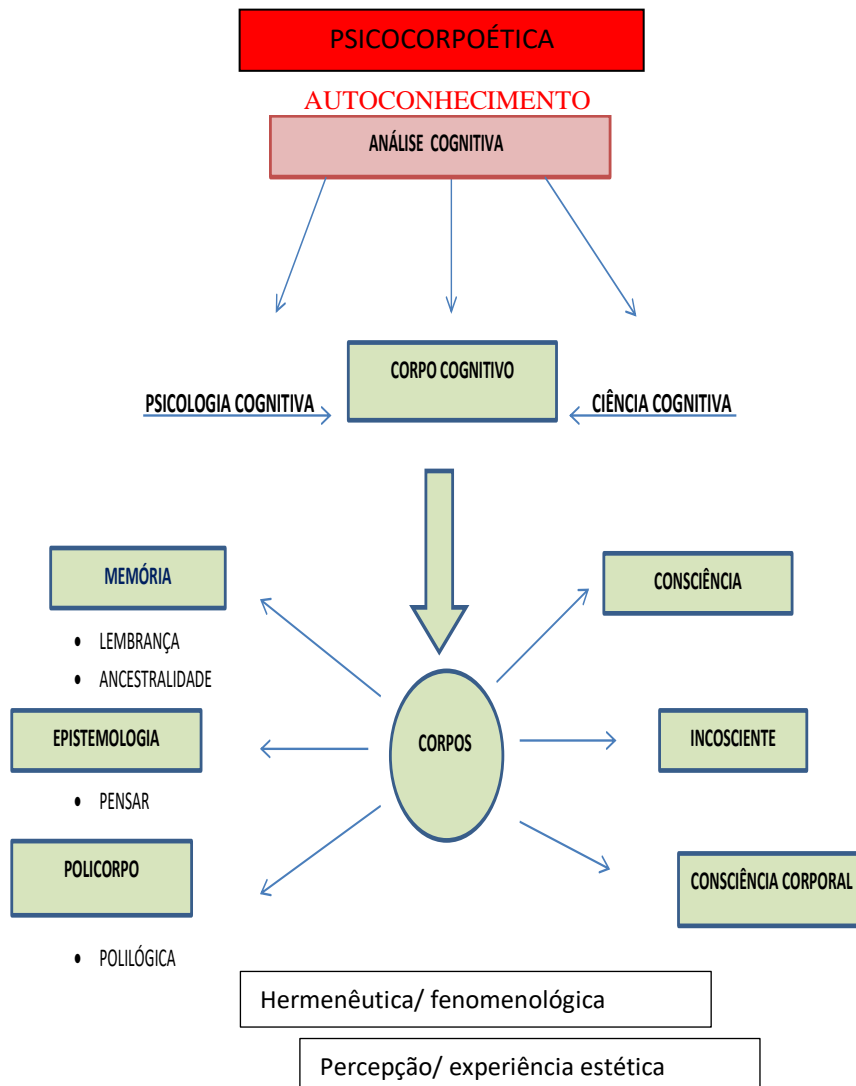
objetivo observar, analisar cognitivamente e registrar a relação corporal na produção artística desenvolvida por orientação de técnicas da arteterapêutica, no que diz respeito à presença de símbolos, atitudes, expressividade individual e coletiva. Os membros do grupo se ajudaram mutuamente, pois cada história complementou e auxiliou a constituição das narrativas e das lembranças.

[...] cada ser humano é quem é, um indivíduo diferente de qualquer congênera, graças justamente, à memória; a coleção pessoal de lembranças de cada indivíduo é distinta das demais, é única. Todos recordamos nossos pais, mas os pais de cada um de nós foram diferentes. Todos recordamos- e geral vaga, mas prazerosamente- a casa onde passamos nossa primeira infância; mas infância de uns foi mais feliz que a de outros e as casas de alguns desafortunados trazem más lembranças. Todos recordamos nossa rua, mas a rua de cada um foi diferente. Eu sou quem sou, cada um é quem é porque todos lembramos de coisas que nos são próprias e exclusivas e não pertence a ninguém. Nossas memórias fazem cada ser humano ou animal ser um único ser, um indivíduo. (ISQUERDO,2018, p. 2)

A pesquisa é um conjunto de ações organizadas sobre os participantes do grupo investigado a fim de compor um repertório e encontrar uma resposta para um problema. Nesse propósito buscar informações, recolher dados para responder, sanar ou solucionar a questão aqui apontada - Como o corpo pode ser matriz da análise cognitiva por meio da memória e da arteterapêutica? Para responder a essa indagação utilizei técnicas de abordagem terapêutica de movimentos, expressões corporais, vivências e experiências presentes ou passadas. A construção de processo criativo se deu à luz da análise cognitiva que revela sentimentos armazenados em nossa mente de forma consciente ou inconsciente transformando os fenômenos emergentes em criação e imagem concreta.

Dessa forma, o método “é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”. (LAKATOS& MARCONI, 2003, p.83). Assim a investigação seguiu através de passos científicos que envolveram a criação, sensibilidade, cotidiano e narrativas de vida que eram cuidadosamente interpretadas e analisadas cognitivamente. Como esbocei na figura 4:

Figura 4: Análise Cognitiva



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A Psicocorpoética está coadunada com a Análise Cognitiva e é compreendida como um “triplo campo teórico-epistemológico-metodológico que estuda o conhecimento a partir dos seus processos de construção, tra(ns)dução e difusão”, [...]. A difusão será realizada através dos trabalhos vivenciados e experimentados no grupo de pesquisadores/grupo focal de movimento corporal e em outros grupos. A fim de propagar a experiência com outros corpos para que possam sair da margem da colonização e se libertarem para novas perspectivas. (FROES, 2012, p. 65)

Esses processos são ações livres e criativas, a depender da memória e da permissão da consciência para narrar. Os relatos desdobram com a complexidade que cada pessoa carrega, seguidos de sentimentos, lembranças alegres e tristes. Galeffi (2009, p.198) alerta que:

Princípios são meios de sustentação de uma articulação constitutiva de uma relação criadora com o sentido humano habitado ética e poeticamente. Metodologia é o movimento de construção da morada poética e ética do humano: o caminhar do florescimento (...). Os princípios metodológicos são: a coexistência de diferentes níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a epistemologia da complexidade. A Metodologia é o caminho de realização de um educar transdisciplinar, no sentido de uma modelagem da ação livre e criadora, sem limites impostos por organizações hierarquizadas e por relações baseadas na autoridade externa.

Crendo nesse corpo como Ente cognitivo, começamos a percorrer o caminho projetado na perspectiva Psicocorpoética que tem como finalidade investigar o corpo como matriz da Análise Cognitiva por meio da Memória e da Arteterapêutica para Difusão do Conhecimento.

A Psicocorpoética é uma abordagem Psicocorporal Teórica Metodológica que tem eixos fundamentados nos acontecimentos fenomenológicos dos corpos envolvidos no processo de autoconhecimento que proporciona um mergulho em si. Ocorrerá em grupos de 6 a 10 pessoas para juntos realizarem a Análise Cognitiva transduzindo as narrativas individuais e coletivas respeitando a cosmovisão e a geopolítica de cada pessoa do grupo.

É importante que o entendimento e interpretações das recordações sejam realizadas principalmente pela própria pessoa do corpo, que se apropria da sua intelectualidade e subjetividade que se refaz no momento coletivo com sua memória, ancestralidade e cultura. O corpo que buscou rota de fuga psíquica para amenizar as dores de não ser, de não aguenta ser, de não poder ser ou mesmo de ser impossibilitada por alguém ou alguma coisa.

As vivências são realizadas nos mais diversos grupos de abordagem Psicocorpoética que desejam pensar com e para o Corpo Cognitivo, tem o objetivo de promover o acesso e fortalecer o conhecimento armazenado no corpo, potencializar suas competências para viver bem de forma livre, respeitosa, segura e autêntica. Dessa maneira, apreender, analisar e pesquisar sobre si mesmo, reconstruir o caminho do encontro consigo mesmo e fazer as pazes com a própria memória.

As memórias esquecidas, abandonadas, ignoradas e bloqueadas têm no trabalho da Psicocorpoética a oportunidade de serem acessadas e narradas através das múltiplas poéticas da Arteterapêutica, dos Movimentos corporais e da Bibliotecoterapia, reconstituindo as experiências vividas traumáticas, positivas ou negativas, mas, estruturantes para novas narrativas, comunicação e reconhecimento psicoemocional.

Esse ensejo redefine a imagem e humanidade das pessoas, perdidas no silenciamento da história desumanizante que subalternizaram corpos de mulheres homens e crianças. A proposta evoca o corpo como território primeiro da existência humana se admitindo competente das corporeidades insurgentes.

Os corpos na Psicocorpoética são atravessados por suas potencialidades ancestrais e culturais não só da cosmovisão mais da cosmopercepção⁶ respeitando a individualidade e a história, garantindo a existência, a fala, o pertencimento e a territorialidade consubstanciada com a vida.

Em síntese a abordagem Psicocorpoética como teoria metodológica de trabalho criativo, educativo e terapêutico que abarca a Análise Cognitiva e a Arteterapêutica como suporte para o entendimento do Corpo Cognitivo será orientado pelos seguintes passos:

- **Psicocorpoética** – É uma proposta educacional, curricular, política, teórica-metodológica e sobretudo psicoterapêutica. Para que os corpos sejam incluídos, discutidos e estudados em encontros, eventos, congressos, seminários, reuniões, espaços de saberes formais, comunitários, grupos de movimentos presenciais e virtuais. O trabalho é vivencial realizado com corpo vivo, ente cognitivo, nas dimensões física, espiritual e emocional, que se cura em si, através da memória, ancestralidade, cultura, autopoiesis⁷ e arteterapêutica.
- **Metodologia Psicocorpoética** – Abordagem Educacional Teórica Metodológica Corporal do acontecimento na ação, reflexão e ressignificação por meio dos corpos em movimentos.
- **Como?** - O trabalho acontece com grupo de pessoas que se ajudam mutuamente através de temas, leituras, técnicas psicoterapêuticas, vídeos, dramatizações, movimentos e performances corporais. E atividades da arteterapêutica prevista na Psicocorpoética.
- **Com quem?** Essa abordagem pretende auxiliar no processo de cura, aprendizagem, formação de professoras/es, autoconhecimento e nas reflexões acerca da submissão, subalternidade e

⁶ O termo 'cosmopercepção' é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. Neste estudo, portanto, 'cosmovisão' só será aplicada para descrever o sentido cultural ocidental e 'cosmopercepção' será usada ao descrever os povos iorubas ou outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos (OYĚWUMI, 1997, p. 3)

⁷ **Autopoiese** ou **autopoiesis** (do grego auto "próprio", poiesis "criação") é um termo criado na década de 1970 pelos biólogos e filósofos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios.

colonialidade dos corpos que atuam na contemporaneidade, corpos de crianças, mulheres, homens e idosos.

A proposta toma como princípios dialéticos os acontecimentos, as ações narrativas pessoais para a construção coletiva da compreensão, contestação e reformulação dos episódios dispostos para o Corpo Cognitivo. As etapas são epistemológicas para as vivências Psicocorpoéticas e seguem os episódios numa sequência espiralada de entendimento e execução da metodologia da Psicocorpoética.

- **Episódio 1 - Corpo próprio e apropriado** – É se reconhecer no corpo que possui e entende as práticas limitantes que não permitem se apropriar de quem se é. Ser no mundo, ser si próprio na coletividade e se perceber Ente cognitivo. Apropriando-se de suas potencialidades, dificuldades e possibilidades.
- **Episódio 2 – Transduzir** - É levar através de: trans (através) e aduzir (levar)⁸. É movimentar o sentido das ideias através sons, escrita, pensamento, expressão corporal, imagens e desenhos. Por intermédio da ação de ler, perceber, sentir e entender o corpo próprio no percurso da vida. Ter consciência dos fatos que ocorreram ao longo da vida, acontecimentos que bloquearam ou deslancharam seus processos emocionais. Transduzir o que colonizou seus corpos, o que limitou o seu pensar e o que o fez repetir cenas que o impossibilitou ser feliz. Transduzir a dimensão da fractalidade corporal, ancestral e cultural do Policorpo
- **Episódio 3 – Análise Cognitiva** É pesquisar, difundir, transduzir a autoria do saber corporal. Reflete a teoria que age na ação e ressignifica o entendimento dos corpos cognitivos na circularidade dos acontecimentos fenomenológicos e civilizatórios. Na análise cognitiva os corpos são considerados multirreferenciados na ordem emergem das atividades práticas e que se reconhece na coletividade.
- **Participantes** – De 6 a 10 pessoas.
- **Apoio/ Difusão do conhecimento** – Bibliotecoterapia, fundamentação teórico-prática arteterapêutica e os movimentos corporais.

⁸ <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/transduzir/6837/>

- **Considerações** - Levar em conta o conceito Policorpo⁹, ente cognitivo, análise cognitiva, teoria das ciências cognitivas para entender com responsabilidade e cuidado com os corpos que pretendem se descobrirem ou redescobrirem cognitivamente.
- **Conclusão** - Não há conclusão para fechar o processo de uma vida, é sempre contínuo para quem permite e tem coragem para deixar o corpo falar de si mesmo. O trabalho pode ser organizado em dez encontros ou mais, o que pode provocar conforto ou instabilidade emocional.

No processo Psicocorpoético os corpos devem chegar à conclusão do que precisam para seguir se autodescobrindo. Muitas vezes os participantes devem procurar a ajuda de um profissional de Psicoterapia ou da Práticas Integrativas de Saúde, pessoas que tenham responsabilidade e formação adequada para continuar o processo de autoconhecimento dos corpos que começaram a pensar sobre si. Nem sempre o processo é fácil e tranquilo, há desdobramento que o grupo não tem condições de amparar para análise, associações e encaminhamentos. O respeito com o corpo e a história do outro é bem inestimável, a análise não deve ser feita por adivinhações, achismos e ou aconselhamentos.

A proposta visa começar a incluir o corpo nas diversas atividades a partir de questionamentos como; quem e como é aquela pessoa que está no grupo, como pode ser incluída e não invadida ou comentada. O trabalho mais profundo deve ser conduzido por um profissional que estuda o Corpo, tenha formação Psicoterapêutica e também se submete a processo de autoconhecimento.

Quando trabalhamos com o corpo muitas coisas podem emergir e ser novidade também para o dono do corpo, são desdobramentos inesperados, portando a responsabilidade e o cuidado na condução é muito importante para quem conduz também entender o seu limite e não sugerir ou fazer interferência inapropriadas ou inadequadas. A Psicocorpoética é uma introdução para começar a pensar com leveza, filosofia e análise de si para estartar a inclusão

⁹ É o entendimento dos papéis sociais, culturais, ancestrais, familiares, étnico, de gênero e orientação sexual nos quais o corpo está inserido. Corpo de mulher filha, mãe, tia avó, sobrinha, estudante intelectual, dona de casa, solteira, casada, amante, heterossexual, homossexual, bissexual, transsexual, assim por diante. Mesma condição para homens, rapazes, moças, meninos e meninas. Esse conceito nos leva a questionar os entendimentos dos corpos em seus respectivos papéis e a maneira que cumprem essas personas em suas vidas. Será pelo vícios da libertação, emancipação conquista e autonomia? Ou por meio da subalternidade, colonização, servidão ou adestramento? Como é construída ou destruída a autoestima corporal? Quais as memórias que o constituem?

do corpo no lugar que ele estiver. Para tanto a ética, o limite e a prudência são imprescindíveis. Essa introdução pode ser feita na escola, na mudança curricular, em espaços multirreferenciais de educação formais e não formais.

Psicocorpoética método de trabalho criativo, educativo e terapêutico

Reflexões Psicocorpoética para um Corpo Cognitivo

- Reconhecer a si mesmo nos processos subalternos, colonizadores, adestradores, emancipatórios e libertadores.
- Entender seu Corpo sem língua e começar buscar no corpo o lugar de fala.
- Narrativas pessoais e coletivas - lugar político da própria existência
- Entender como sua cultura foi, ou é fragilizada e como isso afeta seu corpo
- Atingir o cerne do viver dos povos a que pertence e que se origina.
- Investir incansavelmente no AUTOCONHECIMENTO

Orientações para pensar sobre, com e para o CORPO

- Ter atenção e olhar para o corpo, corpo do corpo e corpo no corpo
- Ligar-se ao corpo, sentimentos e emoções
- Cuidar do CORPO nas perspectivas física, emocional e espiritual
- Saber quem é seu Corpo no mundo e para o mundo
- Potencializar o corpo e suas competências
- Validar-se e se reconhecer merecedor/a
- Evitar se comparar, entender sua existência única valiosa e sem réplica
- Incluir-se na sua lista de afazeres
- Construir ou reconstruir sua autoestima
- Questionar quais são as dores recentes ou antigas que o atingem e bloqueiam seu caminhar na vida
- Viver para você e com o outro
- Refletir o que faz realmente para você em sua vida
- Definir quais são os investimentos

Sozinho(a) ou em grupo refletir e responder sobre:
RESPONDA COMO VOCÊ IMAGINA OU SENTE QUE SEJA

- Como se sente no seu próprio corpo?
- Seu corpo já foi incluído? Como e quando?
- Quando seu CORPO não foi incluído? Qual foi o sentimento?
- Como é ter e estar em um corpo negro? Gordo? Magro? ETC...
- Como lida com essa existência?
- O que você entende por CORPO COGNITIVO?
- Qual o conceito que você tem sobre o seu ser mulher, homem e LGBTQIA+?
- O que pensa sobre você mesmo nessa persona de mulher, de homem e LGBTQIA+?

Corpo Cognitivo, Memórias, Movimentos e Ancestralidade

- Quais as memórias familiares, ancestrais que seu corpo possui?
- Onde estão essas memórias no seu cotidiano?
- Quais são as marcas ancestrais que traz no seu corpo?
- Faça uma trajetória memorial e ancestral de quem é você na sua vida. Entenda a Constelação Familiar a qual está envolvida/o. Que energia, repetições e postergações que estão presentes nos seus processos cotidianos que imbricam suas relações amorosas, na sua vida financeira, nos laços de amizades e na projeção intelectual.
- Tem consciência de suas marcas ou imagina tê-las? Já pensou sobre isso?
- Na sua vida quem foram os/as heróis/nas?
- Quem foi o anti-herói?
- Como eles te ajudaram ou te atrapalharam em sua vida?
- Como percebe seu corpo hoje?
- Seu corpo é um projeto seu ou do outro?
- Como pode trazer seus próprios conhecimentos corporais para se ajudar em sua vida?
- Quais as barganhas e negociações que faz para sobreviver? Será que na contrapartida nega quem é você?
- Quais as doenças que insiste em ter? E usa como caminho de sofrimento e boicote de si? (Aqui não são as doenças orgânicas, patológicas, mas as psicossomáticas e a potencialidades que dá a cada uma delas)

Corpo Cognitivo, percepção, tempo e espaço

- Perceber o corpo
- De onde vem?
- Quem é você?
- Qual a cor da sua pele?
- Como são seus movimentos corporais na vida?
- Se percebe em seu entorno, no espaço e no tempo?
- Tem propriedade sobre estas questões no seu corpo?

Reconstitua os pedaços e os inteiros de quem é você.

- Identidade do CORPO/EU
- Apoie-se na Bibliotecoterapia
- Escolha livros que possam aprofundar e te ajudar nos temas que mais o aflijam. Busque resposta no sentimento e na Ciência.
- Faça atividades corporais que incluam a respiração e meditação. Baseado na Análise Terapia Bioenergética ou na abordagem terapêutica que preferir.
- Desenhe, escreva, crie, pinte. Registre para lembrar, reparar, recuperar, reconstituir memórias, sentimentos, dores, ansios, alegrias e conquistas.
- Busque ajuda de um profissional, Terapeuta, Psicoterapeuta, Psicólogo, principalmente se o caminho ficar muito difícil para caminhar e seguir sozinho, peça ajuda!
- Invista na sua espiritualidade, energize seus caminhos com a força de seu interior, conecte-se com o que tem de mais precioso seu EU SUPERIOR.
- Não perca de vista que você é a NATUREZA e a NATUREZA é você, preserve e cuide do planeta que você está e faz parte de você.
- Registre, ou fale sempre o que sente. Viaje, encontre com verdadeiros amigos, cante, dance, tome banho de mar, rio ou lagoa, namore, cozinhe, leia, escreva, crie, faça arte, invente ou faça outra coisa não prevista aqui. Sempre cuidando do seu corpo.
- Explore seu corpo, investigue um lugar que existe em seu corpo que nem você mesmo conhece. Registre novas descobertas, desafie suas possibilidades.
- Cuide-se, priorize-se, acompanhe as mudanças do seu corpo, respeitando-as e valorizando-as.
- Mantenha-se bem, com autoestima, autocuidado, autoimagem, autoconfiança, autorrespeito

Conecte o inseparável corpo e mente, corpo e alma, corpo e espírito. Associando ao físico, emocional, cultura, ancestralidade, memória, social e conhecimento de si mesmo e do outro.

Pratique a alteridade, outricidade, empatia e a gratidão!

- Decolonize o corpo, para se ver, se ler, se reconhecer, se escutar, se olhar, se perceber, se aprender, se amar, se sonhar, se querer e se refazer se caso seja necessário. Defenda seu Corpo da submissão, dos preconceitos e das desumanidades.
- A **Psicocorpoética** não pretende ser um manual de autoajuda. É um processo de autoconhecimento do eu e o outro, o outro e o eu, juntos na coletividade, no grupo na ação fenomenológica. Não é processo estanque, passageiro, instantâneo e muito menos mágico. Processo que respeita a vida toda e as ligações culturais e ancestrais.
- A **Psicocorpoética** defende a territorialidade que não homogeneíza, mas, que destaca as características individuais dos grupos pertencentes mesmo sendo semelhantes, com interesses parecidos são corpos diferentes, necessariamente não do mesmo grupo étnico, porém que lutam com suas particularidade e singularidades ajudando -se mutuamente. Portanto, os negros não são iguais, os brancos não são iguais, os indígenas e os LGBTQIA+, crianças, mulheres homens, pessoas com deficiência todos têm sua individualidade, seu pensar, seu Corpo Cognitivo único, sem repetição que armazenam suas riquezas conhecidas ou escondidas.

Auto-Poiésis do Corpo Negro

É preciso atentar para o que vejo. Em qualquer direção que se olhe vê-se um corpo. O que se vê não é uma questão. De fato, ver algo é um dado; uma ação neurológica. A questão que se coloca, pelo contrário, é quais os sentidos e significados daquilo que vejo e daquele que vê? A relação do olhar é de corpo-à-corpo, isto é, trata-se sempre de uma relação de alteridades corpóreas e, por isso mesmo, inter e trans-subjetiva. Isto significa que a fonte dos significados não pode estar nos corpos pois eles são a fonte do sentido. Um corpo sente.

O corpo sofre a ação dos significados a ele atribuídos. Ele sofre a invasão de signos que se apropriam de seu território como metáfora e cria-se efetivamente um corpo de metáforas. Um corpo é uma construção cultural, por isso ele é território dos sentidos. Sente na sua pele os apelos do mundo e sofre em sua extensão o amálgama da cultura. O corpo nunca pode ser reduzido a um conceito posto que é território da cultura, portanto, *locus* da experimentação. O corpo, ao mesmo tempo, significa e é significado, interpreta e é interpretado, representa e é representado. O corpo é, ao mesmo tempo, índice, ícone e símbolo. Daí que o corpo não é apenas um organismo biológico, mas um tecido cultural. O Corpo é a máxima realidade de um ser. (OLIVEIRA, 2007, p. 67)

5.2 Percurso Metodológico – Psicocorpoético, percepção e vivências

Vivência Corpo Negro

A vivência Corpo Negro teve como objetivo trabalhar as questões que levassem os adolescentes a entender sobre o próprio corpo e se percebessem como negros em seus corpos. Assim como, reconhecer as potencialidades que possivelmente tenham e possam fazer uso para se defender da subordinação política, colonização, violência social e manipulação emocional.

O trabalho foi realizado com dezessete adolescentes, com idade entre treze e dezessete anos, do oitavo ao nono ano de escolarização, de uma Escola da Rede Municipal da Periferia de Salvador. A vivência começou com a apresentação dos alunos/as e da pesquisadora. Foi sugerido que os membros do grupo relacionassem seus nomes a alguns elementos da natureza. Diante da dificuldade do grupo sugeri o nome de objeto.

Ao solicitar esta atividade, pretendia instigar e relacionar o nome próprio a um elemento por saber a sua importância desde a tenra idade, pois a criança aprende essa marca identitária pessoal no primeiro ano de vida. Visto que, é o que firma o indivíduo no mundo social e cultural. Esse registro diz da ancestralidade, da história de vida e familiar, do nascimento, do pertencimento e das tessituras que vão sendo sinalizadas no espaço que ocupa. O nome pode ser o grande marcador dos acontecimentos complexos e diários da vida do indivíduo.

Esses adolescentes já conviviam há mais de dois anos, alguns estudaram na mesma sala, ainda assim apresentaram uma enorme dificuldade em anunciar seus nomes, dizer quem eram eles naquele espaço educativo. Seus corpos não se dispunham a falar sobre quem eram eles/as, não havia laços de confiança, ou quem sabe vínculos estabelecidos, “[...] toda vez que produzimos um símbolo ou assumimos um símbolo grupal, tribal, social ou até universal, tocamos nestes campos internos e mais uma vez os vivenciamos. Os símbolos são a certeza de que estamos vivos”. (NASSER,2003, p. 6)

O grupo estava regado por menosprezo pela fala do outro e havia pouca validação. Não aprenderam a ouvir o outro, todos aparentemente tinham medo de falar para não provocar risos, comentários e gozações. “[...] apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vivido na infância e na adolescência”. Esmerilar o Corpo negro com consciência de quem é você e tudo que vive, certificar o corpo de conhecimento, como estrutura sólida para enfrentar as intemperes social e familiar, seja de que ordem for. É o caminho para se fortalecer contra qualquer proposta de manipulação de corpos submissos e alienados. O indivíduo fortalecido entre os seus será mais forte e digno se si mesmo. (GOMES, 2008, p. 187)

O trabalho em grupo pode dar suporte a criatividade, criar condições para o amparo do que ocorrer em que ordem for, emocional ou social. O grupo pode fortalecer os laços afetivos e encorajar para o enfrentamento das dificuldades, dá a possibilidade da fala, pensando na idade e subgrupos que poderiam ter o vínculo de apoio. Para Cunha (2010, p. 4):

O vínculo é outro articulador que inclui as necessidades comuns e complementares – o diferente, os mecanismos de comunicação e aprendizagem. Pressupõe o descentramento, a empatia solidária e a mútua representação interna. No processo de vínculo aparecem ruídos – os terceiros (fantasias, transferência, expectativas) - e se faz necessário o diálogo franco e aberto.

A solicitação sugerida aos adolescentes de relacionar seus nomes aos animais não tinha nenhuma intenção de analisá-los, mas promover a descontração e verbalização sobre seus corpos. Entre os adolescentes apenas três conseguiram falar (águia/ adolescente de 13 anos, leão/ adolescente de 14 anos, e cadela/ adolescente de 14 anos). Para não os intimidar, não busquei os porquês. O objetivo não era esse e sim ver como se conheciam em suas intimidades, perceber a leveza ou peso que tinham com o conhecimento simbólico de seus corpos no mundo. Nessa perspectiva

O símbolo nos fala de sonhos, conquistas, e crenças amores novos e antigos, paixões que se foram alegria vividas, tristezas sofridas, dores guardadas, segredos da alma,

expressões do espírito. Os símbolos falam e você, de mim, da sua família do seu grupo de estudo e balada, sua cidade, povo, história (NASSER,2003, p. 6).

A adolescente que se intitulou cadela, logo ficou analisando os outros, por isso ou por aquilo dizia:

- Deve ser que escolheram esses bichos porque falam muito, comem muito!

Ou queria decifrar o que significava o animal escolhido pelos adolescentes.

Perguntaram-me por que escolhi tigresa. Cadela não deixou que eu respondesse e logo retrucou:

- Ela é brava!

Eu respondi:

- Acabara de me conhecer!

Perguntei-lhe:

- Baseada em que chegou a essa conclusão? (talvez tenha razão). Não soube responder.

Finalmente respondi:

- Para mim a tigresa é bela e forte, por isso acho que me pareço.

O leão se encorajou e falou:

- O leão tem garra e força. Estou tentando superar o que achavam de mim, dizem que sou feio, a vida toda ouvi isso. Como não acreditar?

Acrescentou:

- Mas, entendo que devemos seguir sem dar tanta importância ao que o outro diz sobre a gente.

Pontuei a importância de entendermos nossos Corpos Negros- Como é ter corpo negro?

-- Como é sentir-se negro? - Como vê seu corpo negro? Alguns disseram como o negro é discriminado na rua, na porta de casa e que entre um branco e um negro quem sempre leva a vantagem é a pessoa de pele branca.

Outros relataram como eles testemunham corpos negros sendo mortos diuturnamente e como falta equanimidade. “As várias maneiras com que as forças históricas infligem no psíquico aos corpos coletivos, e as formas através das quais a violência molda a subjetividade.” A recomendação das mães desses adolescentes é uma só, ESTUDEM! (MBEMBE, 2001, p.187)

O lugar da fala está comprometido, como revelar quem são? A quem? Há um signo de comunicação entre eles, sem fala que se manifesta na massificação de jeitos e trejeitos, danças marcadas, repetidas, iguais que atendem ao mercado musical com a hipersexualização e objetificação sem pensar para e com os corpos.

Porém, ficou muito evidente como a escola está cercada de corpos intimidados por outros corpos, corpos engessados, pelo sistema, acuados pelo medo da violência física e simbólica, até mesmo pelo corpo de alguém que tenha a idade bem próxima a sua, (adolescentes). Dessa forma o

[...] corpo negro, que supostamente não continha nenhuma forma de consciência, nem tinha nenhuma das características da razão ou da beleza. Consequentemente, ele não poderia ser considerado um corpo composto de carne como o meu, porque pertenceria unicamente à ordem da extensão material e do objeto condenado à morte e à destruição. A centralidade do corpo no cálculo da sujeição política explica a importância dada, (...), pelas teorias da regeneração física, moral e política dos negros (...). (MBEMBE, 2001, p. 178)

A etapa seguinte da vivência foi a realização de movimentos corporais, Exercício da Bioenergética, conforme foto 6, uma linguagem não verbal na qual o corpo expressa sentimento, e lugar em que os pensamentos podem se integrar a linguagem corporal. Esse movimento corporal é o contato lúdico, descontraído e vibracional que acontece de maneira espontânea e natural.

Foto 6- Exercícios de movimentos corporais.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

No primeiro trabalho o corpo se mostrou fiel ao que estava posto na fala ou na ausência dela. Não traiu a primeira impressão de corpos colonizados, submissos, criticados negativamente, preconizados na sujeição do comando do outro. Nas consignas para andar por diversas formas e explorar o espaço, houve resistência. Os corpos pouco se moviam, mas ali a presença do adolescente começara a surgir, muito timidamente. Quando foram solicitados os movimentos para expressar ao som da música a interação com seu corpo. Esses não aconteceram. Os corpos permaneceram imóveis, não saíram do lugar, ficaram tímidos, preocupados com a suposta gozação que estava por vir, do julgo e do riso desqualificante. Conforme a foto 7:

Foto 7 - Exercícios de movimentos corporais.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Se o indivíduo não tem o processo teórico e prático da cognição aprendido na escola ou em outras comunidades epistêmicas, fica mais difícil pensar os fenômenos que acontecem em seu entorno. O domínio e a apropriação de pensar com o corpo, ser corpo, acionando a memória ancestral e reconhecendo todo conhecimento que possui e capacita a dimensão do Policorpo. “Pois sem a música, sem a dança, sem o corpo, sem o encanto, sem a natureza, sem a integração comunitária não se faz educação” nem Corpos Cognitivos libertos da subalternidade. (OLIVEIRA, 2007, p. 154)

A cognição é ação efetiva de pensar, capacidade de entender e expressar utilizando várias simbologias culturais, sociais, políticas e psíquicas. A cognição é a interação com o outro, linguagem múltipla, verbal e não-verbal, desenvolvimento conceitual e habilidades perceptivas.

Considera-se também a respeito da cognição o lugar poético da expressão do corpo na dança, no desenho e nos movimentos corporais. Os corpos dos adolescentes, mesmo de maneira tímida, mostraram sinais pretensos de cognição desconhecidos por eles. A adolescência é a fase de construção da subjetividade, da expressão cultural, do protesto, das contradições, de colocar em risco o corpo. Entender corpo como fonte de memória, ancestralidade e de conhecimento o fincará no seu processo identitário. Conforme foto 8.

Foto 8 – Atividade não verbal- desenho



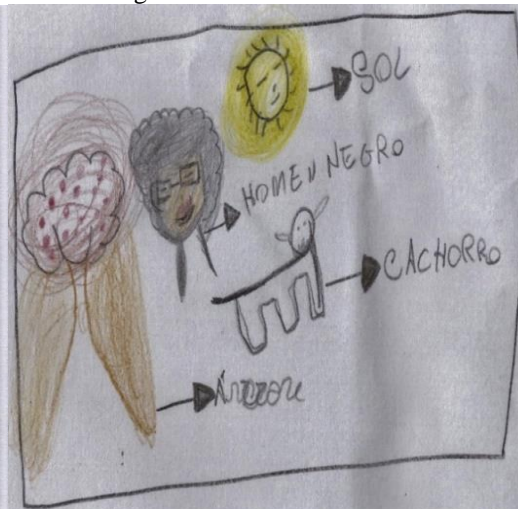
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 5 – Eu e o mundo



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 6 – Eu e o símbolos



Fonte: Arquivo da pesquisadora

O trabalho prosseguiu com solicitação da simbologia dos corpos negros. Os símbolos (figuras 5 e 6) conectados soltos ou encaixados, com significado próprio ou em processo de apropriação e busca incessante de quem si é. O mundo dos adolescentes está sem âncoras e sem raízes. Reagiram como uma novidade. Essa identidade negra, para que? Parece que tudo fica mais difícil quando a proposta é pensar em corpo. Mais ainda, sendo corpos negros, pois é uma inclusão que parece que poucas vezes fora pensado.

A falta de conhecimento do corpo chamou muito atenção, esses corpos fácieis de serem manipulados, comandados por quem quer que seja. Empoderar e apoderar é um trabalho para a Escola também fazer. Os alunos registram que apenas um professor trazia o questionamento enquanto negros no mundo. A inclusão dos corpos negros, da Psicocorpoética como fenômeno corporal ainda não é prática epistêmica no lugar do saber. Incluir e dizer donde vem para onde vai, quem são, de quem são alvo, a serviço de quem estão. A quem interessa estarem sem saber quem são no mundo, viver sem pensar, refletir e questionar a corporeidade?

A vivência proporcionou a revelação de corpos sedentos de fala, de questionamento e saber o porquê das coisas, mas retraídos numa lógica da submissão e do adestramento. Como alunos quase saindo do Ensino Fundamental II não sabem se posicionar corporalmente para dizer quem são no mundo?

O trabalho contribuiu para que os alunos ficassem mais atentos aos seus corpos para saber que é possível pensar enquanto pessoas que podem questionar acerca do que está posto. Foi uma iniciativa que deve continuar ao longo da vida, pois foi a oportunidade de começar a pensar na inclusão dos corpos nos espaços de aprendizagem formal e não formal, iniciar a pensar por si mesmo e pensar com o próprio corpo.

5.3 Corpo Cognitivo, Memórias e Movimento

Sobre a vivência : Corpo Cognitivo

Nesta vivência tive como objetivo desenvolver uma abordagem teórica vivencial para investigar a consciência corporal como matriz de análise cognitiva para o autoconhecimento, a partir da memória, vivências, experiências de movimento, expressão corporal e poética artística.

Tendo em vista que se o ser humano possui a capacidade de ter o domínio cognitivo de si mesmo, possivelmente recupera as informações armazenadas e a capacidade de retomar a memória através de representações simbólicas e significativas. Autorizando assim, a mudança do rumo, das crenças preestabelecidas e dos limites impostos a própria vida.

Estas variáveis compõem cada corpo que influencia outros corpos, pois as histórias se entrelaçam em encruzilhadas de sentimentos e emoções nas partilhas coletivas. Neste sentido açodar a meta para o Corpo cognitivo que é o Corpo que se conhece, sente e sabe de suas potencialidades foi a maior finalidade dessa vivência.

Sendo assim, o corpo em movimento por meio de estratégias performáticas e terapêuticas viabilizaram novas descobertas, criações e sensações poéticas para a liberdade de expressão e criatividade, o que possibilitou juntar o inseparável - corpo e mente, corpo / espírito, corpo/ alma, corpo/memória, corpo/poética/ e corpo/cognição. No trabalho a consciência de si deu-se por meio da Arteterapêutica e da Análise Bioenergética e da contribuição dos participantes para o entendimento do Corpo Cognitivo.

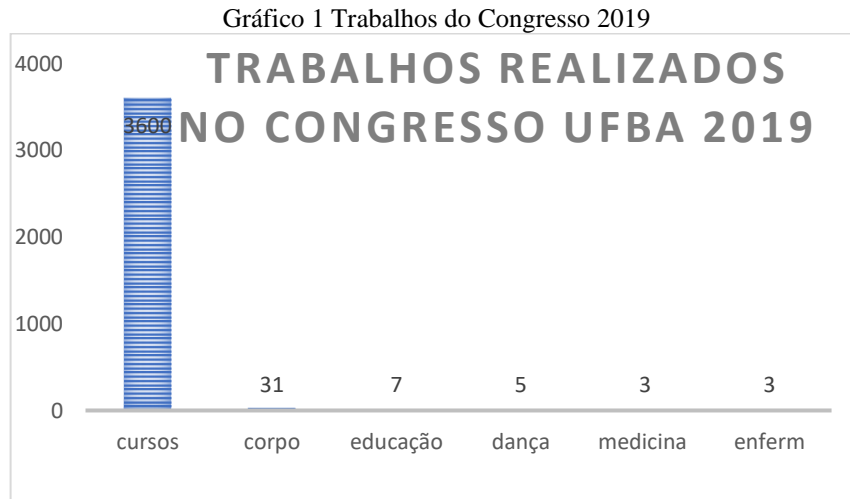
5.4 Contextualização da Vivência

A vivência aconteceu no Congresso Pesquisa, Ensino e Extensão 2019, evento que participei para fazer a prévia da Pesquisa de Doutorado sobre o Corpo Cognitivo. Nesse Congresso foram aprovados mais de 3600 (três mil e seiscentos) trabalhos entre programação de mesas, apresentações, oficinas, exposições e intervenções artísticas.

Conforme o Catálogo de Curso (2019, p.3), entre Mestrado e Doutorado *Stricto Sensu*, a UFBA tem cerca de 87 (Oitenta e sete) cursos. Na graduação, segundo as informações do site <https://ufba.br/cursos>, a UFBA oferece 109 cursos nos Multicampus, possui unidades universitárias em Salvador, Vitória da Conquista e Barreiras. E 36 (trinta e seis) Cursos *Lato Sensu* Aprovadas (2019). No quadro 6 no apêndice A temos um panorama dos trabalhos que foram apresentados no Congresso UFBA 2019 que tratavam sobre o Corpo.

No Congresso em 2019 foram escritos 31(trinta e um) trabalhos com as palavras Corpo, Corporeidade e Corporal nos temas das apresentações. Pesquisei essas palavras como critério para computar onde o Corpo está sendo incluído, discutido e refletido nas mais diversas áreas do conhecimento, por múltiplas razões, o corpo está sendo estudado.

Ainda nos chama a atenção o fato de a maioria dos temas serem de pesquisa em Educação, Dança e Medicina, áreas do conhecimento que o Corpo está diretamente ligado como objeto de estudo. O gráfico1 abaixo nos faz refletir o quanto ainda precisamos de trabalhos/pesquisas com o tema Corpo. Este é alvo de poder e controle além de ser incluído a serviço da manipulação, de processo de alienação e subserviência.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Dessa forma, é urgente o trabalho cada vez maior nas áreas de conhecimento pensando com e para o corpo. Sendo assim,

Não pode avançar-se resolutamente, a não ser quando se toma consciência primeiro da alienação. Por outro lado, não nos dá nada sem nos inclinarmos, por mil caminhos, na sua direção; sem nos iludirmos, seduzirmos e apressarmos-nos através de dez mil artifícios, de cem mil astúcias. Tomar é também, em muitos aspectos, ser tomado. Não basta tratar de desprender-se, acumulando as proclamações ou as negações. Não basta unir-se ao povo nesse passado, onde já não se encontra senão esse movimento oscilante que acaba de esboçar e a partir do qual, subitamente, tudo irá ser impugnado. Devemos dirigir-nos a esse sítio oculto de desequilíbrio, sem o duvidar, porque aí se cobre a sua alma e se iluminam a sua percepção e a sua respiração. (FANON, 2008, p. 237)

Quanto mais profissionais discutindo a possibilidade de existência do conhecimento no corpo próprio, mais informação equitativa dos múltiplos saberes culturais e difusão dos saberes teremos entre nós. Assim, estudar o corpo, redescobrir a cognição que nele existe, enfatizar a humanidade e os direitos a ele garantido, certamente teremos mais pessoas das diversas categorias de profissionais lutando por inclusão, igualdade em espaços e territórios diferentes.

Froes (2012) defende a ideia da realização intensiva em conhecimento através de processos de produção, troca de saberes e práticas nas várias linguagens inclusive a dança, capoeira e outras artes corporais em diversas instituições de aprendizagem que envolvem sentimentos e emoções, etos, culturais.

Para além dessa troca de informação/conhecimento proponho trabalhar o corpo individual/coletivo e a memória ancestral. Antes das trocas subjetivas da cultura, para o trabalho da Psicocorpoética, é preponderante que cada pessoa reveja o sentimento que bloqueou seu caminhar, afetou a autoestima, a impossibilitou, inclusive, de acessar o conhecimento e se

reencontrar, aceitar, conhecer e acessar sua cultura. Se saber e se definir na sociedade que o classifica e o categoriza como pessoas, gênero, raça e conhecimento.

A autora ainda menciona que os espaços multirreferenciais de aprendizagem vão pouco a pouco se impondo como alternativa para superação da ausência de equidade em relação ao poder aquisitivo, direitos básicos e superação da segregação socioeconômica-cultural. Então, trabalhar o corpo Cognitivo é proporcionar o valor notório de cada um e deixar o lugar de expressar os traumas, as dores, a incapacidade e o sentimento de inferioridade que essa relação de segregação deixa em cada pessoa humana.

Esse processo é decolonial e desalienante. Começa quando o Corpo é estudado, incluído e o autoconhecimento é acessado em busca de si mesmo, do bem comum, da natureza e da humanidade. Prerrogativas que precisam ser assumidas por todas as áreas de conhecimento que trabalham direta ou indiretamente com gente, seres humanos e com os corpos. Tendo a preocupação de envolvê-los nas epistemologias multidisciplinar e transdisciplinar para consciência e percepção de si. Pensar anterior ao cumprimento dos direitos básicos, da falta de política pública para o cuidado com outro. Pois muitas vezes, mesmo acessando esses direitos, ficam as sequelas emocionais no corpo da negligência e pelo sacrifício de chegar nas plataformas de conhecimento.

5.5 Realização da vivência

No Congresso UFBA 2019 realizei a vivência com o tema: Corpo Cognitivo, Memórias e Movimento para a investigação da inclusão do Corpo e a construção coletiva do conceito de Corpo Cognitivo com ideias prévias das pesquisas pessoais através de vivências e narrativas.

Percorri vários caminhos para chegar ao meu objetivo de como o Corpo pode ser Matriz de Análise Cognitivo fazendo trabalho com crianças, adolescentes. grupo de pesquisadores, grupo focal e vivências. Iniciei o trabalho vivencial com a apresentação de todas as participantes. Estudantes de tecnologia do campus de Camaçari SESI FIEB- Matemática, Professora de Inglês, UFBA- Interdisciplinar em Artes, UFBA- Pedagogia, UEFS- Mestra em Desenho, Cultura e Interatividade.

A vivência se deu por mediação com os seguintes questionamentos e etapas:

- De onde você vem?

- Quem é você?
- Diga – me uma marca ancestral?
- Uma memória boa. Lembranças e memórias que as constituem.
- O que entende por corpo cognitivo?
- Pensar na inclusão do seu corpo.
- Qual o projeto que seu corpo atende, o seu ou de alguém?
- Trabalho de Corpo
- Criação Arteterapêutica

Logo depois, falei e li sobre Corpo Cognitivo, assim, as interações foram acontecendo. As participantes sugeriram três acréscimos para o compêndio do objeto de pesquisa Corpo Cognitivo. As palavras: ginga, mapeamento e apropriação que foram usadas muitas vezes em seus relatos, maneira pela qual entenderam Corpo Cognitivo.

Pesquisadora

Solicitou as participantes que dissessem qual a expectativa e interesse pela vivência. Como viam seus corpos, como os sentiam no mundo.

Participante 5

- Achei que essa vivência seria muito boa. Me interessei, pois é importante discuti sobre o corpo, o psicológico, as crenças, o emocional principalmente para nós mulheres que a sociedade pressiona e cobra muito, como pode se comportar, como se posicionar e vai além da estética.

Pesquisadora

A participante1 relatou acerca do seu corpo no mundo, como as pessoas a questionam com seus movimentos corporais, alegam que ela se mexe demais, gesticula muito. Então alguém lhe disse:

- Estou na dúvida se está dando aula de inglês ou de dança, você se mexe demais.

Então ela respondeu:

- Isso é uma coisa que não dá para controlar, a gente tem esse corpo que ginga, não dá para explicar está na nossa ancestralidade.

Mas também outras formas da sabedoria corporal faziam-se presentes de modo claro e consciente no ensino do Mestre Bimba. Primeiro, a importância do gingado, que

orienta a defesa e o floreio das mãos, obrigando à flexibilização da coluna vertebral, à movimentação contínua do tronco e dos pés, suscitando o equilíbrio do corpo. Depois, o deslocamento leve dos pés a partir da cintura relaxada, como nos passos do samba. Não à toa, uma modalidade particular dessa dança, o “samba duro”, fazia parte das práticas introduzidas por Bimba. Finalmente, a obtenção de um estado mental lúcido e ritmicamente integrado com a roda, visando à confiança em si mesmo e ao controle do medo. (SODRÉ, 2008, p. 84)

A ginga sempre esteve presente no corpo negro, no corpo sã, que fala, é leve, dança, que joga capoeira, que se apresenta em qualquer ou em todas as modalidades, na acadêmica ou na rua. A ginga é expressão corporal espontânea, livre, mas essa gestualidade foi censurada, retirada do corpo para que ficasse perfilado, endurecido e encouraçado, mas dócil, educado obedecendo o modelo Ocidental.

Nessa mesma lógica a participante 5 fala dos cumprimentos que deve seguir enquanto mulher. Deve seguir regra imposta já planejada antes de nascer, precisa cumprir um rito imposto que diz o que é ser mulher para a sociedade de bons costumes, heteronormativo e cristão, nada pode sair do que está posto. Descumprir a norma significa ficar, ser julgada, discriminada e isolada. Portanto, não gingar.

Foto 9 - Exercício de movimentos corporais.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Pesquisadora

Depois das narrativas da participante 5 e da participante 1, a 2 fez uma interação

Participante 2

-Eu preciso me apropriar dessa ginga, eu prendo meu corpo nos movimentos, não consigo me movimentar, não consigo me soltar e dançar.

Os corpos foram colonizados e adestrados durante muito tempo, numa única lógica de ser Corpos educados, acrílicos e silenciados para serem aceitos. Sendo corpo de mulher a exigência é ainda maior. Os Corpos se escondem, têm medo de ser e a sociedade dita um padrão para mulher, como se todas fossem iguais. E sendo mulheres negras, as regras são mais excludentes e perversas. Essas seguem uma lógica do patriarcado eurocêntrico. Então não há espaço para expressão, não há movimento corporal, ginga, soltura e não há voz para se pronunciar na contramão do aprisionamento. Como vemos no relato de Hafner, (2000, p. 28);

Agora que estou mais velha, reflito sobre a história quando a mente me diz, por exemplo que posso dançar até de madrugada e ainda planejar trabalhar durante todo o dia seguinte, ou que posso jogar futebol tão agilmente quando os mais novos. Apesar de isso acontecer sempre, o corpo me diz o contrário.

As mulheres vivem esse aprisionamento independente da idade e de onde estão situadas. Dorinda Hafner é uma mulher negra que mora na Austrália, mas é de Gana, na África Ocidental. A questão é atemporal, territorial, cultural, ética, sexista, de gênero e social. Sendo mulheres negras pós colonizadas ainda vivem o não direito de viver e são condicionadas ao arquétipo de ter muitos filhos, trabalhar muito e corresponder ao inconsciente coletivo da guerreira.

5.6 Parecer sobre a vivência

Participante 1

- Você faz um convite, uma convocação para despertar o Corpo Cognitivo, se empoderar, incluir e servir ao seu próprio projeto. Nós vivemos num sistema que está o tempo todo subordinando e condicionando nosso corpo para aceitarmos as regras do jogo. Temos que gingar para ter Corpo cognitivo e ao mesmo tempo fazer o jogo deles para sobreviver. E precisamos gingar para ter um Corpo cognitivo, desperto, com desejo com vontade. Sou professora porque preciso, mas quero estar nos palcos. Meu corpo quer fazer arte, quer dançar, quer fazer teatro, estar em contato com outros corpos, plateia e público. Aqui me ajudou a pensar no corpo, nas dores desde os pés, é uma convocação para termos Corpo Cognitivo. São muitas camadas para a gente

processar. Os Corpos Cognitivos têm que ser rebeldes, tem que gingar, vestir nossas performances e ir.

Participante 2

- Corpo Cognitivo para mim é apropriação. Fazemos descoberta tão especial que são tiradas de nós e que não temos acesso. É uma apropriação mesmo, pegar seu corpo e dizer que ele é meu, ouvir, saber lidar, saber gingar, descer, subir. Eu fico pensado, porque não dá essa oportunidade para todos, principalmente, ainda mais para nós negros porque a maioria dos brancos têm. Ou eu estou errada, estou percebendo que eles têm tudo isso.

A “ausência do corpo” tem sido uma pré-condição do pensamento racional. Mulheres, primitivos, judeus, africanos, pobres e todas aquelas pessoas que foram qualificadas com o rótulo de “diferente”, em épocas históricas variadas, foram consideradas como corporalizadas, dominadas, portanto, pelo instinto e pelo afeto, estando a razão longe delas. Elas são o Outro, e o Outro é um corpo. (OYERÓNKÉ, 1997, p. 4)

Pesquisadora

- Ser rebelde e performatizar sabendo que ainda não é o que gostaria de ser (participante 1) e entender criticamente que os corpos dos brancos têm o direito de se apropriar do seu corpo e para os negros esse direito foi negado são análises doloridas que exigem das participantes mais coragem para “pegar seu corpo e dizer que ele é meu”, (participante 2). Ao assumir essas conclusões inconformadas, insubmissas, precisam de apoio para não desistir, não sucumbir e não seguir negando seus corpos. Entender tudo isso, dá uma sensação de saqueamento, de ter sido enganada e submetida a vida toda, “por que não me permitiram ser” (participante 2)

Na experiência de atendimento de mulheres negras no consultório, muitas chegam bloqueadas, negando seu potencial intelectual, sua beleza, sua competência corporal subtraída de quem são e temem tudo. Não podem se arrumar porque acham que vão chamar muito atenção, são chamadas de exóticas, não de belas e bonitas, elas mesmos não creem nisso, pois ao longo de suas vidas foram descredenciadas. Não podem escrever porque disseram a elas que não sabem escrever, não pode fazer mestrado e nem doutorado. São muitas interdições, o corpo de mulher negra foi proibido de tudo principalmente nas gerações passadas. Essas proibições simbólicas, veladas ou reais ficam em seus corpos travados e expropriados de si mesmos. Foram muitas coisas incutidas em nossas cabeças. Ouvimos ao longo da história que

O irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro. Cada uma delas se expressa através de falas características, portadores de uma mensagem ideológica que busca afirmar a linearidade da “natureza negra” enquanto rejeita a contradição, a política e a história em suas múltiplas determinações. A representação do negro como elo entre o macaco

e o homem branco é uma das falas míticas mais significativas de uma visão que reduz e cristaliza a instância biológica. Esta representação exclui entrada do negro na cadeia dos significantes, único lugar de onde é possível compartilhar do mundo simbólico e passar da biologia à história. (SOUSA, 1983, p. 27 e 28)

Participante 3

- Eu acrescentaria no Corpo Cognitivo mapeamento, quando você consegue mapear suas histórias, dores, implicações, ações e reações.

Pesquisadora

- A vivência foi muito significativa, houve trocas de experiências e contribuições proíficas que trouxeram reflexões críticas para a inclusão dos Corpos cognitivos nos fenômenos cotidianos.

5.7 Trabalho de corpo- Consciência corporal

Tudo o que dissemos está registrado no corpo, assim como o que não dissemos. Aprender isso, nos faz entender, saber quem somos e ter domínio sobre nossas ações, vontades e desejos. E, nos sentirmos capazes de guiar nossas vidas, mesmo depois de tantas tentativas de apagamento de nós mesmas, de nossas histórias, memória e ancestralidade. O movimento do corpo (fig.10) nos impulsiona para o devir, para frente, (...) “o corpo se relaciona com alteridade, baseado na memória, informação ancestral do espírito, e não pela marcação morfofisiológica, anatômica, fenotípica”. (AKOTIRENE, 2019, p. 25)

Foto 10 - Exercício de movimentos corporais- Força



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Participante 3

- Estava aqui pensando e vieram algumas imagens na minha cabeça, o povo já destruiu o planeta, a terra quase toda, está procurando morar em outro planeta, sabe-se um monte de coisa sobre a lua, sobre outros planetas, vislumbra a possibilidade de vencer a morte, sabemos tanto de tantas ciências e sabemos tão pouco sobre nosso corpo. A serviço de que e de quem fazemos a negação do nosso corpo?

Pesquisadora

- Esse é o grande objetivo dessa vivência e do meu trabalho com o corpo da pessoa, o corpo vivo e atuante deve ser o centro da vida. Antes de qualquer investigação ou saber é ser primordial ter condições de perceber como seu corpo atua no mundo, ter um olhar para aquilo que lhe afeta e o constitui como matriz dos seus conhecimentos.

O trabalho prático/ vivencial também auxilia quem se dispõem a se desnudar, não apenas localizando as dores, os dissabores, e sofrimentos, mas fazendo um caminho do encontro, do prazer, do gozo e ir profundamente na cognição que existe no corpo para conhecer os sabores mágicos, poéticos, estéticos e socioafetivos. Como é sinalizado na foto11, representando como pode ser fascinante o encontro com a vivacidade e alegria de viver depois de tantos desencontros. O corpo solto, o corpo em movimento pulsante de vida tomado para si a performance de percepção consciente Psicocorporal. Nesse sentido

É verdade que tenho consciência de meu corpo através do mundo, que ele é, no centro; do mundo, o termo não percebido para o qual todos os objetos voltam a sua face, é verdade pela mesma razão que meu corpo é o pivô do mundo: sei que os objetos têm várias faces eu poderia fazer a volta em torno deles, e neste sentido tenho consciência do mundo por meio de meu corpo. (PONTY, 1999, p. 122)

Foto 11 - Exercício de movimentos corporais. - Prazer



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Participante 4

- Faço exercícios físicos mais preparados para condicionamento, porém nunca parei para analisar meu corpo, senti meu corpo. Meu DEUS, senti meus pés (fig.12) e meu corpo. É uma sensação muito boa, me senti leve, me senti bem comigo mesmo, através dos movimentos corporais. Estou entendendo como lidar melhor com o meu corpo, não é só fazer condicionamento físico para emagrecer ou por esporte, mas para a nossa alma e para ver como cada parte do corpo é importante. Achei incrível.

Foto 12 - Exercício de movimentos corporais. Consciência corporal



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Pesquisadora

Juntar corpo físico, emocional e espiritual é desafio constante, não há diálogo entre as partes na vida corriqueira. Portanto, a vivência ajuda as pessoas visitarem partes do corpo abandonadas, não vistas e não sentidas. Tocar-se, sentir o corpo encarnado com movimentos cinestésicos são experiências que

Nestas circunstâncias, a condição corporal força o processo dialético em operação a inverter seus polos. A situação física é que molda o pensamento e a autoimagem da pessoa. Um baixo nível de energia força-a realizar alguns ajustamentos em seu estilo de vida, passando a evitar necessariamente as situações que possam chegar a evocar os sentimentos reprimidos. (LOWEN, 1982, p. 126)

Participante 5

- Não pratico nenhum exercício físico atualmente, já fiz artes marciais. Sinto falta de movimentar meu corpo, mas nunca pensei em meu corpo. Respirar, me senti mais leve, meu corpo precisa de exercício, dá vontade de viver mais exercitando o corpo. A respiração é

importante, depois de exercitar o corpo, fica mais leve (foto13). Meu corpo não é incluído, é a minha opinião dentro da rotina que vivo. No trabalho pensam nas possibilidades da produtividade, como você pode exercer as funções para dá sua mão de obra cada vez com mais eficácia, eficiência para gerar lucros. E nunca se perguntar ao corpo se ele aguenta ou se precisa descansar. Se o corpo aguenta ir para faculdade, ir para o trabalho, eu não aquento pegar não sei quantas matérias na faculdade. Ainda tem a estética, estou percebendo que meu corpo não aguenta a rotina estabelecida pelo outro, agora estou me analisando. Nunca tinha pensado que meu corpo poderia ser incluído como ele é.

Foto 13 - Exercícios de movimentos corporais. Relaxamento



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Durante a realização da vivência os corpos estavam pesados, cheios de responsabilidades, cobranças pessoais, institucionais e sociais. São arquétipos que foram atribuídos as mulheres fortes, resolvem qualquer coisa de todas as ordens, mas não choram nem precisam de ajuda. Elas pontuaram ainda as questões étnicas e de gênero. Além da questão de ser magra ou gorda e cumprir um padrão estabelecidos pelo outro, muito longe delas. Elas são mulheres jovens que ainda não pensaram em seus corpos e em ser felizes, só estão seguindo a marcha e nem sabem onde irão chegar. São corpos que não são vistos nem pelas próprias pessoas que existem neles, Ribeiro (2017, p. 43) nos elucida:

Mulheres negras, por exemplo possuem uma situação em que as possibilidades são ainda menores - materialidade! -e, sendo assim, nada mais ético do que pensar em saídas emancipatórias para isso, lutar para que elas possam ter direito a voz e melhores condições. Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, de raça, gênero, classe para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normalização hegemônica.

No espaço de tempo em que a vivência foi realizada, houve o despertar dos corpos para o autoconhecimento para recusa de estar a serviço do que está dito como normal para algumas

peçoas, definido e determinado. Oyèrónké (1997, p. 4). dialoga conosco nos mostrando como essas categorias são definidas e estratificadas

A noção de sociedade que emerge dessa concepção é que a sociedade é constituída por corpos e como corpos – corpos masculinos, corpos femininos, corpos judaicos, corpos arianos, corpos negros, corpos brancos, corpos ricos, corpos pobres. Uso a palavra “corpo” de duas maneiras: primeiro, como uma metonímia para a biologia e, segundo, para chamar a atenção para a fisicalidade que parece estar presente na cultura ocidental. Refiro-me ao corpo físico e às metáforas do corpo. Ao corpo é dada uma lógica própria. Acredita-se que, ao olhar para ele, pode-se inferir as crenças e a posição social de uma pessoa ou a falta delas.

Para concluir, solicitei que as participantes que construísem uma mandala¹⁰ (foto14) sintetizando a vivência. Pensado nas memórias ancestrais que desprezaram, anularam e esqueceram, porém estão presentes e constituem suas vidas. Considerando a perspectiva do Policorpo, meu corpo de mulher, vizinha, sobrinha, tia, mãe, amante, prima e amiga que implica na cognição, memória e movimento do seu corpo.

Foto 14 - Mandala



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Participante 1 – Mandala 1

- Catei os retalhos que me compõe, gerando e processando o que veio de dentro de mim. Eu poderia ser isso aqui, uma mistura, um retalho de chita, tão nosso, popular, colorido, tão nordeste, bonito. De repente sou esse retalho de chita que traz muito a ancestralidade, acho que o momento de me assumir e de me encontrar. Engraçado que quando estava colando os tecidos na mandala, achei que iria sair a minha filha, simbolizando a minha filha, mas sou eu mesma. Me encontro com essa criança dentro do útero, tenho que descobrir isso, que pode ter resposta de situações que vivo hoje, até com minha filha. Posso até está trazendo padrões repetidos, me preocupo muito com isso. Fui buscar o lado do

¹⁰ Mandala é ao mesmo tempo um resumo da manifestação espacial, uma imagem do mundo, além de ser a representação e a atualização de potências divinas; é assim uma imagem psicagógica, própria para conduzir a iluminação quem a contempla (CHEVALIER,2003, p. 585).

pai, buscando nos tecidos mais padrão azul, estável de uma cor só mesmo, o lado da mãe é mais astral, natureza, mais viva, mais movimento, o útero tomou tudo isso. E ainda tem um véu cobrindo alguma coisa que precisa sair, tudo isso. Não penso isso dessa forma no meu dia a dia, apesar que pai e mãe são recorrentes nas artes, a gente busca. Mas, fazer isso com sua preposição organizou minhas ideias, vou olhar mais para isso. Meu sentimento, não sei identificar, é uma melancolia, ao mesmo tempo uma euforia. Traz muita nostalgia porque retomar as figuras de pai e mãe mexe com coisas que a gente as vezes enterra. É uma sensação boa de enfrentar, isso me ajuda, sou adulta vou olhar com outros olhos para meu pai e minha mãe. Hoje sou mãe, agora vou olhar para a questão dos meus pais com uma certa distância, talvez, eles foram o que puderam ser para a minha criança. Hoje minha competência é outra, sou outra, eles também são outros. Foi bom nesse sentido, materializar uma coisa que está no passado que eu sei que ainda reverbera no meu comportamento com a minha filha, ainda tento repetir alguns padrões de comportamento como a minha filha, hesito, mas está fora do meu controle e inconscientemente repito. E é muito difícil viver com meus pais, evito, não por falta de amor, eu tenho que encarar os fatos, eles não são mais meus pais do passado. Estou conseguindo enxergar a situação.

Pesquisadora

A participante 1 fez um mergulho profundo na própria memória e na história trazendo elementos que cruzam acontecimentos recentes da sua vida e imbricam com a potência de ver e enfrentar quem é. A vivência contribuiu para que entendesse de forma mais madura as relações com os pais e com a sua filha. Assim argumentou sobre seu cotidiano no espaço e no tempo. Os movimentos corporais foram assertivos em dirimir os conteúdos que armazenava em seu corpo.

Esses presentes na sua vida e nas suas ações que resistia enxergar para dar outros voos na sua trajetória. O momento da Psicocorpoética proporcionou compreender a origem do padrão comportamental que estabelece na relação subjetiva consigo, com sua filha e com seus pais mesmo sendo difícil escolheu seguir enfrentando.

Participante 2

- Aqui é minha infância e o meu presente, algumas coisas que eu não lembro a parte de meu pai, a parte dele é meio obscura. Eu não sou muito de falar sobre isso, mas me veio essa parte obscura. Pensei também no verde, na natureza que fez parte da minha infância e da adolescência. Aqui sou eu como quero ficar, meu corpo livre, solto e aberto. Foi interessante

pensar, lembrar dessa parte que me afastei, que é obscura, só penso na minha mãe, mas foi muito bom pensar nele, falar dele e ter tranquilidade, ele faz parte do meu corpo e da minha memória. É como se estivesse obtendo alguma coisa e me aceitando.

Pesquisadora

A parte que você ignorou também é a parte que te constitui, resgatou o que é seu. Entender de onde você veio, flexibilizar sobre o que refutou. O corpo da participante 2 também foi para um lugar sombrio, sem muita luz, lugar ignorado por ela, mas a atividade Psicocorpoética a ajudou sentir a integração de seu corpo com sua ancestralidade, memória e reconciliar com natureza, infância, pai e mãe sem precisar negar.

Participante 3

- Eu sempre fico desconfortável quando manda fazer alguma coisa, quando você disse que me representasse. Na verdade, eu a vida inteira fui uma coisa frágil. Ninguém nunca me mandou nada, ninguém nunca sugeriu nada, ninguém nunca me obrigou, ninguém nunca me trouxe nada, ninguém nunca me disse nada, ninguém nunca me pediu nada, nunca havia pensado nisso. Tive essa dimensão aqui, agora. Fui preenchendo com minha avó, com minha mãe, com minha família, enchendo, enchendo. Esta parte pesada aqui são as demandas da sociedade. Passei por um processo necessário, escolhi não ter filho. Eu não tinha que dar satisfação a ninguém, fui me agarrando as pessoas, as coisas, procurei estar perto de alguém, estar perto de alguma coisa. Quero agora me desapegar das metas que eu mesma me impus na vida. Logo que ninguém mandou, ninguém me deu, quero trazer a cor o sentindo. O que me representa. Tenho que trazer as cores. É um peso colorido. Estou em um lugar de ser a sustentação das pessoas, quero dar cor. Agora não sou mais criança, não preciso mais ter esse preenchimento, sou adulta. Ninguém empurrou o peso, eu quem quis, agora não quero mais.

Pesquisadora

Você procurou ressignificar o peso porque ele foi amarrado em dois pontos. É o lugar da amarração do feminino, tem o feminino, a espiritualidade de Nanã¹¹.

¹¹ **Nanã** é um importante orixá feminino relacionado com a origem do homem na Terra. O seu domínio se relaciona com as águas paradas, os pântanos e a terra úmida. Do ponto de vista divino, sua relação com o barro, mistura de água e terra, coloca essa divindade nos domínios existentes entre a vida e a morte.

<https://brasilescola.uol.com.br › Religião › Os orixás>

É uma amarração de segurança, tem uma parte solta que pode ser preenchida como quiser. Mesmo querendo representar o peso, a cor foi lilás, poderia ser outra cor qualquer, porém é a cor da transmutação¹².

Participante 1

- Talvez a palavra não seja peso, seja preenchimento.

Nessa perspectiva, a realização dessa vivência sinaliza que devemos continuar investindo em passos criadores, arteterapêuticos para a inclusão de uma epistemologia de Policorpos para que pessoas tenham um propósito de pensar em si e serem mais felizes dentro do seu projeto de vida.

A vivência contextualizou a infância, a vida adulta e os entre lugares de vivências das mulheres. Nos mostrou o quanto precisamos discutir e ter espaço para cuidar daqueles que cuidam das vidas alheias. É preciso ter um lugar garantido para fala, escuta e para dizer das existências felizes e dolorosas. O processo foi além do esperado, extrair o conceito de Corpo Cognitivo como matriz da análise cognitiva, foi profunda a viagem no âmago das pessoas que se disponibilizaram.

¹² As devolutivas são feitas de maneira coletiva, sem pretensão de acertos, mas que façam sentido para as participantes. Todos colaboram sem dar direção, resposta assertiva ou conselhos. Umas se veem na história da outra, uma rede colaborativa, partilha de vida respeitando as diferenças e crescendo juntas.

EPISÓDIO 6 - VIVÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS – CORPO EM TODO LUGAR

Foto 15 – Corpo mulher



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Já silencieei meu cabelo. A cor da minha pele, minhas vontades, falas, pensamentos, acho que todo dia eu silencieio algo, para não pensar ou para não me perturbar. Eu simplesmente silencieio porque parece ser mais fácil assim. Meu lugar de fala precisa ser reafirmado porque é difícil ser **mulher negra**, ter nossas competências questionadas no trabalho ou então quando meu companheiro se sente incomodado quando eu converso com outras pessoas, eu acho que ele se sente inseguro quando alguém me acha inteligente. (BORBOLETA, 2019)

Silencieio por muito tempo o meu direito de escolha e de desejar algo. Meu lugar de fala de mulher consciente de si em busca de afirmar a cada dia minhas heranças ancestrais. Honrando quem veio antes e reconhecendo em mim hoje uma porção daquelas/es que fizeram e ainda fazem parte de minha história. (SOL,2019)

Acredito que sempre, toda vida me silencieio como mãe, filha, mulher e negra.

Ainda preciso encontrar ou perceber o meu lugar de fala nos contextos. (PASSARINHO,2019)

6.1 Pesquisa Virtual Corpo incluído na Escola: NUNCA

Neste episódio realizei a pesquisa através da internet por meio das redes sociais. Convidei algumas pessoas que disseminaram as questões para duas ou mais pessoas. Dessa forma, obtive um panorama de diversas cidades. Certamente o quantitativo de respostas maior foi de Salvador, com 45 (quarenta e cinco) pessoas de diversos bairros da cidade. E mais 10(dez) municípios da Bahia, 3 (três) cidades de São Paulo e 1 (uma) cidade do Ceará. Todas as pessoas responderam as mesmas perguntas e, quase com as mesmas respostas, deixando notório a não inclusão do Corpo no espaço epistêmico.

As perguntas foram em torno da inclusão do Corpo na escola. Meu interesse era saber para além da ficha da/o aluna/o, se a escola em algum momento incluiu e matriciou o Corpo trabalhando a identidade, lembranças remotas e levando em conta as questões do eu/pessoal. A inclusão a que me refiro é discutir na sala de aula com a participação e protagonismo da/o aluna/o sobre questões em que estejam inseridas a marca identitária, ancestralidade, etnicidade, gênero, diversidade, LGBTQIA+, territorialidade, sentimentos, narrativas e histórias de vida em relação ao Corpo da/o aluna/o.

Dessa forma o assunto estudado e potencializado seria o próprio corpo, corpo próprio que pode dar contribuição do lugar de sua existência. Será que a escola fez isso? O corpo foi chamado a registrar, marcar e distribuir sua individualidade na ação grupal aprendendo a partir da peculiaridade e diferenças que ocorreram na vida escolar. Marcas que podem ser positivas ou negativas, inclusivas ou excludentes. Para saber se os corpos viveram essas experiências na escola fiz as seguintes perguntas nas redes sociais:

- 1 - Quando o seu corpo foi incluído, tratado ou discutido na escola?
- 2 - Se foi, como foi tratado?
- 3 - Já estudou sobre corpo na escola? Qual o assunto? Como era feito?

As/os pesquisadas/os em grande parte foram adultos graduados e pós-graduados lato sensu e stricto sensu e o mais importante, possuem um CORPO. E adolescentes e jovens do Ensino Fundamental e Médio que responderam com o mesmo primor que os demais pesquisadas/os. Conforme quadro de análise que se encontram nos apêndices B ao U.

A ideia que é desenhada em nossa mente após analisarmos os quadros é de corpos que ficaram sentados e cancelados nas cadeiras enfileiradas das escolas com o objetivo de aprender não sei para quem e nem para que. As/os alunas/os aprendem assuntos nacionais, internacionais de toda e qualquer ordem, mas nunca sobre si mesmo, sobre seu entorno, sobre seu interesse de investigação e nada que aguçasse seu imaginário ou tivesse o corpo como ponto de partida. Penso que o principal, diante de qualquer conteúdo é privilegiar o ser, a história do corpo que ali está.

Essa maneira de não inclusão corpórea ainda continua nos dias atuais, pois vemos nas escolas normas ditadas que devem ser cumpridas por crianças, jovens e adultos. Esses as rejeitam e resistem, por não entenderem o porquê estudar tantos conteúdos que não fazem sentido para suas vidas. Sem contar que não há participação, compromisso, protagonismo, afetamento daqueles que ensinam e daqueles que aprendem a partir de seus corpos.

O corpo do outro e o corpo próprio na escola aparentemente são desconsiderados, as/os alunas/os são seres sem endereço ou identidade, sem história de vida, desvinculados dos assuntos propostos e conteúdos programados vindos do MEC, Secretarias ou da Escola. Os conteúdos planejados são desatados de tudo e do corpo de quem poderia aprender. Marques (2020) entrevistado faz uma narrativa bem contundente a esse respeito.

Meu corpo não foi motivo de estudo, mas o corpo humano sim
(MARQUES, 2020, quad.10, apêndice E).

É como se o corpo de Marques (2020) não fosse corpo humano, o corpo dele é descolado e desvinculado do conteúdo proposto. Os corpos não se veem na escola, a ponto de não se sentirem humanos, são desumanizados de suas histórias, vivências e experiências. Quando qualquer pessoa chega à escola, por mais nova que seja, tem uma história, tem uma família, fatos ocorreram com elas, mas são desapropriadas de si para aprender coisas com as quais não tem nenhum pertencimento. Na escola não tem lugar para escuta de quem é você, negro, gordo, pobre, favelado, LGBTQIA+, deficiente, soropositivo, autista e tantas outras síndromes, doenças e diferenças. Os corpos são diferentes.

A pontuação aqui não é delegar a responsabilidade toda para a escola, não se trata disso, não posso deixar de destacar que os corpos estão nas escolas e desejam ser visto e incluídos. Com isso, não estou afirmando que nenhuma escola trabalha esses segmentos que estão

diretamente ligados aos corpos de quem aprende, mas estou registrando a necessidade para essa inclusão. Além dos benefícios de um corpo incluído e estudado,

Para estudar não é preciso se deixar de lado e se abandonar para aprender o que é eleito por alguém como importante. Aprender perante sua ancestralidade, valores culturais, traz significados estruturantes para a emoção, autoestima e afirmação pessoal.

Ao contrário dessa premissa os corpos, possivelmente, são disciplinados, conduzidos, subordinados, dominados e adestrados para estarem submetidos ao controle de quem detém o poder do conhecimento. É mais fácil manter a hegemonia colonizadora através de Corpos docilizados “Usando e rejeitando corpos e saberes de outros povos e culturas, a epistemologia eurocêntrica assumiu perfis excludentes que atingiram colonizados e colonizadores em racialização dos Outros e de si mesmos”. (ANTONANCCI, 2013, p. 241)

A argumentação pontuada na pesquisa é tão incisiva que de 63 (sessenta e três) pessoas, 35(trinta e cinco) responderam a palavra NUNCA, nunca seus corpos foram incluídos, se foram, não se lembram, afirmativa que corresponde a 55,5% (cinquenta e cinco, vírgula cinco por cento) das respostas, o que é muito relevante. Os demais 44,5% (quarenta e quatro vírgula cinco por cento) das/os pesquisadas/os não afirmaram que seus corpos foram incluídos, mas consideraram que foi trabalhado nas aulas de Ciências, Biologia, Educação Física, Dança ou outra modalidade esportiva. Assim como os depoimentos que seguem:

Nas aulas de Educação Física era discutido as questões de higiene, alimentação e a importância de fazer exercícios físicos. E nas aulas de Ciências e Biologia sobre funcionamento, saúde e doenças (AGUIAR, 2020, quad.14, apêndice I)

Não houve discussão do meu corpo, apenas exercícios incipientes nas atividades esportivas” (SANTOS, 2020, quad.15, apêndice J)

O corpo na escola deixa de ter dimensão plural, transcendente, cosmológico e vivencial ligado ao ecossistema, a natureza, ao movimento integral, movimento e a influência temporal, que é a própria vida e passam a serem resumidos em órgãos, aparelhos e higiene.

Não me recordo de ter o meu corpo tratado/ discutido na sala de aula e nem em outros espaços da escola. Apenas o corpo esteve presente nas aulas de Ed. Física, nas atividades esportivas, sem nenhuma discussão (SANTOS, 2020, quad.15, apêndice J).

Restringia ao estudo das partes do corpo com definições e funções de glândulas e órgãos.

(GONZAGA, 2020, quad.12, apêndice G)

Tratado como uma máquina, com aparelhos e sistemas estudados separadamente. (SILVA, 2020, quad.9, apêndice D)

O corpo sai da escola sem se ver corpo, sem sentir e sem se pensar corpo, torna-se máquina de fazer coisas e cumprir regras no mundo descolado do ser. Desse modo, na escola o corpo

é um lugar onde terei um corpo sem corpo, um corpo que será belo, límpido, transparente, luminoso, veloz, colossal em sua potência, infinito em sua duração, desligado, invisível, protegido, sempre transfigurado; e é bem possível que a utopia primeira, aquela que é a mais inextirpável no coração dos homens, seja precisamente a utopia de um corpo incorpóreo O corpo, fantasma que não aparece senão na miragem de um espelho e, mesmo assim, de maneira fragmentada. (FOUCAULT, 1966, p.1 e 3)

Essa amostra da pesquisa revela que a escola deixou de trabalhar a dimensão poética, estética, policorporal, conectada com a coletividade e alteridade. E, o eu como elemento único para se ligar com o outro e transformar a si e o que é comum ao outro.

Nesse sentido, indagar na pesquisa se o corpo foi incluído é perguntar se o corpo cognitivo foi despertado. Incluir o corpo é considerar a importância da identidade, cognição, ancestralidade, policorpo e territorialidade. De acordo com as respostas apresentadas na pesquisa é possível constatar que o trabalho feito pelas escolas com o corpo, quando realizado, focou apenas na sexualidade, demonstrando o aparelho reprodutor, órgãos e sistemas, conteúdos das Ciências como podemos certificar nas falas das/os pesquisadas/os e visualizar no mapa mental abaixo o quando o tema foi minimizado e deixado de explanar toda sua amplitude.

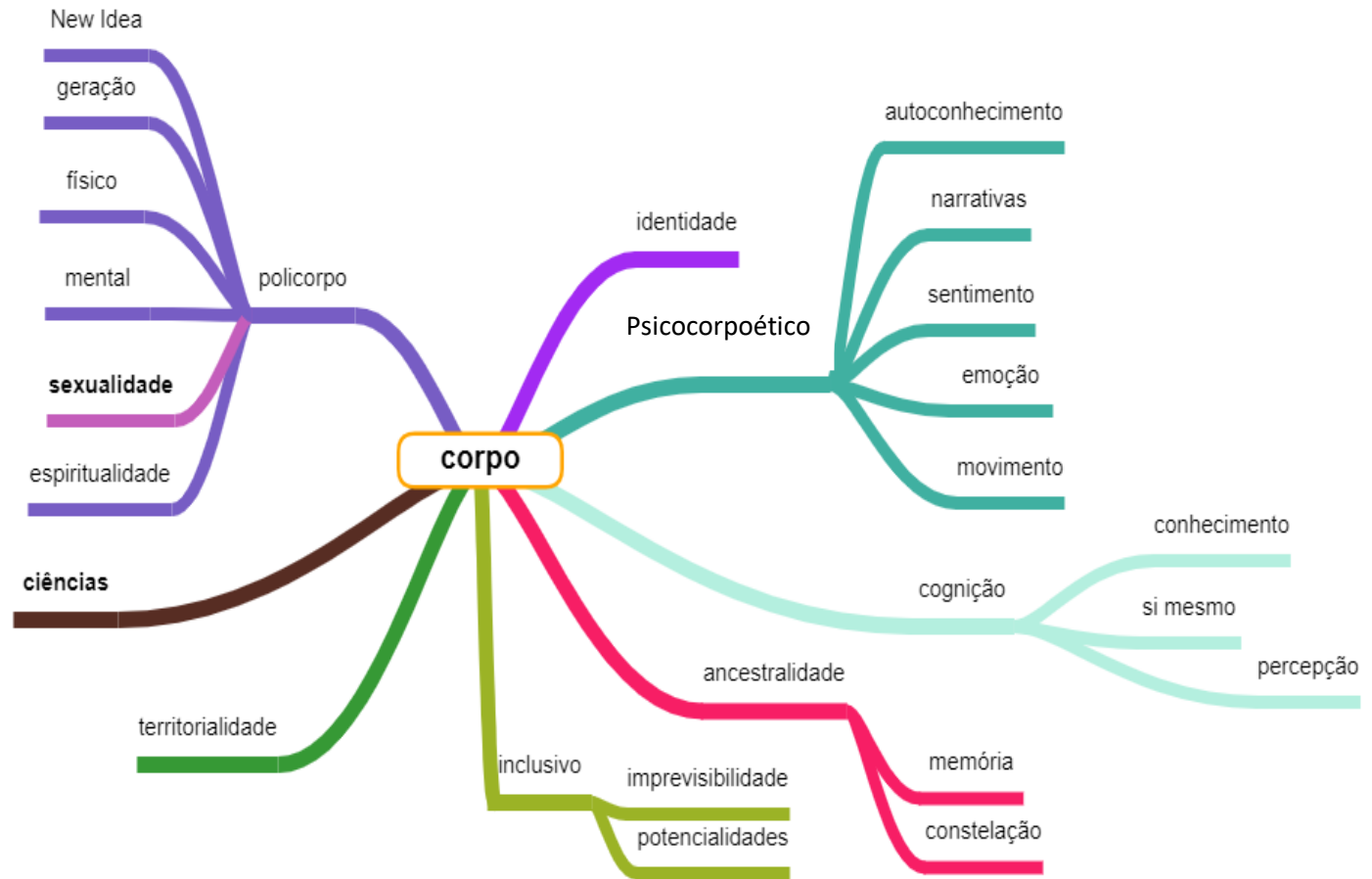
O corpo humano foi abordado nas disciplinas quanto ao aspecto biológico.

(ELI, 2020, quad.16, apêndice k)

Creio que o meu corpo nunca foi incluído, tratado ou discutido em sala de aula de forma direta e sim através de referência à um corpo para falar de doenças ou anatomia.

(FERREIRA, 2020, quad.16, apêndice k)

Figura 7 – Mapa mental



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Fora dessa perspectiva posta no mapa mental de entendimento multifacetado em relação ao corpo é lançado um olhar carregado da psiquê de quem olha, entendemos que o trabalho é muito extenso e dá ao corpo a qualidade de empoderar-se de suas virtualidades. A quem interessa ou desinteressa facultar corpos livres e autônomos?

Em geral o olhar é genérico e padronizado com mensagem muitas vezes que segrega aqueles que não correspondem a faixa ocidental civilizatória e ao padrão monológico de estética. Os corpos que não correspondem ficam de fora e são sujeitados a estereótipos, discriminação e preconceitos.

Não, minha época de estudante, não se discutia nada relacionado às nossas particularidades, o único momento que lembro sobre os nossos corpos, era com a professora de Ciência. Algo extremamente discriminatório, pois ela tinha cabelos de Chanel liso e provocava as colegas se poderiam bagunçar os cabelos e logo colocar no lugar. (SILVA, 2020, quad.16, apêndice k)

O trabalho da professora está a serviço de quem? O que mesmo a professora pretendia ao enaltecer seus cabelos Chanel diante da turma? O que mesmo a professora queria dizer balançando e bagunçando o cabelo Chanel para imediatamente colocá-lo no lugar e perguntar a aluna se ela poderia fazer isso? Talvez ouviríamos como resposta de praxe recorrente: não tinha a intenção, foi sem querer, só foi uma brincadeirinha, vocês veem racismo e preconceito em tudo, essas e tantas outras desculpas que negam os corpos diferentes.

Assim seguem muitas meninas negras e não negras tentado fazer as pazes com seus cabelos e aceitá-los, pois notadamente os seus cabelos não foram incluídos na escola juntamente com seus corpos que trazem características diversas do âmbito cultural, estético, étnico e ético. Visto que

A ideia de descolonização pode ser facilmente aplicada no contexto do racismo, porque o racismo cotidiano estabelece uma dinâmica semelhante ao próprio colonialismo: uma pessoa é olhada, lhe é dirigida a palavra, ela é agredida, ferida é finalmente encarcerada em fantasias brancas do que ela deveria ser. (GRADA KILOMBA)

Notar a sutileza das manipulações colonizadoras não é fácil. Para quem faz que já é um hábito e entra na normalidade e, para quem é vítima que já está adestrado à situação de subjugo da regularidade e o racismo passa despercebido. Precisamos estar atentos ao lugar e as práticas que são compostas de signos, domínio semiótico, representações, atravessados pelas ideologias que se manifestam nas ações, pensamentos, comportamentos e linguagem. (HALL, 2013)

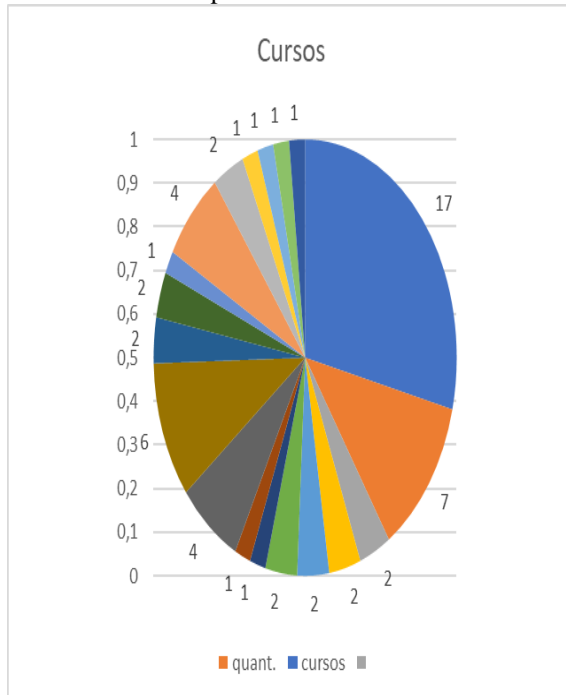
O pensamento do corpo construído em padrão estético eurocentrado nos faz buscar forças viscerais para irmos na contramão das estratégias coloniais que estão no inconsciente coletivo de várias gerações. O corpo discriminado não pode ser simples brincadeira como no depoimento que segue.

Alguns alunos me chamaram de gordinha, há algum tempo. Levei o assunto na esportiva, brinquei com eles e falamos sobre diversos tipos físicos. (FONTOURA, 2020, quad.15, apêndice J)

Nossas questões raciais, estéticas, subjetivas não são literalmente brincadeiras. Esse mecanismo de defesa, para aguentar, se sustentar e se esquivar da situação são frequentemente utilizados por não saber o que fazer. Recursos como risos, choros e o sequestro da voz causam inúmeros bloqueios a nós negras/os, gordas/os e LGBTQIA+. Desconstruir o olhar negativo recheado de malícias e jogos de palavras é uma missão árdua que para muitos já começou enquanto outros ainda nem pensam nisso, resistem com todas as forças. Estamos propondo o tensionamento da inclusão de todos os corpos nos segmentos da educação e nas mais diversas áreas de conhecimento.

Os participantes da pesquisa que responderam sobre a inclusão do corpo na escola são profissionais de várias áreas, logo vemos o quanto importante para todos os profissionais terem corpos considerados e incluídos, até porque a questão não são as áreas, mas, os corpos nas áreas que carregam histórias antes de serem profissionais. E o trabalho com os corpos fará possivelmente toda a diferença no desempenho da sua ocupação. Esses profissionais declararam que seus corpos foram trabalhados na escola no contexto da disciplina Ciência, ainda assim de forma superficial. No gráfico 2 e no quadro 4 abaixo podemos acompanhar as variações das profissões.

Gráfico2 Variadas profissões



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 4 Quantitativo de profissionais

CURSOS	QUANT
Pedagogia	17
Fisioterapia	7
Ciências naturais	2
Nutrição	2
Psicologia	2
História	2
Dança	1
Teatro	1
Letras	4
Administração	6
Gastronomia	2
Direito	2
Serviço social	1
Enfermagem	4
Ensino fundamental	2
Desenho	1
Vigilante	1
B. humanidade	1
Antropologia	1

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A profissional Almeida pontua que em sua época não se tratava desse assunto, mesmo sendo uma pessoa muito jovem de 33 (trinta e três anos):

Na época que estudei o Ensino Fundamental e médio, não se falava sobre o corpo... Antigamente não se falava sobre o corpo e quanto é importante conhecer o corpo... Eu não tive esse assunto... (ALMEIDA, 2020, quad.11, apêndice F)

Em contrapartida uma adolescente de doze anos continua registrando o mesmo aspecto da não inclusão do Corpo na escola. Salienta que apenas nos estudos sobre o funcionamento do corpo humano, nas aulas de Ciências.

Ensinaamentos de como cuidar e tratar o corpo. (SANCHES,2020, quad.13, apêndice H)

Então, percebemos que não é algo do passado, da contemporaneidade e do espaço temporal, mas é uma questão de não espaço garantido ao corpo nas instituições de ensino, o não lugar do corpo.

Corpos incluídos, aprendidos e escutados são corpos autônomos em seus anseios e desejos. Assim, como controlar e manipular corpos livres? Como a mídia poderia ter acesso ao controle em massa para manter uma política escravocrata? Como a necropolítica teria corpos dóceis para manipular com maior facilidade? Como capitalistas poderiam assegurar mão de obra barata?

Logo, a não reflexão e inclusão do corpo na escola está a serviço da subalternização, castração, alienação e silenciamento em nome da manutenção do status quo. Engendramento que banaliza e ignora o pensar a respeito do Corpo Cognitivo. Pensar na inclusão do corpo paralelo ou além da segregação do conhecimento, pois existem corpos com o poder do conhecimento que adentra outros corpos e por vezes o seu corpo também. Esses corpos atendem a um sistema das normas colonizadoras.

6.2 Corpo incluído na Religião: SEMPRE

Para dar continuidade a pesquisa sobre onde o corpo é incluído ousei ir mais longe, se na escola o corpo não é incluído, por vezes na família também não, será que no espaço do Sagrado corpo é incluído? Nesta segunda parte a pesquisa igualmente foi realizada nas redes sociais. Fiz algumas perguntas em relação a inclusão do corpo na religião, a participação suscitou resistência e a censura foi grande. Aparentemente é como se levassem os fiéis para a ideia de pecado de rompimento com a ética religiosa, com os dogmas, com o monopólio da salvação. Reagiram como se não tivessem liberdade para falar sobre sua opção de crença. As perguntas sobre a religião e inclusão do corpo foram as seguintes:

1. Seu corpo é incluído na sua religião? Como?
2. Como seus sentimentos são trabalhados em sua religião?
3. O que é o corpo na sua religião? Como o corpo é considerado?

O que pretendia com essas perguntas, certamente não era dizer que uma religião era melhor que a outra. Nem mesmo desejava colocar em dúvida a fé ou dizer que as religiões precisam tratar da psiquê dos seus seguidores, fiéis ou membros. E sim, pensar os corpos desde o nascimento até a fase adulta. Questionar como os corpos são incluídos a partir dos desejos e sentimentos que trazem na individualidade.

Desejei investigar como o corpo pode ser matriz da análise cognitiva, dessa forma estou buscando os prováveis impedimentos que esse conceito encontra para ser efetivado. Considerando que os espaços religiosos também são válvulas de escape para as pessoas que se sentem aprisionadas por outras instituições a exemplo da família.

Assim considerando as particularidades e as regras estabelecidas por cada uma, mesmo tendo em vista essas premissas, destaco que de mais a mais a inclusão do corpo no Candomblé e outras religiões de matriz africana é resistência da história diaspórica da luta de um povo, legado africano, cultural e preservação das forças da natureza e ancestrais. É o renascimento por meio dos Orixás, do encontro com a paz espiritual o reencontro com sua energia vital e natural.

O candomblé lida com a natureza, cultuamos a natureza em sua plenitude, isso inclui a natureza humana, e é através do corpo físico que essa natureza se manifesta, através do corpo que expressamos a maior parte das nossas sensações, ações e reações. Candomblé é presença e sempre é necessária a presença física para a manifestação do espírito. (PARTICIPANTE 16, 2020, quad.25, apêndice T)

Contudo, temos policorpos, que precisam se articular com as existências. Saber interseccionalizar os corpos em todas as dimensões do autoconhecimento e criar uma epistemologia do seu próprio viver. Autoconhecer-se deve ser o “fio condutor para as articulações éticas, estéticas, políticas, antropológicas, ontológicas, ecológicas, cosmológicas para chegar na consciência da consciência e na consciência do inconsciente”. (GALEFFI, 2009, p. 27)

As religiões possuem dogmas, crenças que incidem no corpo das mulheres, homens e crianças, no comportamento, na forma de vestir. Segundo a lógica religiosa, normativa e castradora que “se caracteriza não apenas por privilegiar um padrão de pensamento ocidental, mas também por estudar o "outro" como objeto e não como sujeito que produz conhecimentos

(encobrendo, ao mesmo tempo, a geopolítica e a corpo-política do conhecimento...)” (GROSFOGUEL,2007, p.1). Assim como os depoimentos que seguem:

Minha religião influencia no meu estilo de vida, decisões sobre o meu corpo, roupas e tratamentos. (PARTICIPANTE 4, 2020, quad.20, apêndice O)

Apresentem o seu corpo como sacrifício vivo, santo e aceitável a Deus, prestando assim um serviço sagrado com a sua faculdade de raciocínio.” (Romanos 12:1) O cristão deve ter apreço pelo corpo que Deus lhe deu e deve amar a si mesmo a ponto de cuidar devidamente do seu corpo, a fim de que possa apresentá-lo em serviço sagrado, aceitável a Deus. Isto requer usar o raciocínio e sustentar o corpo com outras necessidades, bem como manter asseio físico, espiritualidade e moralidade. (PARTICIPANTE 4, 2020, quad.20, apêndice O)

Nas perguntas sobre a inclusão do corpo na religião além da resistência que encontrei, apenas dezoito (18) pessoas responderam ao questionário, dessas, duas (2) disseram que seus corpos não eram incluídos. Diferentemente da entrevista da inclusão do corpo na educação na qual a maioria disse que nunca o corpo fora incluído, ou apenas tratado nas disciplinas a respeito das funções e órgãos. Na religião não é muito diferente como o corpo está ligado ao pecado então pouco é tratado, apenas coberto, disciplinado e submetido ao SENHOR.

Não, nunca pensei a respeito disso. Não sei responder isso. Nunca pensei sobre isso e nunca me perguntaram. (PARTICIPANTE 1, 2020, quad.19, apêndice N)

Não há discussões na minha religião sobre os meus sentimentos. (PARTICIPANTE 6, 2020, quad.21, apêndice P)

Assim, pretendo registrar a necessidade de trabalhar o encontro do Corpo cognitivo independente da instituição que as pessoas estejam inseridas, pois nas diversas religiões, obviamente, o que estará como foco principal será o sagrado e a crença a ser professada. As instituições são monológicas, monoculturais, hegemônicas e o corpo está a serviço do padrão estabelecido. Como podemos constatar nos quadros que estão nos apêndices N até U.

A partir da análise dos quadros destaco o conceito de Corpo imbricado na religião trazido por uma das participantes. Meu corpo é:

Como templo do Espírito Santo. A igreja não trata os nossos sentimentos de maneira particular, apenas nos ensina acerca de termos empatia uns pelos outros, e reger nossas ações baseadas no

amor ao próximo. A Bíblia nos ensina que somos um só corpo e só espírito e que por isso devemos lembrar sempre de (Coríntios 1.12 que diz: Ora, assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim também com respeito a Cristo). (PARTICIPANTE 2, 2020, quad.19, Apêndice N)

A separação do corpo/alma, corpo/espírito, corpo/mente é histórica milenar, constatamos assim que:

Entre os séculos XVII e XIX, foi difundida a concepção de que o corpo e a mente eram separados, uma ideia sobre a qual se fundou uma ciência e uma civilização, baseada na racionalidade, momento que foi ignorado a existência da emoção, do sentimento, da imaginação, da intuição e da experiência de vida. (PAZ, 2018, p. 24)

Ao analisar essa pequena amostra nos quadros que demonstram como o corpo é incluído nas religiões, percebemos que essa inclusão se assemelha muito a ideia dos séculos XVII e XIX, repertório presente na Filosofia Clássica, Moderna e no Cristianismo a respeito dos sentimentos ligados as normas religiosas e os corpos.

Quando tenciono essas questões não quero aqui tratar da “noção de religião cívica”, “da apropriação de valores inerentes à vida religiosa pelos poderes urbanos, para fins de legitimação, de celebração e de salvação pública” (Vauchez, 1995, p. 1). Tão pouco do paradigma secularização das religiões da perspectiva analisada por Max Weber que analisou o processo histórico que aconteceu nas religiões por meio da Política, Economia e Ciência resumindo-se ao domínio privativo.

Assim como a análise da secularização por Casanova (1994), baseado no modelo weberiano que explica que a religião não está nem totalmente privada e nem separada na sociedade moderna, mas em uma zona dos dois domínios voltada para a religião pública. Contudo, trazer a inclusão do corpo não é uma crítica sobre quaisquer religiões, mas independente dessa o participante precisa saber e ter o lugar do corpo cognitivo, insubmisso, que reflete sobre si, sentimentos, desejos, narrativas e projeto de vida pessoal.

Dessa forma, torna-se indispensável pensar como o corpo reage aos fenômenos da vida, ao conhecimento consciente próprio e apropriado que ocorre na religião e fora dela. Assim como questionar as amarras psicoemocionais, colonizadoras, a partir da crença que escolheu ou foi levada a fazer opção que o conduz para a condição de cumprir regras inegociáveis da religião escolhida.

Nas religiões os corpos passam a incorporar símbolos, gestos, adereços, comportamentos que já não são naturais daquele corpo, as pessoas não pensam sobre seus próprios corpos, porque estão a serviço do Senhor ou da Entidade. Assim, atendem uma expectativa do grupo religioso, familiar, social e da conduta que foi passada pela instituição religiosa que precisa seguir. [...] “e esse é o lugar de alguém que está na base de uma hierarquia mais ou menos rígida. Para aprender, iniciantes devem primeiro obedecer. Ou melhor, obedecer é condição para que o aprendizado seja deslanchado e essa condição também precisa ser aprendida”. (RABELO, 2015, p. 237)

Muitas vezes a formatação fixada pelas religiões nos corpos das pessoas passa a impressão de que elas possuem uma única identidade biologicamente considerada e coisificada, corpos colonizados, corpos abjetos. “Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia de desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro em meio a outros objetos”. (FANON, 2008, p. 103)

Como busco na pesquisa enfatizar o Policorpo através das marcas identitárias, da identidade pessoal, ancestralidade, memórias cognitivas, fluxos libidinais, fractalidade corporal, refuto como os corpos são lidos da mesma maneira, sem essas considerações categóricas que são pessoais, mas também coletivas. As categorias pessoais lidas de uma só maneira, possivelmente dificultarão o encontro do Corpo cognitivo, o ser mestre de si mesmo e a junção corpórea iluminada pela consciência/inconsciência.

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortada “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar- aos menos temporariamente. (HALL, 2011, p. 13)

É oportuno pensar no processo de individuação desses corpos que são padronizados em suas identidades e sentimentos. Discutir nessa perspectiva a epistemologia, as narrativas subjetivas que potencializam o corpo, empoderando-o e apoderando-o para contestar o dominador sobre o silenciamento que fazem acerca das marcas identitárias, dos conflitos pessoais e demarcam, portanto, que somos diferentes em muitas transversalidades. Os depoimentos que seguem dizem como o sentimento é visto na sua religião.

Como uma forma de manifestação do amor de Deus. Se estamos tristes, a saída é buscar a Deus para que o coração seja acalentado. Se estamos alegres, temos que agradecer. Mas a base de tudo é renovar constantemente a fé. (PARTICIPANTE 5, 2020, quad.21, Apêndice P)

Existem formas particulares com as quais cada indivíduo administra os seus sentimentos, busco entender a dinâmica de cada energia/Nkissi/ Vodun/ divindade e perceber a qual sentimento eles estão ligados, e estabeleço relações de respeito e entrega total com cada uma delas a partir desses sentimentos. (PARTICIPANTE 16, 2020, quad.9, Apêndice D)

Diante do exposto pode-se presumir que os corpos nas religiões não têm espaço reservado para sua existência humana. Para seu lugar de fala, de pertencimento, de regionalidades e de territorialidades. E, que os corpos ficam resumidos aos credos, sem vivenciar para além da experiência do sagrado. Em vista disso, os silêncios das personas vão impossibilitando a humanidade que há em cada corpo, palavras não ditas, não discutidas e muitas vezes supostamente não aceitas. As sombras e as couraças são silenciadas, entupidas, sacralizadas e fragmentadas na secularidade.

Enfim, essa grande agenciadora do corpo dita normas visíveis de comportamento e ações nas práticas do cotidiano garantindo a salvação da alma e punição do corpo enquanto ele existir. Logo, para fortalecer o agenciamento religioso o corpo vai sendo constituído pelas mais variadas instituições sociais, conjunturas, espaços, regiões e temporalidade compondo o ser e o distanciando dele mesmo. Dessa forma,

Se as crenças variam, os modos de ver e de pensar o “mundo” também vão se diferenciando em decorrência de tais variações. Assistimos ao longo do tempo a inúmeras mudanças na esfera religiosa e, dentre elas, a relação entre o sujeito e seu corpo ocupam lugar central. As mudanças na esfera religiosa dizem muito a respeito das mudanças visíveis nos corpos humanos nos diversos períodos e lugares. Por trás de cada gesto, desde a época do feudalismo até o século atual, é possível observar um tipo de educação que teve, ou tem, vínculo com a esfera religiosa, até mesmo no ambiente escolar. Mesmo na contemporaneidade, as religiões exercem poder normativo sobre os corpos, que são educados e marcados por práticas religiosas diversas. A diferença é que se antes a Igreja possuía o monopólio das regras sobre os “usos do corpo¹³” e da alma, e hoje ela disputa o domínio com outras esferas do saber. As clínicas, as escolas, os clubes etc. entram na disputa pelo agenciamento dos corpos e “cuidados de si”. Afinal, os profissionais que trabalham nestes e em outros locais do mesmo gênero (psicólogos, esteticistas, nutricionistas, professores de Educação Física

¹³ O termo “uso do corpo” faz referência ao sentido dado por Marcel Mauss (2003), para o qual o corpo é o primeiro instrumento do homem. Mas, ao contrário da compreensão utilitarista a que o termo “uso do corpo” possa remeter, o importante no conceito do autor é que estes diferentes usos podem (e devem) ser atribuídos a diferentes significados conforme o contexto sociocultural em que estão inseridos.

e outros) elaboram discursos que ditam “normas” sobre como se portar em relação aos aspectos corporais. (RIGONI, 2016, p. 136)

Deste modo, o tensionamento aqui é buscar onde os corpos individuais são ouvidos e incluídos diante da sociedade que castra e alija a cultura, acultura na monológica e monocultura ocidental para manter a colonialidade do poder. Inaugurar as reflexões relativas das agências que manipulam os corpos e as práticas epistemológicas que beneficiam uma ética hegemônica e a cultural/religiosa é urgente para colocar na pauta esse legado que encarcera o mover dos corpos.

Crianças têm corpo

Quem tirou a criança da criança?
Para onde foi a inocência
O faz de conta,
O encanto da história?

De ir ao circo
E o brilho dos olhos ao ver
palhaço
comer guloseimas sem ou com
compulsão
Tomar sorvete e se lambuzar, e a
pipoca?

Ainda resta um pouquinho de
criança
Ela agora é rotulada
A criança é doente
Maluca, será?

Não aprendem
Já viram como escrevem errado?
Poucas se alfabetizam!
Quem já viu criança estressada
Ela é

Treme, tem medo
É usada e violada
Alguém já viu criança apática
Sem movimento, sem fala

Às vezes parece não sentir, não
sorrir
Ah! Quem tirou a criança da
criança
Isso não é licença poética
Fantasia

Não! Eu vi, criança assim
Não come e nem toma banho
Apanha e bate [mas]
Deixa o meu bebê em paz!
Não incomoda

Não ensina, não aborrece
Não dá preocupação para ela
a rua cuida, não tem pai e mãe
[e tem]

Quem escuta essa criança
Quem cuida
Oh! Criança sofrida
Ainda assim, ela dança

Grita e fala alto
Sem modo e maneira
Mas como ter
Ah! Ela aprende

Se trazer o palhaço
mesmo que não encante,
vai sorrir
se conta uma história bem
contada, vai ouvir,
dentro do rosto sofrido
no corpo duro e maltratado,
existe ainda uma criança.

(Paz, 2018, p. 67)

6.3 Análise cognitiva e a inclusão do corpo das/os alunas/os de Escola da Rede Municipal de Ensino de Salvador: Experiência Psicocorpoética no Ensino Fundamental

Esta experiência realizei com objetivo de questionar o corpo das crianças no processo de aprendizagem, sua participação, saberes acumulados e protagonismo para adquirir conhecimento escolar vivencial.

O trabalho foi realizado numa turma de 1º ano de escolarização, crianças que estavam no processo de alfabetização, depois de terem passado dois anos na Educação Infantil. O objetivo deste trabalho foi analisar e incluir os corpos das crianças cognitivamente na aprendizagem e fazê-las entender da cognição que carregam em seus corpos. Perceber a interação de uma criança com a outra, entender o que elas sabiam sobre si, sobre suas famílias, o lugar em que elas estavam inseridas, o que gostavam, como verbalizavam seus desejos, como usavam seus corpos para dizer dos seus sentimentos, observar se brincavam, como brincavam e de que brincavam.

Para isso, preparei diversas atividades as quais acreditava que as crianças oriundas da Educação Infantil seriam capazes de realizar, até porque, as professoras foram preparadas para conduzir as crianças para esse momento escolar. Mas....

O corpo como registro principal da verdade corporal que todos nós carregamos e possuímos, nos remete a pensar sobre qual lugar a/o professor/a depositou sua alegria, que caminho escolheu para construir a sua autoestima, a sua subjetividade, a sua energia orgástica¹⁴. Saber sobre estas premissas, qualquer que fosse a identificação com seu corpo e ter consciência de si mesmo, da identidade que a firma no mundo que a cerca pode ajudá-la a ter postura e atitude para sair do lugar em que está e fazer as mudanças que forem necessárias para atuar em sua vida. (...) Para que o/a professor/a tenha consciência da sua própria história, do que ocorreu em seu âmago, é necessário que ele/a faça o processo de autoconhecimento que é o mergulho cada vez mais fundo na sua história de vida, nos aspectos psicológicos, emocionais e culturais, que constituem seu ser. A busca do *self*, (inteireza, si mesmo, totalidade, subjetividade), faz com que o corpo sinta as marcas que a formação identitária deixou, a depender da realidade e das recordações que foram registradas em sua memória, de como lidou com essas variantes, dando importância ou negligenciando os fatos que lhes causaram incômodos ou que lhes agradaram, como o fato de ser gordo, magro, negro, amarelo, baixinho, alto, e tantas outras diferenças que o corpo teve que levar em consideração, sofrer ou driblar para sobreviver. (PAZ, 2018, p. 74, 75)

Não basta a formação inicial nem a continuada senão tiver implicada em incluir os corpos dos profissionais de educação, com tudo que eles trazem; quem são, qual a sua atuação da vida prática e quais são os seus sentimentos. É preciso ouvi-los, prestigiar suas narrativas pessoais que são de extrema importância para o fazer pedagógico.

14 Fluxo de energia para o corpo todo, pulsação, contração e expansão. (Reich 1927).

Assim mesmo, esperava que as crianças soubessem minimamente elementos da sua identidade pessoal, identificassem os membros da família, diferenciassem números e letras, tivessem noção de lateralidade, esquema corporal e espacial por meio de brinquedos e brincadeiras.

Ao fazer contato com as crianças no primeiro dia de aula expectava incluir os corpos cognoscentes que estavam ali diante de mim. O grande desafio era passar a conhecer e identificar a realidade que se mostrava naqueles corpos, [...] “quando a experiência do corpo próprio nos ensina a enraizar o espaço na existência” fica mais fácil entendermos quem somos. (PONTY, 2011, p. 205)

A sala de aula me proporcionou muita alegria, fiquei imbuída da preparação, pesquisa e expectativa para o encontro com as crianças. No primeiro dia levei para aula um grande círculo, uma mandala (ponto focal para meditação e representação simbólica da luta pela unidade total do eu) de doces, muitas guloseimas, tudo muito colorido. A mandala foi construída no chão da sala, mudei a disposição das cadeiras. E aguardei.

Para a minha surpresa não provoquei emoção nas crianças, elas não sabiam falar na rodinha, ficaram impactadas. Fui descobrindo que nem sabiam os próprios nomes direito. Eram apáticas com o olhar deslocado, perdido, corpo sem energia, sem vida, solto no espaço. Nem a mandala sendo de guloseimas, aparentemente, não lhes dissera nada. Enfim, corpos não incluídos, não ouvidos, ameaçados e medrosos. Arroyo (2019. p. 13) nos faz refletir nessa perspectiva

Ignorar os corpos dos educandos bloqueia vê-los oprimidos, mas resistentes a opressão. Ver os educandos apenas como mentes a iluminar, ignorando e até controlando os corpos tem empobrecido os próprios processos e aprender, e sobretudo, de entender, acompanhar seu desenvolvimento humano como totalidades humanas corpóreas. Corpos de sofrimento, de medo, de opressão, de ameaças, de resistências por libertação. Não dar centralidade a ver corpos de sofrimentos, de opressão, de resistências limitou a pedagogia a ver e dar centralidade aos processos de desumanização que os corpos sintetizam.

Quem eram mesmo aquelas crianças? Não sabiam informações básicas a respeito delas mesmas. Fiquei assustada, paralisada e perplexa. Eu tive inúmeros sentimentos: raiva, traição, tristeza e adoeci de tanta angústia. Só me restava arregaçar as mangas e recomeçar. Começar como se elas nunca tivessem ido à escola. E assim foi feito.

Era o momento de alfabetizá-las, mas não tinham as condições mínimas para que eu começasse o trabalho. Desespero total. As crianças sabiam duas coisas, pular e gritar. Pensei

em trazer a Bioenergética, movimentos corporais, visualização criativa, performances, meditação para incluir os corpos, enraizá-los, sustentando-os na beleza e no afeto. Com muita firmeza e entendimento que tinham o direito a educação.

Comecei a me questionar como fazer para que elas compreendessem o papel da escola, pois só tinham seis anos e nem sabiam direito quem eram elas. Precisavam conceber esse lugar escola, como lugar de troca, de aprendizagem no qual poderiam incluir suas narrativas corporais, histórias de vida imbricadas no social, na religiosidade e na etnicidade. Então, comecei pensando

O corpo sabe. Através dos nossos corpos, nós entendemos. Isto não é uma afirmação, mas o jeito de permanecer no mundo. (...) a transmissão do conhecimento e da informação do corpo para o corpo, através da prática, das linguagens, dos movimentos, e cujo principal instrumento é a capacidade de sintonizar nossos corpos com os corpos dos outros e começar escutar. (OLIVEIRA, SALLES, 2018, p. 63)

O reconhecimento de si mesmo era fundante para se aprender algo fora daquele corpo, tinha que haver um casamento entre os conteúdos e quem eram elas. Buscar um caminho transdisciplinar, um projeto que foi aos poucos se edificando com a participação de todos, “a partir da intuição ontológica e da fundamentação epistemológica que parte da compreensão da implicação ser humano e totalidade vivente manifesta e imanifesta”. (GALEFFI, 2009)

Assim, fomos juntos reconstruindo quem eram elas no mundo, empoderando-as e apoderando-as sobre questões pessoais simples, porém estruturantes para entender quem eram de verdade, enfatizando a própria importância de si para depois ampliar outros horizontes das ciências.

Pensar a complexidade de tudo que envolvia aqueles corpos, desde quem cuidava deles ou de quem não cuidava, seria primordial para localizá-las no espaço de suas vivências, pois às vezes os corpos descuidados revelavam a ausência de um responsável em suas vidas.

Algumas crianças chegavam na aula zangadas, tristes e não sorriam. Por esse motivo escolhi fazer a introdução do trabalho pela autoestima, quem podia cuidar de nosso corpo, a quem poderíamos confiar e pedir ajuda.

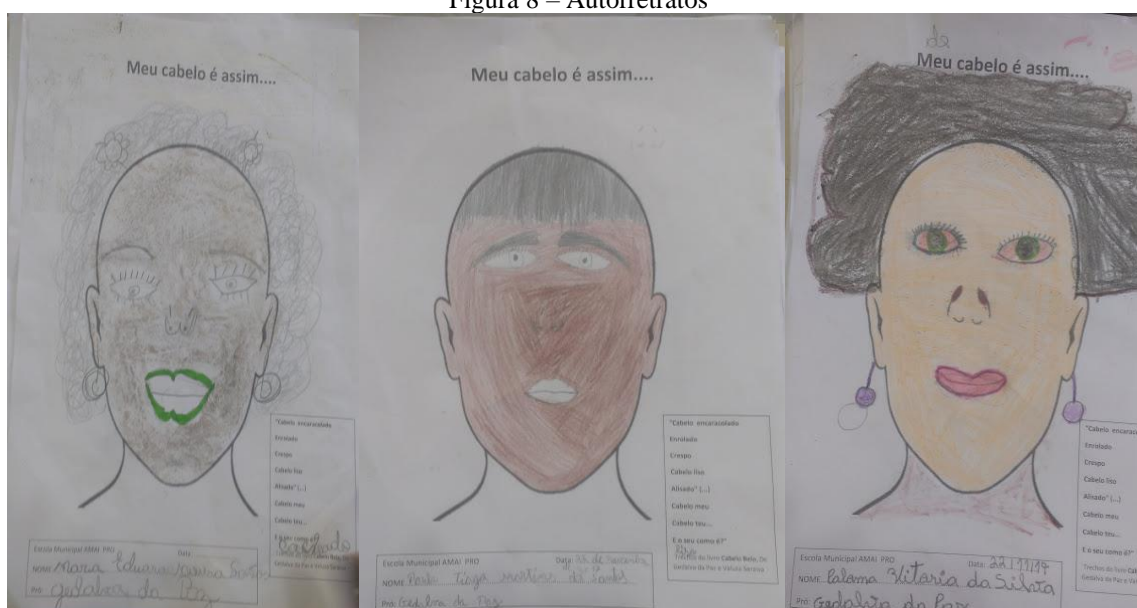
Essas necessidades são básicas e aqueles corpos precisavam aprender quase que sozinhos para obter autonomia ou saber pedir auxílio se precisasse. Corroborando com esta perspectiva Coelho e Debortoli (2012, p. 133) argumentam: “Por isso, autonomia das crianças e responsabilidades dos adultos são indissociáveis e, nesse diálogo, revelam-se as próprias

condições das aprendizagens, das habilidades e das inventividades necessárias à vida social, em suas diferentes formas de vivê-las”.

Diante disso, fomos nos olhando, nos identificamos na etnia a qual pertencemos. Eu, professora negra, falava sobre isso, tínhamos muitas coisas em comum, fomos ficando cúmplices de um processo de aprendizagem que passava pela pele e pela confiança dos movimentos corporais.

Começamos a traçar nosso autorretrato (figura 8) nos reconhecemos no outro, nos enxergamos com nossas características e nos assumimos, apesar do processo as vezes desestabilizar, provocar conflito de identidade seguimos nos reconhecendo.

Figura 8 – Autorretratos



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Iniciamos as instigações, muitas vezes com sofrimento para compreender que eram capazes de aprender a ler, escrever e muito mais. Os rascunhos, as escritas e os desenhos foram sendo traçados sobre nós, elas não estavam sozinhas/os, faríamos a caminhada juntos. Estávamos afetados pela cor da pele, pelo resgate da autoestima, por mudança da crença derrotista e pelo empoderamento que ali precisava surgir.

Fomos trabalhando as grandes possibilidades (figura 9) que pesquisamos juntos. Aprendemos o que a/o negra/o poderia ser o quisesse e os colocando se nessa crença com muita luta, combatendo o racismo e salientando que não seria fácil, mas possível ou não. Ainda assim poderia descobrir o potencial do seu corpo.

Foto 16 - Leitura



Fonte: Arquivo da pesquisadora

A pesquisa sobre quem eram elas continuava para validar sua importância, seu jeito, sua moradia e seus parentes. Foram estimulados a pesquisar sobre suas próprias histórias, perguntar aos pais seus nomes completos, os nomes dos pais, dos avós, endereço, onde moravam. E falar o que faziam na casa dos avós, o que comiam, gostavam, faziam nas ruas, quem penteava os cabelos, dava banho. Detalhes a respeito de cada um. Como conciliar tudo isso com o currículo preestabelecido? Como cumprir com o planejamento para alcançar a alfabetização? Será que tudo isso interessa mesmo a escola?

Eu acho que sim, porque veja bem o seguinte: [...] a intersubjetividade em si já traz a questão das múltiplas referências, são múltiplos olhares, múltiplos os esquemas de análise que estão ali. Se você tem indivíduos sociais diferenciados que são submetidos por uma linguagem, por uma cultura, por formas, ethos, éticas, estéticas diferenciadas, você já tem aí a complexidade de cada uma delas. Na hora em que essas complexidades interagem, o processo torna-se ainda mais complexo, e quando dizemos que, nessas interações, se estrutura e se constrói saber, se constrói conhecimento, isto é muito certo porque em nenhuma situação em que estamos com o outro deixamos de aprender. Acho que isso é uma coisa básica. Eu posso estar com você dois minutos e possivelmente vou levar alguma coisa de você e você vai levar alguma coisa de mim, porque nos olhamos e só no olhar, na emoção, trocamos informação, trocamos formas de ser etc. Acredito que [essa é] uma das coisas que a escola não permite e que outros espaços permitem [...]. Por quê? Porque na escola, normalmente, os indivíduos, organizados em grupos, se transformam numa massa relativamente homogênea. Por quê? Porque na maioria dos processos escolares você trabalha para uma prescrição de aluno, você não trabalha pensando que você tem um conjunto de individualidades e de pessoas extremamente diferentes. É raro o professor que trabalha com essa concepção ou que é formado com essa concepção. (FRÓES, 2012, p.143)

Nessa perspectiva, investi para que cada um tivesse seu lugar de corpo como indivíduo que fazia parte de um coletivo com a capacidade de se sustentar, com a importância de si mesmo, reconhecida em primeiro lugar por eles mesmos, se reconhecendo capazes e estimulados a identificar suas potencialidades. As perguntas não eram mero preenchimento de

atividades dadas por alguém ou lacunas de um livro para completar e sim, momentos de autoconhecimento nos quais poderíamos ver as diferenças de cada um, ritmos e habilidades. Construir o conhecimento, investigar por campo de interesse, desafiar as condições cognitivas a fim de experimentar para além do que estava posto pela escola, da relação hierárquica com o adulto e pelo currículo estabelecido para o primeiro ano de escolarização.

Considero a complexidade de cada um, a individualidade, tempo, interesse e gosto. Assim busquei marcar a passagem daquelas crianças na escola de maneira positiva, através do afeto, do gesto de carinho, da inteiração com o grupo e do registro na memória. Todos tinham espaço (foto17) de fala, de gestualidade e de troca, sem parecer igual, desenvolviam habilidades em realizar performance, matemática, escrita, leitura, oral e artes cada um respeitando seus ritmos e desenvolturas.

Foto 17 - Interação com o grupo



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Por acreditar em uma educação transdisciplinar que inclui o ser humano por meio de símbolos, atitudes e criatividade, os acompanhei com gestos amorosos e os incentivei a seguir. Criei procedimentos simples e estruturantes que lhes passavam segurança. Sempre os esperava na porta da sala de aula, com sala incensada e música de relaxamento. Um cheiro que marcasse a memória de acolhimento, experiência vivida que fará parte do seu repertório psíquico e da sua consciência corporal. “A experiência revela sob o espaço objetivo no qual finalmente o corpo toma lugar, uma espacialidade primordial da qual a primeira é apenas o involucro que se confundi com o próprio ser do corpo”. (PONTY, 2011, p. 205)

Proporcionar essa experiência no espaço afetivo que cheira, lembra, faz memória e se confundi com o próprio corpo, para ter a noção de corpo vivido, experimentado, afetado no afeto, que faz sentido e tem motivação para construir coisas, edificar conhecimento a partir de um corpo que tem importância.

A epistemologia do educar transdisciplinar aqui expressa é primacialmente um movimento de autoconhecimento intensivo e que tem por meta o próprio acontecimento humano em sua saga aberta e inelutável. (...) Uma retomada do que constitui a potência de ser transformante. A via invisível e valorosa do que tem coração. Por isso tem inteligência e sensibilidade transdisciplinar. A via do coração é o caminho do ser-sendo-outro. E o coração é uma imagem aproximada do que não tem termo e não tem limites em seu poder-se. O coração é a morada do sentido em sua efervescência luminosa. A câmara labiríntica de toda emoção e sentimento. O lugar da vida inteligente e criadora. (GALEFFI, 2009, p. 6)

As crianças precisavam se perceber, notar-se, respirar, aquietar, meditar, sentir e ouvir o corpo acalmar. Centrar pela via do coração só foi possível porque elas pediam e queriam silenciar seus pequenos corpos sempre muito agitados, rígidos e estressados. Pensei que essas características só eram de adultos encouraçados. Não ficaram de fora os limites e as regras que conduziram para a autonomia e o protagonismo das ações.

Busquei a consciência para as crianças se entenderem no mundo, pensando quais eram os envoltórios políticos, antropológicos e históricos que as envolviam e as destinavam categoricamente a estratificação socioeconômica. Para entender quem eram elas, esperar o seu projeto de vida pessoal (foto18), ter expectativas, desejos e vislumbrar o presente e o futuro. Para além da violência vivida dentro e fora de casa, parecia-me afetuoso e estruturante para lhes dar chão, segurança, pés firmes em si mesmas.

Foto 18 - Beleza



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Fomos levantando as características (Foto 19) de cada um, olhando o nariz, a boca, o jeito, hábito, as características da família e os cabelos. A boniteza foi chegando, o desejo por aprender era uma realidade, todos queriam aprender alguma coisa, agora fazia sentido, se

perceber, estar num corpo cognitivo, muitas vezes sem apoio da família ou mesmo sendo atrapalhados por ela. A participação das famílias na maioria das vezes era indireta, então a compreensão não foi a mesma por todas as crianças, até pelo fato individual de cada um ser único. No processo foi acontecendo muito crescimento, questionamento, autonomia, defesa de si e criticidade.

Foto 19 – Reconhecimento de si



Fonte: Arquivo da pesquisadora

As crianças começaram a esticar as colunas, a ter prazer de vir para a escola, queriam aprender, as dificuldades de aprendizagem eram muitas, mas... Agora tinham muito material pessoal, coletivo, sabiam atitude de defesa, de fala, de existência e o lugar da investigação era propício, o corpo enfim estava incluído. Pois,

O autoconhecimento não serve para permitir o domínio dos meios e sim para abrir o discernimento que é, também, uma propriedade dos entes naturais. Discernir, então, não é o acesso ao livre-arbítrio e sim à compreensão do arbítrio livre. Aquilo que conhece se autoconhece. Esta parece ser uma propriedade do conhecimento: o conhecimento compreende aquilo que conhece. O compreender está em toda parte. (GALEFFI, 2009, p. 11)

Ao entrar na escola, eu pensava em cada corpinho, em cada história e como poderia chegar em cada um deles. Decolonizar o pensamento sobre os corpos das crianças, sobre o currículo escolar e pensar para além do que elas apresentavam. Preencher de órgão e afeto aqueles corpos, dar significado de corpo vivido e experienciado me parecia uma tarefa muito difícil, apesar de todo crescimento.

Então continuei, não queria treinar suas cabeças com palavras decoradas e letras que não faziam sentido, para um sentido que já não existia em suas vidas. Queria tocá-los além da sua realidade de tráfico, mortes, brigas e desalentos. Queria conseguir fazer com que as crianças

se sentissem emocionadas, fantasiassem com monstros, bruxas, fadas e gnomos (foto 20). Trazer a criação a criatividade para a construção da própria cognição era primordial dado que

O potencial criador é um fenômeno de ordem mais geral, menos específico do que os processos de criação através dos quais o potencial se realiza. Salientamos o caráter geral, e indefinido até, do potencial a fim de assinalar o sentido da definição que se efetua nos processos criativos, tomados aqui como processos ordenadores e configuradores. (...) O potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente (...) A produtividade em vez de se esgotar, liberando-se, amplia-se. A criatividade, como a entendemos, implica uma força crescente, ela se reabastece nos próprios processos através dos quais se realiza. (OSTROWER, 2014, p. 26 e 27)

Foto 20- Desenhos das crianças



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Nesse reconhecimento e potencial criativo os estudos étnicos raciais eram uma rotina para a construção do projeto de identidade, as crianças tinham espaço de fala para dizer quem eram, dizer da sua religiosidade e através das histórias se projetarem rainhas e reis no crescimento da autoestima e representatividade. Passaram a conhecer personalidades negras, desejavam também ser como elas, estudavam e ficavam sabendo sobre essas vidas de sucesso que as esperavam para seu presente e um futuro tão próximo.

Estudar a memória ancestral de personalidades negras nacionais e internacionais das mais variadas profissões e intelectualidades proporcionava as crianças uma experiência atemporal sobre o povo que pertenciam por meio de referência positiva e estruturante. As histórias infantis e os contos africanos se encarregavam de ampliar a criatividade, o imagético, as funções cognitivas, a possibilidade de qualificar a escrita e a leitura.

Figura 10 – Literatura negra infantil



Fonte: Arquivo da pesquisadora

O trabalho se apoiava nas artes que promovem completude interior e a compreensão de si (ARMSTRONG, BOTTON, 2014). A arte poética revela traço da vivência íntima e pessoal do indivíduo que se submete ao processo criativo. A criação artística está entrelaçada com a vida no momento em que o corpo é submetido a uma vivência. Este coloca para fora sutilezas implícitas ou explícitas da maneira de ser, do jeito de conviver e se relacionar com o outro, a despeito do tema e da condução proposta.

A arte revela na experiência criativa, desvela e anuncia possivelmente conteúdo que o indivíduo normalmente não faria contato se não fosse por meio da linguagem artística, pois lhes é possibilitado criar e descobrir algo novo. Experiência sensorio motora que ajuda a entender como agimos no mundo.

As atividades sensorio-motoras que emergiram decorrentes da arte: dança, dramatização, imitação, declamação, desfiles, suscitaram empatia, atenção e autoestima. Falas que agora faziam sentido. Riam, tinham leveza corporal e acreditavam que podiam ser diferentes. Tomaram gosto em memorizar as suas próprias histórias envolvendo seus corpos. Foram fortalecendo o tônus muscular e reestruturando o ser. O que possibilitou o reconhecimento de si mesmo em seus corpos e quem eram elas naquele formato.

Foto 21 – Desfile



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Não foi fácil para elas, apesar de parecer banal e simples saber essas informações básicas sobre elas mesmas. Normalmente as crianças aprendem essas consignas nos primeiros anos de vida, porém, aquelas não tiveram essa oportunidade, tremiam, suavam, tiveram medo, contudo, estavam felizes e chegando em seus corpos. A diferença de tudo isso, é que eu sabia o que estava fazendo, proporcionar o encontro do corpo com aquele que habita nele.

O impacto das apresentações, do desfile (foto 21), foi grande, as vozes foram fortes, todos pararam para ouvir e ver. O corpo experimentando, sentindo e respirando. Estimulei o resgate das memórias, a criação, o desejo de ler e de escrever. Eram notados por todos [...] admitindo que a consciência está encerrada no corpo e sofre, através dele a ação de um mundo em si, somos conduzidos a descrever o objeto e o mundo como eles, a consciência (...). (PONTY,2011 p.93)

Tomamos como suporte para o desenvolvimento cognitivo a percepção de si, a compreensão da diversidade através das artes: teatro – dramatização, dança, poesia, desenho e os movimentos corporais. A criatividade foi surgindo mediante os fenômenos culturais, sociais, pedagógicos e os corriqueiros apresentados a elas.

A subjetividade também teve lugar no coletivo e no individual, a expressão dos corpos apareceu garantido a capacidade identitária das crianças e elas foram afetadas, no novo, nos fluxos das emoções, dos desejos e no que há de vir.

As crianças foram atravessadas pela magia dos contos africanos, dos contos de fadas, pelas histórias infantis de vários gêneros. Escreveram, leram, imaginaram e criaram. Ao aprender a escrever para dizer o que estavam sentindo, garantiram o lugar da infância, no qual puderam ampliar o imagético e a alegria de viver.

A magia da literatura transcendeu a realidade e fez as crianças mais felizes, seguras, elevou a autoestima e enriqueceu o vocabulário. Desse modo, elas procuravam espontaneamente por livro consagrando o interesse pela cultura e a pela prática de leitura mais consciente e prazerosa.

As crianças como seres sociais, antropológicos, psíquicos, culturais e econômicos são policorpos e nos pedem como profissionais de educação para irmos além dos conceitos pedagógicos. Elas são multifacetadas, precisam que as/os professoras/es investiguem nas mais diversas áreas de conhecimento, juntamente com os seus respectivos profissionais, sobre seu desenvolvimento humano/ intelectual/emocional para obtermos resultados mais próximos das urgências infantis.

Estas investigações e conhecimentos nos remeterão ao corpo cognitivo das crianças que permitirá abrir as portas para aprender e ensinar. Elas são implicadas por meio de novas criações, inclusão do corpo, da arte e protagonismo dos procedimentos educacionais.

Ao considerar o corpo cognitivo das crianças, estaremos promovendo para elas exercício da cidadania, estímulo a opinar, dialogar, discordar, ampliar, participar e construir conhecimento e inclusive planejar juntos. Nesse espaço de aprendizagem os corpos serão indisciplinados na perspectiva polilógica do processo de ensino transdisciplinar.

Para isso, é necessário que a/o professor/a esteja aberta para o crescente desenvolvimento humano e autoconhecimento que é uma espiral que começa e não tem onde terminar. As práticas são sempre questionadas, problematizadas e ampliadas. A pesquisa é uma rotina tanto individual, quanto coletiva, a formação em serviço é uma constante necessidade.

Dessa forma, a escola e o currículo não podem ser imbuídos de normas, disciplinarização e dicotomia da realidade. Com isso, não estou dizendo que não tenha

procedimentos, porém, que esses sejam construídos juntos com as crianças, pais, outros profissionais e a comunidade interna e externa. O corpo é a matriz do conhecimento, a vivência indica a proposta para ser pensada por todos inseridos no projeto educacional sem deixar de considerar as características psicoemocionais sociais, culturais das crianças, jovens e adultos.

Nesse projeto, tudo o que for hegemônico, reacionário, monológico, excludente, colonizador, adestrador, adultocentrado impossibilita desenvolvimento da fruição e da criatividade. Senão for assim podemos comprometer a capacidade cognitiva das crianças, não teremos seres pensantes que tenham a capacidade de transformar e transgredir em seus espaços de atuação.

A relação dialógica nesse trabalho é permutar informações e capacitar as crianças sobre sistema mundo. Provocar pesquisas e estudos que mostrem interações de vários países, fazendo-as entender do seu corpo cognitivo, de sua capacidade de exercer cidadania, conhecer o quanto uma criança pode ser politizada, além de ter a capacidade de fazer intervenções críticas.

Essa proposta que se encaixa na educação decolonial desde Educação Infantil e Ensino Fundamental tem a intenção de incluir corpos, histórias de vida, memória, ancestralidade, saberes e participação indisciplinada na atuação das crianças. O objetivo desse processo educativo é emancipação de corpos marcados pela subalternidade e inferioridade. A humanização das crianças é prerrogativa fundante. (...) pedagogias como práticas insurgentes que fraturam a modernidade/colonialidade e tornam possível outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com”. (WALSH, 2013, p. 19)

Assim, o aprendizado a partir do corpo cognitivo não é no corpo como contraponto á mente, mas uma atenção aos seres em suas totalidades encarnadas. E as histórias registradas nos corpos das crianças se confundem com as histórias do seu território, das suas experiências, de suas tramas psíquicas e vão se formando enquanto seres atuantes.

Iansã

Tão poderosa quanto o seu marido Xangô, Iansã é uma deusa que percorreu vários reinos em busca da sabedoria de outros orixás. Utilizando de sua ampla capacidade de despertar a paixão, aprendeu várias habilidades pertencentes a outras divindades. Só não conseguiu tal feito quando se deparou com Obaluaê, orixá que jamais se rendeu aos encantos de outro alguém.

Irrequieta tal qual o marido, Iansã tem forte espírito guerreiro e já foi de grande serventia quando Oxalá precisava vencer uma batalha. Nessa ocasião, ele contava com a ajuda de Ogum, feitor de armas. Contudo, mesmo se dedicando o máximo que podia, o orixá ferreiro não conseguia atender a demanda de Oxalá. Ao notar a reclamação do guerreiro, Iansã, que ainda não havia se casado com Xangô, se pôs a ajudar na fabricação das armas soprando o fogo que as forjavam.

Por meio desse mito, vemos que Iansã tem sua força ligada à participação nas guerras e no domínio dos ventos. Toda vez que um grande deslocamento de ar acontece, os devotos desse orixá reconhecem o seu poder de atuação. Dessa forma, sendo portadora dos ventos e senhora de batalhas, esse orixá feminino se destaca ao se mostrar detentora de habilidades e comportamentos tradicionalmente masculinos.

Oyá, outro nome comum para Iansã, também está ligada ao mundo dos mortos. Através de um instrumento litúrgico, feito com rabo de cavalo, ela conduz a trilha que estabelece esse contato entre os que não estão mais vivos. Além disso, é esse mesmo orixá que prepara roupas especiais para os mortos, chamadas de egungum. Por meio desse traje, os mortos adquirem a capacidade de voltar à Terra para entrar em contato com os seus descendentes.

Ao mesmo tempo em que é ligada ao fogo, por sua capacidade de despertar paixões, Oyá também está costumeiramente associada ao poder dos trovões e da eletricidade. Esse último poder foi adquirido junto a Xangô, que lhe ensinou tal habilidade em sinal do arrebatador sentimento que lhe tomou ao conhecer a bela divindade. Tal gesto de devoção seria crucial para que Iansã aprendesse a diferença entre um amor verdadeiro e a simples paixão.

No âmbito sincrético, a mitologia de Iansã é usualmente associada à Santa Bárbara, divindade católica que foi morta pelo pai ao se converter ao cristianismo. Após a execução de Bárbara, um raio atingiu a cabeça de seu progenitor. Pela razão do óbito, muitos equiparam a santidade católica ao poder que Oyá tem de controlar os ventos e raios. Além disso, o fato de Santa Bárbara ser representada com uma espada nas mãos reforça ainda mais a aproximação junto à divindade afro. (SOUSA, Rainer Gonçalves "Iansã"; Brasil Escola)

6.4 Para começo dos trabalhos no grupo focal Psicocorpoética: Caminho de trovoadas e ventanias, orientação onírica

Tudo começou quando uma amiga sonhou com Iansã conversando comigo. Minha amiga sonhou incorporada de Iansã, ela é de Iansã, mas não incorpora, ainda! Ela sonhou que a Orixá conversava muito comigo, fazia-me várias recomendações. Eram diversas demandas e eu relatei às minhas questões pessoais. Depois de me contar o sonho a minha amiga questionou o horário do grupo focal. Achei óbvio e não sei por que não havia pensado nisso antes, trocar de sábado à tarde para sábado pela manhã. Então a ventania começou, liguei para uma e para outra, foram inúmeras trovoadas, mudanças e inquietações, mas creio que no final ficou bom para todas. Então mudamos o horário.

Na noite, véspera do trabalho, choveu muito e relampejou. Fomos assim mesmo para iniciar o encontro do grupo focal. Alguém me perguntou se com aquela tempestade a atividade iria acontecer. Respondi que já estava no local. Marquei de estar no local às 8:30h, o encontro começaria às 10:00. No caminho achei tudo bastante calmo, meu relógio começou a ficar lento às 8:20, não tive pressa, achei cedo apesar da chuva. Fui com calma, às 8:30 estava no local. Meu relógio estava parado, a partir deste instante não funcionou mais. Entendi que não precisava correr, tudo estava indo bem e o controle do tempo estava feito.

Esperei, organizei e energizei o espaço, como consta na foto 22. A chuva continuava, as pessoas não chegavam, esperei. As pessoas foram chegando preenchendo anamnese. Quando começamos os trabalhos éramos treze pessoas, número ligado à transformação, renovação e transmutação, morte e vida tudo a ver com Iansã.

Foto 22 – Espaço para o trabalho



Fonte: Arquivo da pesquisadora

6.5 Composição do grupo focal

O grupo focal foi composto inicialmente com treze mulheres de idade e profissões diferentes, uma riqueza de saberes e experiências de vida, no quadro 5 trago as características de identificação e o que elas pensavam inicialmente sobre corpo cognitivo.

Quadro 5 Participantes do grupo focal

Participante	Profissão	Idade	Ideia sobre corpo cognitivo	Definição do seu corpo/frase
1. Lua/leoa	Profa./ Letras	45 Anos	Não tenho como conhecer não conheço mais meu corpo.	Meu corpo é resultado de minha mente.
2. Fênix	Agente de Educ./Estud. Pedagogia	42 anos	Entendo que seja o corpo real que sou independente do que as pessoas veem. E o verdadeiro corpo e poucos conseguem perceber, apenas as pessoas sensíveis conseguem perceber.	Como o homem(mulher) se imagina em sua alma, assim é (Provérbios).
3. Borboleta	Publicitária/Comunicação Social	25 anos	Corpo cognitivo é o corpo como ferramenta essencial para os processos de cognições.	Descobrir meu corpo e conhecendo suas mudanças e limites.
4. Cachorra/Bambu	Mestre em Educação/Pedagoga	47anos	Penso que sejam aprendizados/experiências etc., que ocorrem no nosso corpo, mas nem sempre estamos atentas, porque muitas vezes conectadas somente com o conhecimento racional.	É um espaço maravilhoso, mas que precisa ser cuidado, acarinhado, tratado para aguentar os desafios da vida feminina
5. Abacaxi	Estudante/Pedagogia	44 anos	Ainda não tenho resposta	Não respondeu
6. Gatinha	Socióloga/ Doutoranda	71 anos	A parte mais importante da minha consciência, embora todo meu corpo seja uma constante	Casa para evolução espiritual
7. Sol	Mestre/ Pedagogia	40 anos	É um corpo que sente, pensa um todo. Ele tem vínculos com os seus pares, tem pertencimento.	Somos um . Eu te vejo

8. Flor	Estudante/ Pedagogia	40 anos	Corpo sentido, o corpo que sentimos e como o corpo sente o que sentimos.	Minha casa, meu lar.
9. Nuvem	Técnica de Enfermagem Massoterapeuta	46 anos	Meu corpo que sente, meu corpo além da minha matéria.	Meu corpo, veículo das minhas emoções
10. Mata	Estudante de Psicologia	23 anos	O corpo que comunica emoções pensamentos, e isto, por sua vez, comunica cognição	Rigidez é algo a ser transporto.
11. Lagarta	Profa. Letras	37 anos	Corpo Conhecimento, percebido	_____
12. Vento	Profa. Letras/ Pedagoga /Mestre	50 anos	Corpo que quer aprender de si.	Meu corpo é a minha representação no mundo
13. Passarinho	Vendedora/ Estudante de Pedagogia	37 anos	Como se sente, se constrói a si mesmo. O corpo conjunto todo seu ser.	Busca constante de desconstrução

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

6.6 Consciência Corporal e narrativas de vida – Análise Cognitiva Psicocorpoética no processo de construção

A consciência corporal, consciência de si, um olhar para si mesmo, um tempo reservado para valorar seu corpo, suas competências, são requisitos primordiais para saber quem se é no mundo em que vive. Aspectos que foram pontuados na apresentação do grupo focal e nas narrativas pessoais. Parecia ser um momento necessário, urgente e gritante. Sofrimento, choro contagiante, alívio, desabafo e desconfiança. “É o grupo que cria seus objetivos e faz descobertas utilizando o que existe em cada ser humano de riqueza e experiência, ainda que pelo simples fato de viver”. (CUNHA, 2010, p. 4)

Parecia um contrato implícito de chegar ali e dizer quem era. As falas da apresentação foram regadas de dores e aflições pelo ato de falar. Para ajudar as narrativas foi solicitado que as mulheres se apresentassem falando sobre um símbolo representativo da sua história que dissessem sobre elas. Resgatar-se e ligar-se ao símbolo parecia refazer a identidade da memória imóvel e congelada que estava lá na infância ferida. Os símbolos só falavam da crença, da elaboração para a nova percepção-cognitiva, mas, também dos desejos de mudar e dos percursos ditados para aquelas vidas.

As falas foram estartadas com o auxílio de livros que foram escolhidos pelo tema que faziam sentido para elas. Os títulos foram relacionados aos seus corpos e vida. A vivência foi baseada na Biblioterapia¹⁵,conforme foto 23.

A cognição ali presente estava para além do conhecimento científico dos livros expostos. Estávamos diante da memória, da percepção, da história de vida de cada corpo timidamente colocado naquela sala, aparentemente estranha a si mesmo. O que aconteceria? Sentimentos e lembranças começaram a brotar com os símbolos da natureza e títulos dos livros, cruzando-se numa sintonia elucidativa de quem eram aquelas pessoas. Por alguns instantes traziam seus corpos como objetivo primordial da narrativa.

Foto 23 – Biblioterapia



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Desta forma, deram início as narrativas pessoais, contando episódios que marcaram as suas vidas.

Gatinha manhosa (2019) pegou o livro *Ser consciente* (FRANCO,1994) e o livro *O Brasileiro e seu corpo* (MEDINA, 1987). Ela teceu as seguintes considerações:

Na minha família eu era privilegiada

Minha mãe uma mulher solteira dizia:

Você tem que estudar para não ficar como eu!

¹⁵ O termo Biblioterapia é composto por duas palavras gregas: *biblion* (βιβλίον) = livro e *therapeia* (θεραπεία) = terapia que enfatiza a importância do tratamento baseado na leitura de livros ou qualquer material bibliográfico.

Gatinha manhosa (2019) continuou:

Só na escola que eu e duas amigas negras e pobres tínhamos que ficar no fundo da sala, lugar reservado para nós.

Acrescentou ainda:

Isso não fez diferença para mim não!

Ao tempo que dizia que para ela o autoconhecimento é:

Um método para dominar-se.

Como que essa exclusão não fez diferença? Gatinha manhosa (2019) pode mesmo ter sido amada pela família, porém as marcas deixadas pelo racismo são perversas, cruéis e deixam sequelas para a vida toda, mesmo o consciente se encarregando de esquecer ou fazer de conta que aquele ato para uma criança não teve significado e aparentemente fora superado. Lipton (2007 p.6). nos esclarece como podemos fazer esse apagamento ou ressignificar as crenças

Aquele momento de descoberta também me abalou porque contrariou todas as minhas crenças de que meu destino era ser uma pessoa infeliz. Não há a menor dúvida de que nós, seres humanos, temos a capacidade de nos apegar a falsas crenças e a defendê-las com unhas e dentes, e os cientistas não estão imunes a isso. Nosso desenvolvido sistema nervoso, aliado a um potente cérebro, é uma prova de que nossa consciência é muito mais complexa do que o simples universo celular. Quando nossa mente se concentra em determinado assunto ou objeto, captamos e sentimos o ambiente de maneira muito mais abrangente do que as células, pois elas possuem consciência mais restrita e reflexiva do que a nossa

Já Lua leoa apanhou o livro Doença como caminho (DAHLKE, DETHLEFSEN, 1983) e disse que não mais conhecia seu corpo. Intervir dizendo que Corpo cognitivo é resultado da sua mente e de suas buscas para entender um caminho de compreensão próprio e apropriado. Procurando perceber o que está acontecendo com ela, como sua vida chegou naquele processo e se perdeu de si mesmo. Então a alertei para a busca de seu Corpo Cognitivo, fazendo reflexão sobre o caminho que fez para chegar naquele lugar.

Ainda nesse mesmo dia, Lua Leoa (2019) se encantou com a possibilidade de poder ter autogestão sobre seu corpo, pensar que ele é capaz de encontrar seu caminho fora da doença, processo de construção que se inicia. Sendo assim, Lua Leoa registrou:

Não sabia que era capaz de me abraçar, não preciso, mas mendigar abraço de ninguém.

Sentir-se amada por você mesma, cuidar-se, entendo suas próprias necessidades é ter consciência corporal, sensibilidade para a escuta interna, ouvir seus apelos de carência, amor e afeto para ser plena em si. Investigar a resposta na cognição corporal. Para Bois, Josso, (2008, p. 407):

[...] o processo de transformação do ser humano e em especial por sua transformação em relação com seu corpo sensível. O corpo sensível é o corpo animado pelo movimento interno, que, uma vez despertado no indivíduo, torna-se uma verdadeira força de cura, de evolução e de transformação.

Nesta primeira etapa da Análise cognitiva, processo de construção, incluímos o corpo como matriz da cognição. Matriz aqui queremos dizer a instituição primeira, primordial, a base, a origem principal para qualquer conhecimento. O corpo que pretende fazer investigação em qualquer área de conhecimento, que seja primordial começa por si mesmo, conhecer antes de tudo o seu próprio corpo com propriedade.

A partir desse pressuposto devemos investigar e valorizar a ancestralidade, examinar o que a memória carrega e registrar os fenômenos mnemônicos para iluminar esses achados e entender as questões que nos levam para frente, para postergação ou boicote do próprio crescimento. Este é o corpo que tem força motriz, consciência de si. “Conhecimento significa poder. Consequentemente, o conhecimento sobre o ser nos dá poder sobre nós mesmos e sobre nossa vida”. (LIPTON, 2007, p. 10)

Para a participante Mata (2019) nessa mesma linha de pensamento, após ter nas mãos o livro Muito além do nosso eu (Nicoletis, 2017) falou o quanto autoconhecimento é “necessário e às vezes dolorido, como é a relação com nosso corpo”. Ela ressalta:

Necessitamos nos conectar com os ciclos da natureza, nos distanciamos dela, estamos numa lógica urbana e deixamos as matas sem lugar em nosso cotidiano. Longe do nosso eu, vulnerável as doenças, sem refletir nossas vidas. Ao estarmos em sintonia com as matas percebemos os sinais dos nosso corpo, a força da natureza determina o que queremos. Mesmo entendendo isso tudo, tenho um corpo rígido sinto que é algo a ser transposto.

Propus que fizesse um convite para si para transpor a rigidez, desencourçar o corpo urbano por meio do Corpo cognitivo, pois no mesmo corpo que há a rigidez, há também flexibilidade.

Mata (2019) tem um entendimento sobre o corpo que pode ajudá-la a fazer esse movimento:

O corpo que comunica emoções e pensamentos, é isto, por sua vez, comunica cognição.

Transpor, mudar o corpo é caminhar na versatilidade, é curador e conduz para leveza. Poder pensar e desfazer, propor algo e voltar atrás, sair do padrão, das normas colonizadoras e retornar para a transcendência de si sem nunca deixar de ser quem é. O corpo apropriado de si, por isso

Não posso deixá-lo onde está para ir a outro lugar. Posso ir até o fim do mundo, posso me esconder, de manhã, debaixo das cobertas, encolher o máximo possível, posso deixar-me queimar ao sol na praia, mas o corpo sempre estará onde eu estou. Ele está aqui, irreparavelmente, nunca em outro lugar. Meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que nunca está sob outro céu, é o lugar absoluto, o pequeno fragmento de espaço com o qual, em sentido estrito, eu me corporizo. (FOUCAULT, 1996, p. 7)

Há uma luta incessante na busca do Corpo que pertence a cada uma das pessoas, percebemos isso nas indagações, inquietações e insatisfações. Que corpo é esse? Por que ele adoce tanto? Doe, não é feliz, tem sempre algo errado. Ele está sempre conosco sinalizando uma incompletude, algo de errado. Manifesta-se das mais diversas formas: Fibromialgia, depressão, infarto do miocárdio, dor na coluna, intestino constipado, gastrite, ansiedade, pressão alta, diabetes etc.

Entender essas doenças relacionadas aos boicotes e as repetições insistentes provocadas pelo inconsciente são fatores inquestionáveis da resistência e da sabotagem que enlaçamos o nosso ser. O autoconhecimento e a consciência corporal fazem viés fundamental para reestruturar o corpo queixoso em corpo em processo de cura sem prazo determinado.

Essa reflexão nos leva entender a dimensão inexorável da finitude e da compreensão do tempo ancestral que temos ou deixamos de ter permitido a ressignificação no nosso corpo como ente cognitivo. Olhar

Meu corpo, utopia desapiedada. E se, porventura, eu vivesse com ele em uma espécie de familiaridade gastada, como com uma sombra, como com essas coisas de todos os dias que finalmente deixei de ver e que a vida passou para segundo plano, como essas chaminés, esses telhados que se amontoam cada tarde diante da minha janela? Mas, todas as manhãs, a mesma ferida; sob os meus olhos se desenha a inevitável imagem que o espelho impõe: rosto magro, costas curvadas, olhos míopes, careca, nada lindo, na verdade. Meu corpo é uma jaula desagradável, na qual terei que me mostrar e passear. É através de suas grades que eu vou falar, olhar, ser visto. Meu corpo é o lugar irremediável a que estou condenado. (FOUCAULT, 1996, p.7)

Não se a pessoa entender que corpo ela é, conhecer em que corpo está, possibilitar-se sair dessa condenação e compreender em que corpo foi formada. E ainda quais as relações familiares, sociais, políticas, culturas e psicoemocionais que lhe atravessam.

Nessa perspectiva de entender o lugar do corpo e ter consciência corporal Cachorra/Bambu (2019), motivada com os livros *Cabelo Belo* (PAZ e SARAIVA, 2017) e *Lugar do corpo* (SILVA, 1999) ressalta a importância do livro de literatura infantil que trata sobre *Cabelo*, e procura elucidar que os cabelos não são feios. Os cabelos crespos, cacheados, carapinhas, esvoaçantes das crianças negras que por muito tempo foram discriminados, rejeitados, refeitos e alisados, são belos. Ainda acrescenta:

Os erês ¹⁶ são oportunizados a terem uma relação melhor com seus cabelos, afirmam a identidade étnica e fortalecem as características ancestrais da infância negra.

No livro *Lugar do Corpo*, Cachorra/ Bambu (2019) faz alusão ao corpo negro ao qual foi por muito tempo negado o lugar social, cultural, de direito e de oportunidades. Ressalta que o lugar do corpo negro ainda é uma discussão muito recente, pois são marcas incontestáveis da escravidão. Faz seu entendimento dizendo:

Esse lugar é um lugar que o ocidente não ensinou nos valorizar, pelo contrário. Não é qualquer corpo, tem uma identidade de gênero, de classe e de raça. Não é à toa que estamos doentes, somos mulheres e somos mulheres negras, não é qualquer corpo. Precisamos dessa oportunidade de falar, aprender a descarregar, falar sobre nosso corpo.

Cachorra/Bambu (2019), nos remete a nossa ancestralidade e nos faz lembrar das bravas mulheres que nos fizeram chegar até aqui. E abriram esse lugar de fala, de luta e de feminismo negro. Nos faz lembrar o discurso que foi proferido como uma intervenção na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851, por Sojourner Truth:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que

¹⁶ No Candomblé o Erê é uma energia oriunda do Orixá ligada ao inconsciente infantil do noviço, o Erê participa como sendo um elo de incorporação. <https://ocandomble.com/2014/10/24/ere-do-candomble-ketu-nago/> Acesso: Em 31/05/2019

eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”). É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, por que você me impediria de completar a minha medida?

O contato com os livros a partir do recurso da Biblioterapia nos deu a oportunidade de lidar com os sentimentos de cada mulher. Elas trouxeram o que mais incomodava, por meio dos títulos e as sinopses, que foram eficazes e pertinentes para estartar nas falas as marcas identitárias que foram deixadas em seus corpos.

Borboleta (2019) (figura 24) corrobora com essa premissa ao pegar o livro *Pele Negra Máscaras Brancas* (FANON,2008) relatou:

Fiquei a vida inteira renegando meus cabelos e minha condição de mulher negra. Passei a alisar meus cabelos aos nove anos de idade, nem sabia como eram eles. Pensei muitas vezes em ter dinheiro para afilar meu nariz. Meu pai negro, foi ausente, e me aproximei afetivamente da família de minha mãe branca. Eu era a única na família de pele escura. Na época que mudamos e chegamos no Engenho Velho de Brotas eu quis ser parecida com eles, tudo isso foi muito dolorido para mim. Hoje estou assumindo meus cabelos e faço dança afro.

Foto 24 Reconhecimento



Fonte: Arquivo da pesquisa

O mergulho na autoconsciência, apesar da dor e da sensação do tempo perdido, a possibilitou entender a maneira que lidou com suas rejeições no decorrer da vida. E como foi difícil no contexto que vivia se aceitar como uma menina negra e posteriormente uma mulher

negra. A falta do pai negro como referência a deixou sem apoio e representatividade a fragilizando em sua autoestima. Se assumir ajudou a tornar-se mais adequada para o contexto social e cultural. E se perceber no mundo que a cerca e que faz parte, para conhecer o movimento que a envolveu na vida com as diferenças que impossibilitou Borboleta (2021) de ser ela mesma. No

[...] mundo branco, o homem de cor encontra dificuldade na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera de densas incertezas [...] lenta construção de meu eu enquanto corpo, no seio de um mundo espacial e temporal, tal parece ser o esquema. Este não se impõe a mim, é mais uma estruturação definitiva do eu e do mundo – definitiva, pois entre meu corpo e o mundo se estabelece uma dialética efetiva. (FANON, 2008, p. 104)

A participante Lagarta (2021) pontua a dificuldade em entender a ligação entre mente e corpo, dicotomia histórica. A razão, a racionalização fazem parte integrante do corpo e a emoção e os sentimentos não são contabilizados para o compêndio do corpo com o mesmo mérito. Aprendizagens e saberes parecem não ser suficientes para a relação corpo mente se estabelecer e haver validação do ser. Toda a experiência e vivência são avultados para convergência do Corpo Cognitivo. “Pensamento e prática aqui não são dicotômicos, ao contrário, são dialéticas, conversam entre si” (RIBEIRO, 2017, p. 28).

Para isso, é significativo destacar a valorização dos fenômenos, do ser-no-mundo, da consciência, das conquistas pessoais, do reconhecer da constituição do self, de como o indivíduo se percebe na sua integridade própria, apropriada e Psicocorpoética. Sendo produtor e contador da sua história de vida.

Os relatos que aconteceram no grupo focal foram valiosos, assim como, os sentimentos ouvidos, chorados e sentidos. Nesse espaço Psicocorpoético, lugar de fala, de construção conjunta da descolonização dos corpos.

Nesse Lócus, a investigação foi individual e coletiva. O coletivo amparou e deu suporte e sustentação aos participantes. E a pesquisa foi realizada dentro da condição suportável para cada indivíduo. Momento de ebulição, indicativo da necessidade de mudança, de postura e de entendimento do que está gravado na pele e no coração. Houve sensações e percepções, evidenciadas o tempo todo. É o encontro do corpo com aquele que habita nele, é inevitável. Seu corpo é você, retrata as suas marcas, seus signos conscientes ou inconscientes.

Além disso, o grupo forneceu suporte energético no contato corporal de uma pessoa com a outra, na vibração dos corpos, na relação interpessoal e no trânsito que fizemos nos mundos que se apresentaram, mundo interno e externo. Nesse espaço a aprendizagem ocorreu para os participantes e para mim. A começar por aprender a respirar, o que fortaleceu a vitalidade de ser e facilitou o contato do nível de tensão que carregam no corpo. Aprenderam também sobre está com os pés no chão, na sua realidade, seja ela qual for. Está em *grounding*-enraizamento, consciência que localiza onde seus pés estão pisando e o solo que constitui a terra que você percorre.

As trocas de conteúdos foram argumentações que fizeram as participantes entrarem em contato com o que tinham esquecido. Uma história ilumina a outra, recorda retalhos de várias partes e lugares que aparentemente não tinham mais acesso. O medo de viver, medo da vida, medo de ser, medo da verdade são medos que agora vão sendo timidamente descarregados pouco a pouco.

6.7 Consciência Corporal – Psicocorpoética Fractal

O trabalho do grupo continuou com as participantes sendo convidadas a sentir as potencialidades e reconhecer a capacidade da sua experiência na vida. Para iniciarmos nos colocamos em um círculo em pé, utilizei uma régua que por repetidas vezes passava mão a mão, com a seguinte pergunta olhando para régua:

- Que objeto é esse?

A pergunta parecia óbvia e a resposta também. Perguntei, uma, duas, três, quatro vezes. A resposta para questão podia até mudar a ordem das palavras, mas sempre era a mesma, o instrumento de medida dito de muitas maneiras, ninguém se arriscou a dizer diferente. A indagação era feita para aguçar o imagético e a criatividade.

A insistência na pergunta dava ao grupo a chance de sair da linearidade e mudar a visão. A finalidade era provocar uma definição para além de um instrumento de medidas. Mas, o mesmo olhar permanecia. Mobilizar, refazer os paradigmas já existentes e mudar o conceito, não acontecia. A utilização auto-organizada¹⁷ naquele instante não era possível. Algumas

¹⁷ Os conceitos matemáticos chave da Complexidade e do Caos, tais como: (...) MOVIMENTOS caóticos, (...), (...) auto-organização, (...), são holísticos; eles são usados para descrever e entender o comportamento não linear, isto

peças ficaram extremamente irritadas com a repetição da pergunta. As questões postas e fixadas têm lugar garantido na normose¹⁸. Lugar seguro na zona de conforto, o lugar sem riscos onde não se pode mudar a visão.

A proposta era mover a condição linear, monológica, regular e protagonizar os processos cognitivos, desconstruir a seguinte lógica “Tudo é como Deus quer!” “A sina é essa”. “Não consigo ver outra coisa que não seja uma régua.” “Isto é uma régua”.

As rupturas são desconfortáveis e provocam insegurança. Entender e ter um novo olhar para a complexidade do corpo pode flexibilizar o enrijecimento da lógica normativa. Conhecer-se, é conhecer um novo lugar fora e dentro do próprio corpo a fim de dominar o que é seu e estudar os fenômenos experienciados como patrimônio pessoal. Dessa forma,

O novo lugar do sujeito é, assim, um lugar fractal, um lugar que, simultaneamente, dissolve e precipita outros lugares, um lugar com uma dimensão não topológica, em suma, um não lugar. E pensando a condição fractal em termos topológicos, admitimos, com Guattari, que este novo ser é[...] um Ser processual, polifônico, singularizável em texturas infinitamente complexificáveis, com velocidades infinitas que animam as composições virtuais”. (GUATTARI, 1992, p. 177)

Olhar para si, reconhecer-se respirando, aumentar a vitalidade, ajudar a perceber a desorganização interna, liberar as tensões que impedem uma respiração natural que facilita o contato com corpo cognitivo e o relaxamento. Mover o corpo com foco no sentimento e nas manifestações corpóreas nos orienta para qual emoção é perceptível. E quais as partes do corpo estão ausentes e presentes nesse conjunto complexo.

Localizar essa condição fractal do corpo é sentir ele como parte integrante de outros corpos, assim passar a valorizar cada função do corpo, cada parte, identificando a ancestralidade que está em você e no outro, como as histórias se imbricam e como pode escolher sua própria história.

A atividade Psicocorpoética continuou com o trabalho de enraizamento e sustentação do corpo, reconhecimento do potencial que os pés e as pernas possuem para mover o corpo do lugar que ele não quer ficar. Pois ter criatividade, movimento corporal e visão flexível, como

é, um comportamento que faz sentido apenas quando estudado como um todo. Assim é o comportamento da natureza e dos seres humanos. A forma como a criatividade ‘fala’ é através da espontaneidade da emergência, através do poder da auto-organização e da evolução. Vladimir Dimitrov Universidade de Western Sydney v.dimitrov@uws.edu.au Tradução e adaptação: Júlio Torres, p.1

¹⁸ A doença do homem normal é uma doença da imobilidade. Saber mover a mente é contribuir para superar esta enfermidade.” Guillaume Le Blanc Le Blanc G., Les maladies de l’homme normal, VRIN Matière Étrangère, Paris, Librairie

fizemos com o exercício da régua, abre novas perspectivas cognitivas para experimentar o corpo como diferente aprendizagem para mudar paradigmas constituídos.

A mudança ocorre no lugar, no espaço, no território que preferi, sendo protagonista de si mesmo. A experiência Psicocorpoética ocorreu no ambiente que foi preparado para receber respeitosamente os corpos. Estabeleceu-se a harmonia e paz de espírito a caminho da metamorfose do policorpo através do centramento e aprofundamento de si.

Foto 25 – Enraizamento



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Essa experiência se registra individualmente e coletivamente, não só se sente o corpo, mas toda a energia que toma o ambiente. [...] “O corpo atravessante, seria o corpo polinizador: na travessia vai fecundando os lugares por onde passa, (...). Ao fazê-lo, apresenta-se como um criador de mundos possíveis (...)”. (SILVA 1999, p. 29)

Assim as participantes do grupo foram concluindo:

Vivemos o tempo todo sem pensar no nosso corpo, nunca pensei em nada disso! Momento de trocas, autoconhecimento percepção do corpo e mente. (BORBOLETA, 2019)

Quanta energia nosso corpo pode ter. (ABACAXI, 2019)

Nunca pensei em valorizar meu corpo. Dessa forma, nunca pensei o quanto é importante ter mãos. (FENIX, 2019)

Não sabia que era capaz de mim abraçar. (LUA/LEOA, 2019)

Estou saindo daqui hoje com meu corpo em ebulição.

Obrigada, amor e muita gratidão. Experiência ímpar. (NUVEM, 2019)

Hoje foi de muita energia, conexão, amor, interação comigo mesmo e com os outros. Hoje eu sei que tem coisas maravilhosas dentro de nós, e como é ótimo localizá-las. (CACHORRA, 2019)

Tive percepção de mim, das minhas vivências, do que é agradável, saudável...Consciência de sair dos cenários que não me ajudam a estar bem e melhor. Iniciei a percepção do corpo, alinhado ao meu processo terapêutico. (LAGARTA, 2019)

Revisitei um lugar muito bom, um lugar conhecido, mas as vezes esquecido. Hoje revisitei meu corpo. Meu lugar de ser eu, de não ter medo, nem limites. Usei minhas pernas para caminhar para mim. Para dentro, para o íntimo. (LUZ, 2019)

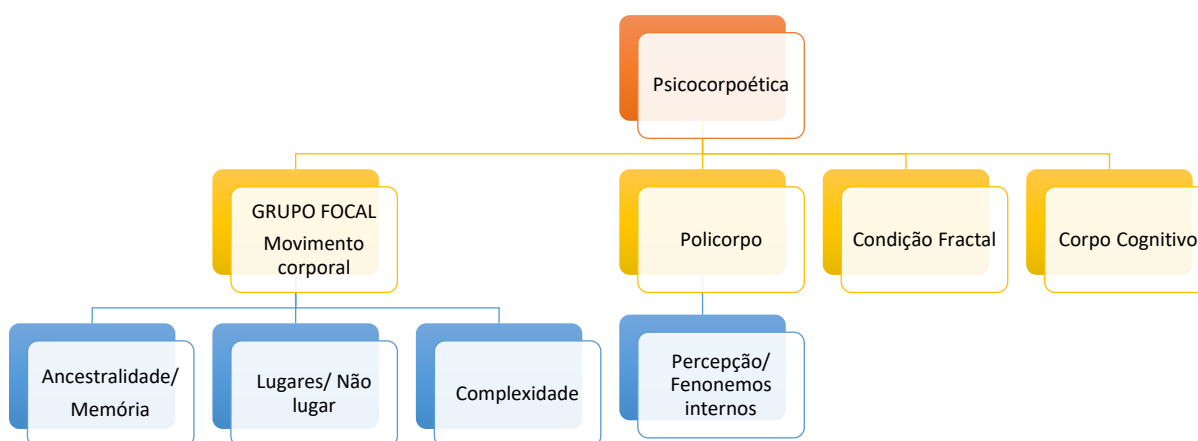
Foto 26 – Conexão consigo mesmo



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Em cada encontro fui sintetizado o conceito Corpo Cognitivo (quad.27) com o auxílio do grupo focal que elaborou e contribui com seus saberes. Esse aprendizado muitas vezes bem diferente do meu objetivo inicial como a proposta do encontro, foi uma provocação constante, imprevisível e fora do padrão, por trabalhar com tanta diversidade etária que se ajudaram mutuamente com as práxis de vida e comunicação mútua.

Figura 11- Síntese Consciência Corporal – Psicocorpoética Fractal



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

O grupo tem uma potência agregadora para desempenhar os múltiplos papéis do policorpo, formando a autopoiesis, o olhar em um, que olha todos, que trabalha as questões emocionais e faz memória coletiva para o corpo que não é só no mundo.

6.8 Experiência vivencial Psicocorpóético – Percepção de si/ Percepção do Corpo Cosmopercepção

1º MOMENTO – Recordação, acolhida e vivência corporal

Nos encontros propunha sempre começar fazendo a memória do encontro anterior. O que ficou mais forte e o que ficou lembrando durante toda semana. No trabalho fazíamos reflexões do contexto do corpo no mundo. Assim, fui registrando as falas memoriais:

Olhar mais para o corpo, não se perceber, não se cuidar e não se dá conta disso. (FENIX, 2020)

A integração do grupo e a sintonia, o toque das mãos me marcou mesmo. (NUVEM, 2020)

Responsabilidade pelo corpo. (VENTO, 2020)

Essas falas aconteceram a partir de reflexões sobre o cuidado e inclusão do corpo em seus espaços de atuação. Com vivências que prestigiavam as partes e o contato com o corpo, quantas surpresas, entender que tinham corpo e que muitas vezes não sentiam e nem paravam para cuidar devidamente. O trabalho coletivo foi socializado com sentimentos e as apreensões de cada um.

O grupo pesquisador foi convidado a fazer reflexão crítica na prática de si, fundamentado na experiência corporal e no sentido que os acontecimentos fazem para as histórias de vida dos participantes. Ampliar a perspectiva política, cultural e ancestral que faz sentido subjetivo e prático quando as palavras ecoam, se faz ouvir e tem representatividade negra referenciada. Como nos referenda Bondía (2002, p. 21)

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos em sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.

Seguimos a vivência Psicocorpóica com exercício performático do caminhar, para estimular a consciência corporal e a poética do corpo. Perceber-se em profusos cenários e meditar como essas potencialidades estão na atuação da vida.

Foto 27 – Movimento Corporal



Fonte: Arquivo da pesquisadora

O grupo pesquisador registrou as seguintes observações:

Me observo e observo meu corpo, nunca tinha percebido meu corpo, percebido meu corpo pesado, sou peso. Um impacto pela primeira vez pensar no meu corpo é diferente, nunca pensei no meu corpo, nunca deixei meu corpo escolher (PASSARINHO, 2020).

Minha mente está em um duelo com meu corpo. Meu corpo dizendo você vai ficar em casa. Mande uma mensagem dizendo que eu não viria, meu corpo todo dói. Meu corpo está muito pesado não consigo colocar leveza no meu corpo. Meu corpo não só tem dor física, estou muito pesada. (LUA, LEOA, 2020).

Essas constatações são de pessoas que nunca se pensaram corpo, nunca olharam para seus corpos como ente cognitivo. O conhecimento de si, a inteligência potencial existente, a vastidão da complexidade da corporeidade é resumida em peso. Esta sobrecarga que é arrastada durante anos e foi acumulando pelas fases de vida de mulheres, dos homens e das crianças. Fases que sucedem sem nenhum olhar, só somam carga, tensão e desprazer. Viver parece ser fardo, todas as pessoas no grupo registraram uma patologia clínica (ansiedade, depressão, hipertensão, fibromialgia, etc). Lutam com seus corpos para sobreviver e passam por cima de si mesmos. Beleza negada, leveza negada, prazer negado, saúde negligenciada, autoestima inexistente, corpo esquecido.

2º MOMENTO – Leitura, estudo e reflexão crítica

O encontro Psicorpóetico é regado de ciência/ técnica, teoria/ prática, experiência/sentido, para dar significado ao que somos ao que nos acontece, ao que lembramos, vemos e nomeamos sobre os fatos de nossas vidas. (BONDÍA, 2002)

Nesse segundo momento da vivência lemos o texto Registros das marcas identitárias: influências e ressonâncias na prática pedagógica, do livro Autoconhecimento e pedagogia um diálogo possível de Gedalva N. da Paz (2018). O objetivo era entender como as histórias conhecidas ou ignoradas marcam as vidas desde antes do nascimento, pois foi mencionado muito sobre esse assunto. Então estudar foi um caminho promissor para retirar ou aumentar as dúvidas, para entender como as marcas nos afetam no percurso da existência.

A consciência desses fatos faz com que as pessoas possam ter mais domínio de quem é. Compreender como é ter sido uma criança amada, desejada e o oposto desses sentimentos. Assim, o corpo revelará quais os possíveis prejuízos emocionais inscritos no físico, no emocional e nas atitudes do Policorpo.

As falas que seguem ocorreram na vivência depois da leitura do texto, são sobre as mulheres enquanto crianças que por vezes foram amadas, outras viveram com sentimento de

abandonada ou em situação de vulnerabilidade social. Algumas mulheres apresentaram suas crianças com o sentimento de rejeição por toda uma vida, outras felizes pelo carinho da avó que ajudou a estruturar o emocional com cuidados simples mas, eficazes. E outra mulher com situação bem abastada, porém infeliz pelo processo de adultice que foi inserida na infância negada.

Nas narrativas que seguem podemos constatar sentimentos, sentidos, dores e sabores. Essas trazem um curto deslocamento no espaço tempo que revisita a memória e que podem compor com as lembranças para a cognição da vida atual. Situações de entendimento, apoio e esclarecimento que podem ajudar no itinerário da existência.

O dia de hoje foi muito interessante. Resgatar memórias boas da infância , cheiros, cores e brincadeiras. Lembrei como sempre da casinha de taipa que morei com meus pais e meus irmãos, aparentemente tinha pouco, só que amor não faltava, tínhamos comida e fui muito feliz com os banhos de cachoeira, subi nas árvores, pular delas, me balançar nas árvores . Eu e minha criança interior somos parceiras temos orgulho uma da outra, protege e corrige, somos amigas! Não deixei para trás. Estamos juntas e, uma melhora a outra. (FENIX, 2019)

Hoje adentramos por águas profundas, fomos nas memórias para reconhecer o que temos de bom. O que vivemos de significativo e que de certa forma nos estrutura até hoje. Visitei com alegria uma parte da minha infância que nem sempre tenho comigo hoje. Lembrei do cheiro da comida de minha avó, do balanço no quintal foi um acesso ao que tenho de mais precioso. O caminho do autoconhecimento é logo e por vezes sofrido, mas a cada dia reconheço como um caminho de religação com nós mesmos. (SOL, 2019)

Hoje o encontro foi extrmamente potente . Este grupo é realmente incrível. Sai do último encontro muito mobilizada, pois o tema era muito significativo e já vi a diferença no meu olhar para com a temática. É um processo tenso, é extremamente acionador de questões, a rejeição materna é a forma como nos desconecta de nós mesmas é muito forte. Esse grupo me ajuda a trabalhar isso de maneira mais potente que eu já vivi e o meu corpo responde realmente com mais leveza e mais aceitação, porém é muito difícil e estamos tentando. Embora a cumieira para ser o meu caminho é a natureza na qual me conectei hoje . A minha espiritualidade os meus orixás. (MATA, 2019)

Ter consciência da criança ferida, da criança interior é um grande passo para a cura das dores emocionais. A memória é uma grande aliada para refazer e reorganizar os sentimentos. Contudo isso, também foram narradas as brincadeiras, os banhos de mangueira ou

água suja, a observação e o sequestro das formigas ou tanajuras, os carros fabricados, as bonecas de meias, os doces escondidos, a natureza como suporte, trepar nas árvores e fazer cozinhado de folhas.

Enfim, também localizamos alegria, leveza e sagacidade. Como nos lembra Milton Nascimento, precisamos acionar a nossa memória para a cura da criança ferida como antídotos para a adultice, negação da infância e a falta de amor: “Há um menino, há um moleque, morando sempre no meu coração. Toda vez que o adulto balança ele vem para me dar a mão...”

3º MOMENTO - Vivência Psicocorpoético- Impedimento para o Corpo Cognitivo

Ao terminar a partilha de muitas revelações, conclusões e entendimentos, passamos para o trabalho baseado na Teoria Junguiana que propôs a vivência com as máscaras. As pessoas foram convidadas a escolher e colocar uma máscara pensando: Quais as máscaras que preciso tirar para ter um Corpo Cognitivo. O que eu mascaro e/ ou me impede de ser eu mesmo.

O trabalho Psicocorpoético foi realizado com movimentos corporais, olhares, andares e performances com o corpo mascarado, pensando no corpo e em seus impedimentos. Com uma reflexão que norteava os movimentos, quem será você mascarado na vida e no seu espaço/mundo. Será que temos consciência das máscaras que usamos ou esse processo é sempre inconsciente e/ou bloqueador do seu ser.

Ter consciência policorporal não mascara os nossos vários papéis, mas podemos nos fixar em apenas uma máscara, colar e não mais refletir sobre a diversidade de personas que desempenhamos na vida. O momento foi intenso, às vezes silencioso, era preciso muita coragem para se despir diante do outro, as conexões entrópicas corporais se faziam no individual e se ancorava no coletivo. Entres várias declarações assinalei essas:

Preciso tirar a máscara de super mãe. (LUA /LEOA, 2020)

Não quero mais ficar mostrando que sou forte e aguento tudo, não sou forte assim. (FENIX, 2020)

Quero tirar a máscara de ser o que as pessoas esperam de mim, e ser eu. (PASSARINHO, 2020)

Quero tirar a máscara de não está nem aí? (VENTO, 2020)

Foto 28 – Máscaras



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Tenho me feito muitas interrogações sobre quem sou eu? Perante muitas máscaras. Que diante das observações, após as leituras, me pergunto como posso me reconhecer, para que eu saiba quem sou eu. Como posso ter meu corpo cognitivo. Estou vivendo há uns anos mudanças de pensamentos, de comportamento ao qual preciso identificar, quanto de verdade sou eu? Vejo, que aqui posso identificar. O último encontro comecei a pensar que não conheço meu corpo e sempre coloco o meu corpo em segundo plano o que não está certo! Tenho tentado conhecê-lo e escutá-lo, espero não está ficando louca! Sei que está me fazendo bem! Desde o último encontro sinto uma liberdade no meu corpo. Isso é correto sentir, depois desse encontro. Acho que meu corpo estava preso. Não entendo ainda como ou por quê. De acordo com a Terapia Cognitiva os indivíduos atribuem significados a acontecimentos significativos, a acontecimentos, pessoas, sentimentos e demais aspectos de sua vida com base nisso comportam-se de determinada maneira e constroem diferentes hipóteses sobre o futuro e sobre sua própria identidade. Fiquei com isso na mente. (PASSARINHO, 2019)

Neste processo a máscara é utilizada para apresentar uma individualidade construída socialmente, há intenção de convencer o outro e a si mesmo sobre quem não se é. Esta relação entre realidade e individualidade é um investimento de verdade da psique coletiva. Existe um acordo entre o indivíduo e a sociedade a respeito do que é preciso ser mostrado fora do real.

É importante pontuar que para Jung (2001) usamos máscaras todos os dias, fingindo quem somos, impedindo de nos enxergarmos e criamos bons personagens como: amigos/as, pais/mães, tios/as, avôs/ós, irmãos/ãs, filhos/as, profissionais e companheiros/as. Esse padrão de perfeição é como o mundo social nos solicita.

A persona é um arquétipo que dissimula a natureza do indivíduo, porém importante para a sobrevivência, adaptação social desde quando seja fluido, flexível e não fixo e unilateral. Quando o indivíduo toma consciência dessa dinâmica, apresenta uma instabilidade, medo como no depoimento de Passarinho (2019) enquanto não reconhece o próprio potencial humano, o conjunto de constelações intersubjetivas do EU, do corpo-vivo, corporificado e auto-organizado para entrar e sair da persona de maneira natural.

Essa consciência gera responsabilidade e segurança ao tramitar na persona, essa dialogicidade certamente proporciona saúde mental e inteligência emocional firmada na corporeidade por meio do autoconhecimento, da complexidade do EU vivo, movente e dinâmico. Desta maneira, a fluidez da entrada e saída na persona não coloca em risco a perda da identidade pessoal que se nutre na cognição, memória, cultura, ancestralidade e percepção.

EPISÓDIO – SEM FIM!

Figura 12 - Sankofa



A palavra Sankofa, que na verdade tem dois símbolos que a representam, um pássaro mítico e um coração estilizado, simboliza a volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor.

<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>

Nosso corpo somos nós. É a nossa única realidade perceptível. Não opõe à nossa inteligência, sentimento, alma. Ele inclui e dá-lhe abrigo. Por isso, tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro... pois, corpo, espírito, psíquico e físico e até a força e fraqueza, representam não a dualidade do ser mais sua unidade. (BERTHERAT, 1976, p.14).

CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS

No trabalho de investigação dessa tese intitulada, *Corpo como matriz de Análise Cognitiva: um estudo da memória corporal na arteterapêutica para difusão do conhecimento*, discorro sobre contribuições da epistemologia da multirreferencialidade que costura todo o texto transversalizando-o em várias teorias e ciências que sustentam minha hipótese: A análise cognitiva e a análise corporal são correlatas para fundamentar a inclusão do Corpo Cognitivo nas diversas instituições de práticas epistêmicas formal e não formal.

A multirreferencialidade me permitiu beber em várias fontes epistemológicas, científicas e psicoterapêuticas, pois esta abordagem intenciona abarcar a complexidade dos fenômenos existentes em diversas áreas do conhecimento. Nessa pesquisa os fenômenos vividos e experienciados aconteceram a partir das narrativas do contexto psicoemocional, da ancestralidade e da cultura dos corpos.

A verdade absoluta dos fatos é contrariada pela multirreferencialidade que não se reduz a um conhecimento, a uma epistemologia ou a uma ciência. Traz um novo olhar para o ser humano múltiplo, inacabado, emergente e de perspectiva plural. Assim, os fatos não se resumem a uma única explicação, a pesquisa não tem a presunção de esgotar o objeto de estudo e o conhecimento, uma vez que a compreensão dos fenômenos educativos é da perspectiva da pluralidade e da heterogeneidade.

Então, é coerente nessa instância valorar e destacar o objeto de estudo e o sujeito da pesquisa que se fazem um só na coexistência e que juntos arrojaram o acesso a cosmovisão, a cosmopercepção para marcar a cultura e a ancestralidade trazidas pelas diversas pessoas que auxiliaram no desenho do conceito do Corpo Cognitivo no próprio corpo que se é. E, a peculiaridade da Psicocorpoética que considera a autopoiesis, a estética, a regionalidade e a territorialidade de quem realizou as experiências, vivências e quem futuramente participará do descobrimento de si.

Esse si mesmo, será considerado único, singular sem modelo a ser seguido. As pessoas que participaram e participarão da abordagem Psicocorpoética devem ser respeitadas em seus processos, opiniões, trajetórias de vida, escolha política, religiosa e sem nenhum tipo de proselitismo. A abordagem não segue como um padrão limitador de quem pode ou não participar, será um ato descobridor de seres livres, capazes de escolher, mesmo que

aparentemente estejam subjugados a subordinação, mesmo assim precisam opinar, querer fazer espontaneamente sua escolha de ser senhor de si e estar em seus acontecimentos e experiências de análise de si mesmo.

Muitos corpos ou alguns corpos de participantes possuem sentimentos encouraçados, incubados nas religiões, nos estereótipos sociais, enclausurados na coisidade, afastando-os da sua totalidade criativa, espiritual e do tempo-espço. Considerar o corpo como ser de ação para além do aqui e agora, da vida instantânea, mas que se move em direção a liberdade e a comunicação engajado a realidade, caminhos a serem trilhados na experiência Psicocorpoética.

Incluir tamanha multiplicidade e polifonia do ser na busca da conclusão de uma cartografia que cruza várias epistemologias, conhecimentos, teorias, técnicas, autores pós-estruturais e decoloniais foi uma missão árdua na construção do Conceito Corpo Cognitivo e da abordagem Psicocorpoética. Sem fixar em nenhuma teoria ou conceito existente, mas apoiando-me e fundamenta-me para elucidar a complexidade da análise cognitiva e corporal para a inclusão dos corpos.

Fissurar os conceitos postos, escutar, enaltecer a fala, os movimentos corporais, as diversidades e as histórias que compõe a individualidade dos participantes da pesquisa foram aglutinações necessárias para entender e construir o conceito de Corpo Cognitivo individual e coletivo. Partindo do pressuposto de que todos os corpos são cognitivos e muitas vezes são saqueados dessa premissa fundamental.

A tese está imbuída do propósito de estudar e discutir a análise do Corpo Cognitivo juntamente com a inauguração de uma abordagem terapêutica para despertar o conhecimento ao dono do corpo de que ele é cognitivo. Por conseguinte, solicitar a inclusão do corpo no currículo dos mais diversos setores de educação. Sem concorrer ou sobrepor as abordagens já existentes do campo da Educação, da Psicologia ou das Terapias alternativas e que o grande analisador seja a própria pessoa do corpo.

A tese surge como uma abordagem de cunho educacional, corporal para a inclusão dos corpos nos espaços formais e não formais de educação ou grupos que se propõem discutir o bem viver, o autocuidado e autoconhecimento nas reuniões de pessoas que se sustentam mutuamente apoiando-se na memória, ancestralidade e na cultura dos corpos presentes nos locais que estão.

A tese também propõe aos Analistas Cognitivos, da disciplina Análise Cognitiva do Programa de Doutorado Multidisciplinar e Interdisciplinar, que tenham o Corpo como conteúdo primeiro, primordial, matricial, fonte, embrião dos estudos, lugar que gera e cria temas diversos a partir das vivências e experiências das/os doutorandas/os e das/os professoras/es que estão temporariamente no programa para que tenham a oportunidade de serem incluídos nas suas humanidades e subjetividades

A tese cruza os fundamentos científicos atuais, experiências com os sentimentos e as emoções que o mundo contemporâneo e informatizado já não se importa mais. Esses foram resgatados e trabalhados nas vivências Psicocorpoéticas que proporcionaram aos participantes da pesquisa pensar em um tempo para o olhar interior, para a vitalidade, a criatividade e a intersubjetividade. As vivências tiveram como foco central promover a fala e a escuta do grupo-pesquisador, não só dizer para alguém ouvir, mas principalmente para se ouvir, ouvir sua alma e entender o que realmente se passa ou passou em sua vida.

A Psicocorpoética se ampara no trabalho enraizado no coletivo, cooperativo e na inteligência da potência de cada membro do grupo. As falas transmutavam em apoio e desenvolvimento evolutivo sobre as dores, o crescimento e no que não é evidente para o outro. A coletividade, o poder da palavra e da fala reverberam em uma atmosfera de crescimento, libertação e cura.

As experiências vivenciais dos episódios Psicocorpoéticos se comunicaram e se inter cruzaram em um movimento de transitividade e de fractalidade, construindo e revendo a cognição que os corpos possuíam, rememorando, repensando os traços e as contribuições das ancestralidades. Cada corpo é um documento humano, psicológico, um livro, um potencial criador, uma poética que também é correlata a agressividade, a raiva que impulsionam para o viver e para as conquistas. Algumas pessoas seguem o fluxo energético cognitivo e outras produzem e vivem mais a raiva, frustrações e violência.

Os pesquisados e os que participaram das vivências tiveram a oportunidade de pensar para e com o corpo todo, sem dicotomia, tendo consciência corporal como um sistema complexo, valioso sem réplica e único. Envolvidos por um lastro dinâmico de um corpo que respira, que tem, faz e refaz história.

Muitos participantes puderam pensar questões que bloquearam suas vidas por longo tempo, questões que já eram aceitas como normais e cristalizadas. Fatos que mudaram ou atrapalharam as suas vidas inteiras. Mover o corpo, encontrar-se com seu corpo, identificar o que o corpo possui tanto no lugar que se submete, repete e ou não se assumi, foram fundamentos que deram sentido aos acontecimentos da vida. A partir desses entendimentos foi possível tomar decisões, mudar a postura frente a si mesmo, a família, ao parceiro e ao trabalho.

Para analisar cognitivamente os corpos como matrizes de si mesmos, pormenorizei várias experiências de análise corporal em grupos diferentes. Grupo de crianças nas séries iniciais, de adolescentes, de estudantes de várias graduações e outros profissionais de diversas áreas de conhecimento que se propuseram a fazer memória da sua vivência nas escolas enquanto a inclusão de seus corpos no processo de aprendizagem.

Investiguei ainda pessoas de diversas religiões que refletiram a inclusão de seus Corpos Cognitivos na religião no tocante a emoção, a história ancestral e a memória pessoal além de como estas são trabalhadas ou não, no âmbito religioso e, se tem lugar para a inclusão da história pessoal nas práticas religiosas. Também pesquisei um grupo de mulheres pós-graduadas e graduadas para compreender como elas pensavam e sentiam a cognição de seus corpos na atuação diária de suas vidas.

Percebi nos diversos grupos a sujeição e subalternidade colonial impostas aos corpos cognitivos e a possibilidade de resgatar o entendimento da potência e competência que eles carregam, mas que a sociedade capitalista e o Sistema Mundo fazem questão de negar. A fim de submetê-los e discipliná-los para obter soberania entre os grupos que se nomeiam majoritários como; as/os acadêmicas/os sobre não acadêmicas/os, homens sobre as mulheres, adultos sobre as crianças, líderes religiosas/os e lideradas/os, professoras/es e alunas/os e brancos sobre negros.

Os grupos hegemônicos atendem uma lógica de manipulação e subserviência que nomeia quem é comandado e quem comanda, retirando a pulsão da vida, da liberdade, da expressão do modo de ser, do livre manifestar dos gestos, da fluidez da criatividade, do fluxo energético, da vitalidade dos movimentos corpóreos, enfim da beleza da manifestação natural da corporeidade.

As realizações das atividades no grupo-pesquisador nem sempre fluíram com facilidade, à medida que as falas começaram a ganhar espaço, a resistência também se apresentou, a limitação em compreender e se escutar a partir de um conhecimento registrado no corpo, porém, negado. Não só a resistência se manifestou, mas a ansiedade, as contradições, os bloqueios emocionais, a estagnação, os choros, os risos além de muitas vezes não conseguirmos dar conta dos processos e demandas trazida por determinadas pessoas.

É prudente não querer diagnosticar o outro com fórmulas mirabolantes, mas é necessário recomendar, a depender do caso, a busca individual de um profissional que ajude a pessoa a esclarecer as dores que se apresentam no decorrer do trabalho. A análise cognitiva, a interpretação, o cuidado e apoio são necessários para que o responsável pelo próprio corpo seja capaz de entender suas questões.

Na abordagem Psicocorpoética mesmo diante da resistência ou falas aparentemente incoerentes, não se pretende negar ou analisar solitariamente, o outro é parte fundante para essa ação. O processo é contínuo de conhecimento de si. Por vezes as pessoas têm justificativas fortes e contundentes das suas queixas para permanecerem no mesmo lugar castrador, pois durante muitos anos repetiu hábitos e ações. É preciso muito trabalho para transformar a visão paradigmática de crenças e dogmas, a mudança é bastante difícil é preciso paciência e acolhimento.

No grupo das crianças das séries iniciais e dos adolescentes ficou perceptível a alienação do poder da norma, da punição e da disciplinarização, fatores que favorecem o controle e a baixa autoestima dos corpos. Esses motivos são refletidos nos índices de reprovação, de abandono e de déficit de aprendizagem.

A aprendizagem significativa que inclui os Corpos Cognitivos e o vínculo a história, afeta, compromete, estimula e valoriza o conhecimento que trazem as crianças e os adolescentes. Buscar o conhecimento da memória ancestral que possuem, pode emponderá-las e tirá-las da crença de que não são ninguém e que nada vão ser.

O trabalho com a abordagem metodológica terapêutica educativa Psicocorpoética contribuiu na prática pedagógica antirracista com as questões do corpo, de gênero e do entorno das vidas das crianças e dos adolescentes. Por consequência, o fazer pedagógico ensinou para

eles um trabalho que favoreceu o conhecer, dialogar, expressar e se conectar com suas vivências e experiências para o desenvolvimento acadêmico e humano.

Mobilizando assim, desafios importantes de ser e saber-se negro, cidadão de direito, reconhecer-se afrodescendente com todos as tensões e polêmicas para entender, reinterpretar, ressignificar a própria história e identidades coletivas, sem perder a referência do seu corpo Cognitivo. Nos dois anos em que foi aplicada a referida metodologia não houve evasão e todos os alunos sem exceção foram alfabetizados, todos tiveram aprendizagem satisfatória respeitando seus processos individuais.

A tese estará disponível para qualquer grupo que queira trabalhar os assuntos pertinentes ao desenvolvimento humano, principalmente grupos de crianças, adolescentes, mulheres, homens, enfim, todas as pessoas que precisam ou queiram entender o processo de subalternidade, alienação e negação de si. Os mais distintos agrupamentos de pessoas dispostas a cura e emancipação de seus sentimentos com lastro na ética, responsabilidade, amorosidade, cuidado individual/coletivo e fundamentação teórica.

Notadamente o entendimento do conceito Corpo Cognitivo tanto no corpo como na narrativa foi muito importante e evolutivo. No corpo os conteúdos foram debulhados, sofridos e estruturantes por esclarecer fatos antigos e atuais na vida das participantes. As mulheres se fortaleceram e se alegraram em seus descobrimentos apesar do sofrimento.

As narrativas foram excepcionais do início ao término do trabalho. O corpo foi a principal ferramenta para os processos de cognição, como podemos ver no quadro de depoimento inicial (quad.5, p. 134 e 135) e depoimento final (apêndice W – quad. comparativo-Corpo Cognitivo) onde podemos ver a diferença do conceito e pensamento a respeito do corpo.

Finalmente, pensar o corpo é ter corpo, é se apropriar do corpo, ter opinião, desejos e vontade de domínio próprio. Considerando o outro corpo na sua riqueza ancestral que se assemelha ou se diferencia da sua. Ter respeito pelo próprio corpo com consciência de seus limites, medos e frustrações, na tentativa constante de não se deixar ser alvo fácil para o outro que violenta, explora, escraviza ou subalterniza. É conquistar o próprio corpo por meio da dialogicidade e da criatividade.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica Moreira. **O Espaço do Desenho: A Educação do Educador**

AMADOU Hampaté Bâ. A noção de pessoa na África Negra. Tradução para uso didático de: HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. La notion de personne en Afrique Noire. In: DIETERLEN, Germaine (ed.). La notion de personne en Afrique Noire. Paris: CNRS, 1981, p. 181 – 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvlin Ferreira Medeiros.

ARDOINO, J. **A formação do educador e a perspectiva multirreferencial**. Minicurso ministrado na Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, de 15 a 16 de outubro. Mimeo. (1998d).

_____. **Multiréferentielle (analyse)**. In: ARDOINO, J. Le directeur et l'intelligence de l'organisation: repères et notes de lecture. Ivry: ANDESI, p. 7-9. (1995a)

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. Tradução de Ivone Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira, 2002.

ARROYO Miguel González. **Vidas ameaçadas: Exigências-respostas éticas da educação e da docência**. Petrópolis. RJ: Editor Vozes, 2019.

BARNESLEY, Julie. **El cuerpo como território de la rebeldía** Ediciones del 5º aniversario de UNEARTE 2008-2013 Gaceta Oficial Nro. 362.860 del 28/07/2008. Decreto 6050.

BEAR, Mark F / Mark F. Bear, Barry W. Connors, Michael A. Paradiso . **Neurociências : desvendando o sistema nervoso** tradução: [Carla Dalmaz ... et al.] ;
– 4. ed. – Porto Alegre : Artmed, 2017.

BRITO, Vinícius Vieira. Foucault, the body the philosophy. 2008. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

BOIS, Danis; JOSSO, Marie-Chistine; HUMPICH, Marc. **Sujeito sensível e renovação do eu**. As contribuições da Fasciaterapia e da Somato-psicopedagogia. São Paulo, 2008. Paulus, São Camilo.

BONDÍA, Jorge, Larrosa, **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha, Tradução de João Wanderley Geraldi- Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística, Revista Brasileira de Educação (2002).

BOTTON, Alain; ARMSTRONG, John. **Arte como terapia**. Tradução de Denise Bottmann, Rio de Janeiro, Intrínseca, 2014.

BURNHAM, Teresinha Fróes e coletivo de autores. **Análise cognitiva e espaços multireferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2012

CERTEAU Michel de. **A escrita da história**. Tradução de: Maria de Lourdes Menezes. Revisão Técnica: Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARLOT, B. **Du Rapport au Savoir**. Éléments pour une Théorie. Anthropos. Ed. Economica. 1997.

CHEVALIER, Jean, Gheerbrant, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

DA MATTA, Roberto. **Você tem cultura?** Jornal da Embratel, Rio de Janeiro, 1981.

DITTRICH, Maria Glória; LEOPARDI, Maria Tereza **Hermenêutica fenomenológica: um método de compreensão das vivências com pessoas** Hermeneutics phenomenological: a method of understanding of experiences with people discursos fotográficos, Londrina, v.11, n.18, p.97-117, jan./jun. 2015-DOI 10.5433/1984-7939.2015v11n18p97

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Editora ULISSEIA limitada, Lisboa. Tradução de Serafim Ferreira, 1961.

FOUCAULT, Michel. **“O corpo utópico”**, realizada em 1966 que integra o livro El cuerpo utópico. Las heterotopías. Tradução de Salma Tannus Muchail , Year / Ano: 2013

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução: Salma Tannus Muchail. 9a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. ([1984] 2011), **A coragem da verdade**. São Paulo, Martins Fontes.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005

_____. **Teoria e Prática da Liberdade: Uma Introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GALEFFI, Dante Augusto. **Epistemologia do Educar Transdisciplinar**. UFBA, 2009

GALEFFI, Dante Augusto. **Didática Filosófica Mínima**. Salvador. Quarteto, 2009

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética e Formação do Pesquisador Integral**. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, Salvador. 2015;4(1): 78-86.

GAUTHIER, Jacques. **O Oco do Vento: metodologia da pesquisa Sociopoética e estudos transculturais**. ED.CRV. Curitiba, 2012.

GOMES, Karoline. **Representatividade Importa: 10 Cantoras Negras Brasileiras Para Curtir e Se Inspirar**. Música Cultural publicada em 26 de abril de 2016. Disponível em: https://www.modifica.com.br/representatividade-importa-10-cantoras-negras-brasileiras-para-curtir-e-se-inspirar/#.XUiUP-ij_IU. Acesso em: 10.mar.2019.

GROSGOUEL, Ramón. Dilemas **Dos Estudos Étnicos Norte Americanos Multiculturalismo Identitário, Colonização Disciplinar E Epistemologias Descoloniais** Tradução: Flávia Gouveia

Ciências. Cultura. vol.59 no.2 São Paulo Apr. /June 2007 On-line version ISSN 2317-6660
 acesso em 24 de julho de 2020

HAFNER, D. **Sabores da África**. Receitas deliciosas e Histórias Apimentadas da Minha Vida. Selo Negro edições. São Paulo. Summus. 2000.

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência.**, Petrópolis, Vozes, 2011

JUNG, C.G. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 15ed. 2001

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens Geradoras**: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005

KRISTEVA, Julia. **História da Linguagem**. Trad. De Maria Margarida Barahona: Lisboa: Edições 70, 1970.

LE BLANC G., Les maladies de l'homme normal, VRIN Matière Étrangère, Paris, Librairie <http://robertocrema.com.br/alem-da-normose-a-patologia-da-normalidade/>. Acesso em 3,jun,2019.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1988.

LEMOS, Maria Teresa Turíbio Brittes, e MORAES, Nilson Alves de. **Memória, Identidade e Representação**. Rio de Janeiro, 7Letras. Memória, Esquecimento e Perdão (Per-dom) Daniel Lins.

LIMA, Eduardo Henrique. **Atuação do Corpo Cognitivo**: Abordagem epistêmica das formas de construção e difusão de conhecimento em uma comunidade de prática. 155f. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

LIPTON, Bruce H.A **Biologia da Crença** Ed. Butterfly, São Paulo – 2007

LOWEN, Alexander. **Bioenergética**. 4ªed. Tradução Maria Silvia Mourão Netto, São Paulo, Summus, 1982.

LOURAU R. **Análise institucional e práticas de pesquisa**. René Lourau na UERJ. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Extensão; 1993.

MANGUEL, Alberto **Lendo Imagens**, São Paulo: Editora Companhia das Letras. 2001.

MANDEL, Lasdilas **O poder da escrita**, São Paulo: Rosali, 2011.

MARASCIULO, Marília. **5 pensadores africanos contemporâneos que você precisa conhecer**. Publicado em 21 de novembro de 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/11/5-pensadores-africanos-contemporaneos-que-voce-precisa-conhecer.html>. Acesso em: 10.mar.2019.

MARTINS, João Batista. **Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais.** Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Psicologia Social e Institucional. Revista Brasileira de Educação. 2004, N° 26

MATURANA R., Humberto **Cognição, ciência e vida cotidiana/** Humberto Maturana; organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MAUSS, M. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac, Naify, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem.** Trad. Fernando de Castro Ferro. 2ª ed, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

NASCIMENTO, Milton. **Bola de Meia, Bola de Gude.** Videoclipe oficial (Projeto 3 Clipes - 1 Curta). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G9RS2BkbqHw>. Acesso em: 15.mar.2019.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Qual o lugar do corpo na educação? NOTAS SOBRE CONHECIMENTO, PROCESSOS COGNITIVOS E CURRÍCULO.** Educação & Sociedade [en linea] 2005, 26 (Mayo-Agosto) : [Fecha de consulta: 21 de abril de 2019] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313716015>> ISSN 0101-7330

OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da Ancestralidade:** corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2007.

OLIVEIRA, Felipe Henrique Monteiro; SALLES, Nara. **Corpos diferenciados em performance.** Corpo pensado, Claudia Madeira. Fronteira Final, Bruce Barber, São Paulo,2018, Fonte Editorial.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Visualizing the Body:** Western Theories and African Subjects in: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. The invention of women: making an African sense of western gender discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 1-30.

PIPAS, Fernanda Mothé. **(Re) florescer:** poesias. Gedalva Neres da Paz, Crianças tem corpo. Campos dos Goytacazes:Darda,2019.

PICHON- Rivière. **O processo educativo** segundo Pichon-Rivière & Paulo Freire. Petrópolis, RJ: Vozes; 1989

RABELO, Miriam C. M. **Aprender a ver no candomblé** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 229-251, jul./dez. 2015, <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200010> Acesso em 05 de junho de 2020.

REIS, Ricardo. **Segue o teu destino.** Poesia assinada com o heterônimo de Fernando Pessoa. Disponível em: <http://culturafm.cmais.com.br/radiometropolis/lavra/fernando-pessoa-como-ricardo-reis-segue-o-teu-destino>. Acesso em: 10.mar.2019.

RIGONI, Ana Carolina Capellini. **Um breve ensaio sobre corpo e religião:** relações e transformações ao longo da história. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 127-145, jan./jun. 2016.

RINCON, Maria Luciana. **BAOBÁ:** Por que essas árvores africanas têm troncos tão largos? Publicado em 17 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/plantas-e-frutas/39949-baoba-por-que-essas-arvores-africanas-tem-troncos-tao-largos-.htm> . Acesso em 10.mar.1919.

SANTOS, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula [Orgs.]. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010

SILVÂNIA, Aparecida de Freitas Souza. **Corpo e Imaginário Social:** o discurso de jovens 2003, <http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2129>. Faculdade de Educação da UFMG. Acesso em 05 de agosto de 2019.

SIQUEIRA, Adilson. **O corpo desconstruído:** argumentos para uma abordagem desconstrucionista da corporeidade, Motriz, Rio Claro, v.11 n.2 p.89-98, mai./ago. 2005 - Curso de Educação Física da Faculdade de Americana - FAM

SOJOURNER Truth **Institute site**. "Ain't I a Woman?", dezembro de 1851, 28 de dezembro de 2006.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Iansã;** Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/religião/iansa.htm>>. Acesso em 22 de maio de 2019.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** as eventualidades identidade do negro brasileiro em ascensão social/ Rio Janeiro: Edições Graal, 1983

SOUZA, Ricardo Timm de. **O tempo e a maquia do tempo:** estudo de filosofia e de pós-modernidade. Porto Alegre, EDIPUCRS,1988. Coleção de Filosofia n.82.

SOUSA, Leliana Santos de. Les interferences culturelles dans le(s) rapport(s) au(x) savoir(s) des élèves, des enseignants et des parentes a Salvador de Bahia; Une etude sociopoetique des influences afro-indigene bresiliennes a l'ecole.Thèse dev doctorat em Sciences de l'education, 2003.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **Mente, cérebro e cognição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

URRUTIGARAY, Maria Cristina. **Arteterapia. A transformação pessoal pelas imagens**. Rio de Janeiro, WAK,2003.

VALENCIA, Maria Cristina Palhares de; MAGALHÃES, Michelle Cristina. Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional, *Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 29, n.1, 2015.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A Mente Incorporada: Ciências Cognitivas e Experiência Humana**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003.

VAUCHEZ, André. Introduction. In: _____ (Dir.). *La religion civique à l'époque médiévale et moderne (chrétienté et islam)*. Actes du colloque organisé par le Centre de recherche

«Histoire sociale et culturelle de l'Occident. XIIIe -XVIIIe siècle» de l'Université de Paris X-Nanterre et l'Institut universitaire de France (Nanterre, 21-23 juin 1993). Rome: École Française de Rome, 1995. p. 1-5. (Collection de l'École Française de Rome, 213).

WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales:** prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. 553 p.

ZACCUR, Edwirgens (org.). **A Magia da Linguagem**, Rio de Janeiro, 2ª Ed., 2001.

ZERBO. Joseph Ki-**História geral da África**, I: Metodologia e pré-história da África / editado – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

APÊNDICE A- Panorama dos trabalhos apresentados no Congresso UFBA 2019

Quadro 6 Panorama dos trabalhos apresentados no Congresso UFBA 2019

Área de Conhecimento	Tema do Trabalho	Autores
1. ENFERMAGEM	1. LINGUAGEM VERBAL E CORPORAL: ABORDAGEM TERAPÊUTICA ÀS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA E RISCO PARA O SUICÍDIO	CÁTIA MARIA COSTA ROMANO, JANLI KELLY PEREIRA FONTES DOS SANTOS, FÁBIA SILVA DE OLIVEIRA JUNQUEIRA, ISABELA CAROLYNE SENA DE ANDRADE, KEILE KEMLY ASSIS
	2. SUPORTE SOCIAL PERCEBIDO POR MULHERES (TRANSEXUAIS) E TRAVESTIS NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO FRENTE À ADOÇÃO DE PRÁTICAS DE MODIFICAÇÃO CORPORAL	JEANE DE OLIVEIRA LANNA KATHERINE LEITÃO CONCEIÇÃO, CARLE ALBERTO PORCINO
	3. CUIDADOTECA: CUIDADO TRANSDISCIPLINAR DO CORPO COMO CONSCIÊNCIA: DINÂMICA DOS SENTIDOS: UMA EXPERIÊNCIA DA APLICAÇÃO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE (PICS) NA COMUNIDADE	MARIA TERESA BRITO MARIOTTI DE SANTANA LAISSE ANTONIA CARDOSO DE SOUZA
2. NUTRIÇÃO	4. PARA ALÉM DO CORPO GORDO: O FILME 'DUMPLIN' COMO INSTRUMENTO PARA DEBATE SOBRE "PADRÕES" CORPORAIS	VIRGÍNIA CAMPOS MACHADO, INGRID PRAXEDES CORREA, CARINE SANTOS ALMEIDA, NATHALIA CABRAL DE CASTRO SOUZA, CAROLINE NASCIMENTO
3. FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL	5. PRÁTICAS CORPORAIS E A PROMOÇÃO DA SAÚDE DA MULHER NA ATENÇÃO BÁSICA À SAÚDE.	MILENA MARIA CORDEIRO DE ALMEIDA LUCIANA LEITE SILVA
4. LINGÜÍSTICA	6. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE A PARTIR DE DISCURSOS SOBRE A MARCAÇÃO CORPORAL EM VÍDEOS DO YOUTUBE	ADRIANA SANTOS BATISTA JOSÉ RAILSON COSTA
5. LETRAS	7. CORPO-EXU E UMA LITERATURA-CAMINHO LÍVIA MARIA NATÁLIA DE SOUZA SANTOS	PABLO EMMANUEL BRITO DOS SANTOS
	8. CORPO, MEMÓRIA E TEMPO	LÍVIA MARIA NATÁLIA DE SOUZA SANTOS JAISY CARDOSO
6. EDUCAÇÃO	9. CULTURA CORPORAL DE MATRIZ AFRICANA: REALIDADE E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ESTADO DA BAHIA	CLÁUDIO DE LIRA JÚNIOR JOSIANE CLIMACO, CELI NELZA ZULKE TAFFAREL
	10. A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO É A CARNE NEGRA: ENSAIO SOBRE CORPOREIDADE E RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS	MARIA CECÍLIA PAULA SILVA TAIRINE CRISTINA SANTANA DE SOUZA
	11. INSCRIÇÕES CORPORAIS NEGRAS E UNIVERSIDADE	MARIA CECÍLIA PAULA SILVA CARLOS ADRIANO DA SILVA OLIVEIRA
	12. O CORPO E A CENTRALIDADE DA CULTURA NA FORMAÇÃO DOCENTE: CAMINHOS PARA A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL NA TEMATIZAÇÃO DA CULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA	MARIA CECÍLIA PAULA SILVA MARÍLIA MENEZES NASCIMENTO SOUZA CARVALHO
	13. O CORPO EM QUESTÃO: TRADUÇÃO INTERCULTURAL DE SABERES NA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA	MARIA CECÍLIA PAULA SILVA THAIS DE JESUS FERREIRA
	14. OS CORPOS E OS JOGOS NA RODA	MARIA CECÍLIA PAULA SILVA BENAILDES R. DA SILVA
	15. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR E OS ATRAVESSAMENTOS NOS CORPOS: A CARTOGRAFIA DA AÇÃO ENQUANTO MÉTODO DE PESQUISA ACERCA DA ESCOLA	KELLY LUDKIEWICZ ALVES LAURA SANTOS, CILENE CANDA
7. DIREITO	16. O DIREITO NEGRO E A SELETIVIDADE DOS CORPOS ENCARCERADOS	JOÃO PABLO TRABUCO DE OLIVEIRA, ERIKA COSTA DA SILVA, CAMILA GARCEZ LEAL, CAIO VINÍCIUS DE JESUS MAIRA KUBIK MANO, ISLANA SOARES
	17. PRODUZINDO ESTERÉOTIPOS: O CORPO RACIALIZADO NOS PROGRAMAS POLICIALESCOS	ROBSON CORREIA AMÉLIA VITÓRIA DE SOUZA CONRADO
8. DANÇA/EDUCAÇÃO	18. O CORPO NEGRO NA CENA 2006 - 2016: REFLEXÕES PELA TRAJETÓRIA DA CIA DE DANÇA	NEUZA MARIA SAAD FABIO SILVA, UILDEMBERG DA SILVA CARDEAL, ANDRÉIA OLIVEIRA ARAÚJO DA SILVA DANIELA AMOROSO NATUREZA FRANÇA
	19. PERFORMATIVIDADE E ATIVISMO DO/ NO CORPO NEGRO	FABIANA DULTRA BRITTO, VICTOR BASTOS
	20. SAMBA DE RODA: CORPO, MEMÓRIA E PODER	CARMEN PATERNOSTRO JOÃO PERENE
9. DANÇA/TEATRO	21. CORPO E CIDADE EM ZONAS EM COMPRESSÃO – A ESTÉTICA DO FUNK E A SITUAÇÃO DE SALVADOR	EDUARDO OLIVEIRA INEILDES CALHEIRO
10. DANÇA/ARTES VISUAIS	22. ESTADO CORPORAL E MEMÓRIAS	GEDALVA DA PAZ SANTOS DA PAZ, LELIANA SANTOS
11. INTERDISCIPLINAR SOCIAIS E HUMANIDADES	23. O PANÓPTICO NO BRASIL – O CORPO, A RAÇA, O SEXO E OS MEIOS	ELIANA SANTOS CÂMARA-PEREIRA MARIANA NASCIMENTO SOUSA PEREIRA, JESSYCA PINHEIRO ROSSITER VIANA, WELLINGTON FARIAS DOS SANTOS, MARIA PENHA OLIVEIRA BELEM
12. FARMÁCIA	24. CORPO COGNITIVO, MEMÓRIAS E MOVIMENTO	RICARDO EVANGELISTA FRAGA SOFIA MURITIBA TEIXEIRA, BRENA CERQUEIRA TORRES, RAILY DE JESUS OLIVEIRA, LETÍCIA PASSOS E SOUZA
	25. APLICAÇÃO DE CONHECIMENTOS TEÓRICOS SOBRE A RELAÇÃO DA TEMÁTICA DO ESTUDO DO CORPO HUMANO NA AULA PRÁTICA DE ANATOMIA-I	RICARDO EVANGELISTA FRAGA GABRIELA BAL, SOFIA MURITIBA TEIXEIRA, BRENA CERQUEIRA TORRES, RAILY DE JESUS OLIVEIRA, LETÍCIA PASSOS E SOUZA
	26. EUTONIA, CORPO E SUBJETIVIDADE	RICARDO EVANGELISTA FRAGA GABRIELA BAL, SOFIA MURITIBA TEIXEIRA, BRENA CERQUEIRA TORRES, RAILY DE JESUS OLIVEIRA, LETÍCIA PASSOS E SOUZA
	27. CORPO SUJEITO – O TEATRO DO OPRIMIDO NA PROMOÇÃO DA SAÚDE	RICARDO EVANGELISTA FRAGA GABRIELA BAL, SOFIA MURITIBA TEIXEIRA, BRENA CERQUEIRA TORRES, RAILY DE JESUS OLIVEIRA, LETÍCIA PASSOS E SOUZA
	28. CORPO SUJEITO: A EUTONIA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE	RICARDO EVANGELISTA FRAGA GABRIELA BAL, SOFIA MURITIBA TEIXEIRA, BRENA CERQUEIRA TORRES, RAILY DE JESUS OLIVEIRA, LETÍCIA PASSOS E SOUZA
14. LETRAS	29. CORPO E MEMÓRIA NA FESTA DE PAUCARTAMBO	CARLA DAMEANE PEREIRA DE SOUZA JAQUELINE PEREIRA
15. FONOAUDIOLOGIA	30. CORPO E LINGUAGEM NA CLÍNICA DE LINGUAGEM COM AFÁSICOS	MELISSA CATRINI YASMIN FRANCO MAGALHÃES
16. ARTES VISUAIS	31. REVISTA MIOLO: ARTE, DESIGN E ARTESANATO, UM CORPO PARTILHADO	FLAVIA ROSA ZULMIRA ALVES CORREIA

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE B - Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Quadro 7- Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Nº	Nome	Idade	Escolaridade	Curso	Localidade	Inclusão do corpo	Como foi tratado.	Já estudou sobre corpo na escola? Qual o assunto? Como era feito?
1	Mota	26	Sup. incompl.	Ciências Biológicas	Salvador - Ba	Até onde me lembro nunca	-----	Superficialmente e quando, era assunto de Ciências
2	Lorena	21	Sup. Incompl	Fisioterapia	Candeias – Ba	Na 7ª. Série	Falando sobre um pouco de anatomia e aulas sexualidade	-----
3	Hortência	23	Sup. Incompl	Fisioterapia	Salvador - Ba	Na 5 série e no 1º ano do Ensino Médio	Sobre sexualidade em uma aula de religião, surgiu do nada e a professora que era cristã, que do nada estava falando de pecado. E partes do corpo em ed. Física e Biologia no Ensino Médio.	Já, em Biologia e ed. Física, na sala de aula com palavras técnicas, sem muito debate.
4	Domingues	20	Sup. Incompl	Fisioterapia	Salvador - Ba	Nunca	-----	-----
5	Oliveira	20	Sup. Incompl	Fisioterapia	Salvador - Ba	Nunca	-----	-----
6	Marques	24	Sup. Incompl	Fisioterapia	Salvador - Ba	Não	-----	Não
7	Vivas	22	Sup. Incompl	Fisioterapia	Salvador - Ba	..	Não foi	Sim, em Biologia, quando estudávamos os sistemas. Apenas nos livros.
8	Rodrigues	24	Ensino médio	Aux Adm	Salvador - Ba	Aos 11 anos Ensino Fundamental	De forma privada com poucas informações, ainda existia restrições e preconceito sobre o assunto.	Sim. Corpo humano, partes do corpo, como cuidar, higienizar etc. Descrições de cada parte.
9	Souza	19	Ensino médio	Aux. Téc. Contabilidade	Euclides da Cunha -Ba	7º,8º série.	Foi tratada sobre a importância de cuidar do corpo, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, como também, os hormônios masculinos e femininos reagem ao chegar em certa idade. Os meninos e meninas por exemplo começam a criar pelos pubianos além de que o menino começa a mudar a sonoridade da voz.	Sim. Doenças sexualmente transmissíveis. Através da leitura do livro didático, pesquisas em sites de pesquisa e discussão em sala de aula.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE C- Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Quadro 8- Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Nº	Nome	Idade	Escolaridade	Curso	Localidade	Inclusão do corpo	Como foi tratado.	Já estudou sobre corpo na escola? Qual o assunto? Como era feito?
10	Moura	25	Superior	Pedagogia	Salvador - Ba	Quando abordaram em uma palestra a importância das relações na sociedade	Abordou o sujeito de modo holístico que precisa do outro no desenvolvimento socioafetivo.	Sim, as partes do corpo e a estrutura menino e menina. Identificando, colando e pintando quem eu sou
11	Sá	27	Sup. Incompl	Nutrição	Jequié – BA	Na época da escola, pouco era falado sobre estereótipos. Porém, quando abordado o assunto, era referente a preconceito e igualdade	De forma em que todos entendessem que cada um tem seu corpo e particularidade, que devemos cuidar dele.	Sim, questões superficialmente sobre anatomia, sobre cuidados que devemos ter, sobre diferenças. Era feito de uma forma simples, sem aprofundar tanto as questões anatômicas, com cuidado para não "causar" confusões ou curiosidades inesperadas na cabeça dos alunos
12	Sales	25	Superior	Fisioterapia	Salvador - Ba	Nunca, que eu me lembre	-----	Não lembro
13	Sá	37	Superior	Administração	Salvador - Ba	Não me recordo, porque já faz um tempo. Embora eu consiga recordar as aulas de Educação Física, quando era trabalhado essa temática.	De forma bem superficial	Sim, o corpo humano foi o assunto. Foram estudados os nomes de ossos por exemplo.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE D - Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Quadro 9- Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Nº	Nome	Idade	Escolaridade	Curso	Localidade	Inclusão do corpo	Como foi tratado.	Já estudou sobre corpo na escola? Qual o assunto? Como era feito?
14	Macedo	42	Superior	Administração	Salvador -Ba	Nunca foi tratado	De forma bem vaga e generalizada	Na sétima série, nas aulas de Biologia, para tratar de reprodução humana, mas de forma superficial. Não falava do meu corpo falava -se do corpo humano de uma forma geral.
15	Prado	40	Superior	Pedagogia	Salvador -Ba	Aulas de Ciências, Educação Física, Biologia (Ensino Básico) e lembro das aulas na especialização em Educação Infantil.	No Ensino Básico era tudo muito teórico, sem experiências sensoriais, à base de aulas expositivas e avaliação quantitativa. As aulas de Educação Física eram bastante significativas, pois nos permitiam vivenciar algo prático, motor, permitindo uma consciência corporal. Na especialização, foram vivenciadas muitas atividades práticas de reflexão sobre o corpo, os sentidos e as emoções, buscando um autoconhecimento e uma empatia para compreender as crianças e o seu funcionamento.	
16	Silva	49	Superior	Enfermagem	Alagoas - Ba	Minhas lembranças me remontam ao que hoje corresponde ao Fundamental 2	Tratado como uma máquina, com aparelhos e sistemas estudados separadamente	Estudávamos os sistemas: digestório, respiratório, circulatório, reprodutor...era feito de forma isolada como capítulos nas aulas de Ciências
17	Prado	46	Superior	Advogado/analista judiciário	Salvador -Ba	Nunca	Não se aplica	Já. O estudo foi no âmbito biológico. Com os sistemas que integram o corpo humano.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE E- Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Quadro 10- Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Nº	Nome	Idade	Escolaridade	Curso	Localidade	Inclusão do corpo	Como foi tratado.	Já estudou sobre corpo na escola? Qual o assunto? Como era feito?
18	Marques	47	Pós graduada	Secretariado Executivo com Gestão em Qualidade	Salvador -Ba	Meu corpo não foi motivo de estudo, mas o corpo humano sim	De forma didática	Sim, aula de Ciências, Biologia. Estudo totalmente voltado a anatomia do corpo
19	Santos	50	Superior	Lic. em Desenho e Plástica	Salvador -Ba	Nunca	----- ----	Sim. Nas aulas de Ciências estudando teoricamente os sistemas de funcionamento e Ed Física no movimento das atividades em quadra de forma prático, mas sem relação com a teoria....
20	Reis	36	Pós graduada	Administração pós em gestão de pessoas com ênfase em Psicologia Organizacional.	Salvador -Ba	No Ensino Fundamental e Médio	De forma superficial, explorando o corpo humano e os efeitos físicos e químicos que acontecem no organismo	Sim! Exemplos no esqueleto, fórmulas químicas e demonstrações biológicas
21	Zete	54	Superior	Pedagogia	Salvador -Ba	Nunca.	Não se aplica	Só lembro de ter estudado os sistemas do corpo humano
22	Almeida	38	Superior	Pedagogia	Salvador -Ba	Lembro -me que no Fundamental I	Sim, com muita simplicidade, e informações bem simples, mas naquele momento foi muito importante a questão da descoberta.	-----
23	Neta	53	Superior	Gastronomia	Salvador -Ba	Nunca	-----	Aulas de anatomia no ginásio era no geral
24	Santos	24	Ensino médio	Vigilante patrimonial	Salvador -Ba			Sim. Corpo humano. Explicando cada parte do corpo, e as funções para qual servia
25	Miranda	35	Superior/ Mestre	Serviço social	Feira de Santana-Ba	Nunca discutimos essas questões, nem mesmo na universidade	-----	Nunca tratamos sobre...

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE F - Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Quadro 11- Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Nº	Nome	Idade	Escolaridade	Curso	Localidade	Inclusão do corpo	Como foi tratado.	Já estudou sobre corpo na escola? Qual o assunto? Como era feito?
26	Barbosa	26	Superior/ Mestre	Antropologia	Salvador -Ba	Não lembro de discutir sobre meu corpo. Mas fiz natação e isso me ajudou a pensar sobre meu corpo.	----- -----	Sobre corpo só em aula de Biologia, falávamos sobre os membros e processos químicos da alimentação
27	Azevedo	33	Superior	Psicologia	Salvador -Ba	Desde o Fundamental.	Nas brincadeiras ... Nas aulas de Artes, Dança, ginástica, Ciências	Sim. O meu. O biológico. Gênero. Já citei acima ...
28	Amorim	29	Pós-graduação	Direito	Salvador -Ba	Apenas no Ensino Fundamental, a partir do ginásio.	Abordou nos estudos da Biologia, levantando questões dos órgãos que compõem o corpo, sistema reprodutivo etc.	Sim. Alguns casos, os assuntos eram abordados através do conteúdo programático do livro. Abordava-se também com apresentações, ilustrações anatômicas e etc.
29	Santana	41	Superior	Pedagogia	Salvador -Ba	Acho que nunca.	----- -----	Infelizmente movimento não era algo falado
30	Juliana	29	Superior	Tecnólogo em gestão de pessoas recursos humanos	Salvador -Ba	Como motivo debochado pelo peso.	Críticas por não ser o padrão da sociedade.	Sim, como é constituído, quais diferentes partes em aulas de ciências
31	Li	41	Superior	Pedagogia	Salvador -Ba	No Ensino Fundamental 1 e 2	De forma normal. Sem maiores aprofundamentos.	Já estudei sobre o corpo humano na escola. O assunto foi esqueleto, divisão do corpo humano, órgãos e suas funções e etc. Era dado aula a través de livros didáticos e desenhos no quadro
32	Almeida	33	Superior Mestra	Biologia	Santana de Parnaíba-São Paulo	Na época que estudei o Ensino Fundamental e médio, não se falava sobre o corpo...	----- -----	Antigamente não se falava sobre o corpo ou quanto é importante conhecer o corpo... Eu não tive esse assunto...

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE G Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Quadro 12- Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Nº	Nome	Idade	Escolaridade	Curso	Localidade	Inclusão do corpo	Como foi tratado.	Já estudou sobre corpo na escola? Qual o assunto? Como era feito?
33	Morais	12	Ens. Fund.	7ª série	Cotia-São Paulo	Toda vez que participei de atividades lúdicas, envolvendo o corpo, foi na Educação Física, ballet, karatê, teatro, danças	Foi tratado de forma consciente, pelo orientador de educação física, dança, música, por meio das habilidades corporais, relacionando com a mente	Sim. Sobre a importância dos movimentos corporais, ligados aos sentidos. Postura, cuidado com os movimentos e bem estar para a qualidade de vida.
34	Nascimento	42	Superior	Pedagogia	Cotia - São Paulo	Meu corpo sempre foi incluído como parte estrutural, nunca de forma consciente, isso enquanto criança, adolescentes nas escolas, nunca foi discutido de forma reflexiva, nas atividades educacionais.	Sim, em um outro momento. Já na Universidade. As questões tratadas entre corpo e mente foram fundamentais para trabalhar motricidade. Aulas de arte do corpo. Disciplina: Motricidade.	Sim, estudar sobre o corpo na perspectiva de conhecer, pesquisar, observar, para atividades da disciplina de Ciências, conteúdo Corpo Humano. Aulas expositivas, exercícios, apresentações.
35	Jade	19	Ensino médio	Manutenção e Suporte em Informática	Salvador -Ba	Sétimo ano do Ensino Fundamental II	Como objeto de estudo	O Corpo Humano foi objeto de estudo de acordo com o material didático presente no módulo escolar de Ciências/Biologia, sendo estudado através das imagens disponibilizadas no material e os ossos com demonstrações reais no laboratório.
36	Gonzaga	33	Superior	Pedagogia	Lauro de Freitas - Ba	Ainda que de forma superficial no estudo de Filosofia e sexualidade a partir do 4º ou 5º ano.	Restringia ao estudo das partes do corpo com definições e funções de glândulas e órgãos	Além do estudo funcional tive um contato mais abrangente na faculdade com a disciplina optativa Educação e Sexualidade onde discutíamos as relações entre o corpo e a sociedade bem como ele é visto e explorado em alguns segmentos

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE H - Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Quadro 13- Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Nº	Nome	Idade	Escolaridade	Curso	Localidade	Inclusão do corpo	Como foi tratado.	Já estudou sobre corpo na escola? Qual o assunto? Como era feito?
37	Conceição	34	Pós-graduação	Gestão Pedagógica	Salvador-Ba	Não foi	_____	Sim no 5º ano Órgão. Leitura de livro e exercícios
38	Souza	28	Ensino médio	Técnica em enfermagem	São Paulo	Nas aulas de Educação Física, tratado com respeito e cuidado, sendo explicado pelo professor cada passo dos movimentos das atividades passadas, discutindo nas aulas os benefícios que as atividades físicas proporcionam ao nosso corpo	O assunto fora tratado como qualquer outro tema.	Sim, estudei anatomia do corpo humano. Era tratado como qualquer outro assunto de matérias escolares. Participando também de várias palestras onde era abordado o tema drogas e quais os malefícios ao nosso corpo
39	Sanches	12	Ensino Fundamental		Maracás-BA	Apenas nos estudo sobre o funcionamento do corpo humano nas aulas de Ciências.	Ensinamentos de como cuidar e tratar o corpo	Nas aulas de higiene corporal ministrada por profissionais da Secretaria de Saúde
40	Lima	31	Pós-graduação	Letras Vernáculas/Docência do Ensino Superior	Salvador - Ba	2a série do Ensino Fundamental	Da maneira mais natural possível	Sim. Corpo humano, reprodução e etc. De forma natural, sem frescura
41	Machado	15	Ensino médio		Maracás-Ba	Nas aulas sobre saúde e alimentação, sempre relacionava o corpo humano à hábitos saudáveis	Esse conhecimento me ensinou a conhecer melhor minha mente e meu corpo, perceber e respeitar as minhas necessidades e as dos outros.	Nos ensinamentos de Educação Sexual aprendi melhor como funciona cada órgão do meu corpo

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE I - Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Quadro 14- Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Nº	Nome	Idade	Escolaridade	Curso	Localidade	Inclusão do corpo	Como foi tratado.	Já estudou sobre corpo na escola? Qual o assunto? Como era feito?
42	Aguiar	36	Superior	Letras Vernáculas com Inglês	Maracás- Ba	Nas aulas de Educação Física, Ciências e Biologia	Nas aulas de Educação Física era discutido as questões de higiene, alimentação e a importância de fazer exercícios físicos. E nas aulas de Ciências e Biologia sobre funcionamento, saúde e doenças	Dança e teatro era alguns momentos em que discutia sobre o corpo, movimento. Nas preparações para participar de esportes, meu caso, e de outros, para participar da equipe de ginastas da fanfarra. Era feito seleções e sempre as escolhas partiam para os que tinham habilidades ou um pouco de instrução, no caso das meninas que já faziam balé.
43	Falcão	32	Superior	Letras Vernáculas com inglês	Salvador- Ba	Nunca	----- -----	Sim. Sistema Reprodutor masculino e feminino. Puberdade. Lembro disso no 5º ano. Era discutido, acompanhado pelo livro didático através de leitura pela professora e/ou coletiva. As vezes alguns constrangimentos e risos pela classe. Sempre tinha sermão da professora por conta de alguns alunos mais a frente da idade.
44	Ferreira	20	Superior	História	Salvador- Ba	Nunca	----- -----	Apenas em Biologia, de maneira superficial
45	Borges	41	Superior	Letras	Simões Filho- Ba	Nunca foi incluído ou discutido na escola	----- -----	Sempre foi estudado nas aulas de Ciências, muito superficialmente
46	Souza	45	Superior	Pedagogia	Salvador- Ba	Nunca	Não	Nunca

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE J - Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Quadro 15- Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Nº	Nome	Idade	Escolaridade	Curso	Localidade	Inclusão do corpo	Como foi tratado.	Já estudou sobre corpo na escola? Qual o assunto? Como era feito?
47	Fontoura	47	Superior	Pedagogia e Administração	Salvador -Ba	Alguns alunos me chamaram de gordinha, há algum tempo	Levei o assunto na esportiva, brinquei com eles e falamos sobre diversos tipos físicos	Ao falarmos sobre bullying, é um assunto pertinente, pois dou liberdade a todos a falarem sobre assuntos que podem incomodar. Gosto de debater e deixar claro que estética não é prioridade na minha vida, sim caráter
48	Uza	43	Superior	Pedagogia e Psicopedagogia	Salvador - Ba	Não	-----	De modo superficial o professor ficava constrangido ao abordar o assunto em uma sala que o maior número eram meninas. De modo científico com pouco preparo
49	Santos	39	Superior	Pedagogia e Psicopedagogia	Salvador - Ba	O meu corpo não. Na disciplina Ciências o conteúdo “corpo” era abordado quando iria falar sobre o corpo humano no geral.	-----	Sim. O assunto era corpo humano. A professora abordava as partes externas e internas do corpo e a reprodução humana.
50	Luzi	26	Superior	Nutrição	Salvador - Ba	Nas aulas de Ciências (Biologia) e Educação Física	Durante as aulas das disciplinas supracitadas, com uma perspectiva biológica.	Sim. Foi estudado no assunto o corpo humano, na disciplina de Ciências.
51	Santos	31	Superior	Teatro	São Francisco do Conde-Bahia	Não me recordo de ter o meu corpo tratado/ discutido na sala e aula e nem em outros espaços da escola. Apenas do corpo esteve presente nas aulas de Ed. Física, nas atividades esportivas, sem nenhuma discussão	Não houve discussão do meu corpo, apenas exercícios incipientes nas atividades esportivas	Apenas nas aulas de Ciências/ Biologia, com estudos sobre a formação do corpo humano, seus membros e órgãos.

Fonte: Elaborado pela pesquisado

APÊNDICE K - Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Quadro 16 - Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Nº	Nome	Idade	Escolaridade	Curso	Localidade	Inclusão do corpo	Como foi tratado.	Já estudou sobre corpo na escola? Qual o assunto? Como era feito?
52	Silva	45	Superior	História	Salvador- Ba	Não na minha época de estudante, não se discutia nada relacionado às nossas particularidades, o único momento que lembro sobre os nossos corpos, era com a professora de Ciência	Algo extremamente discriminatório, pois ela tinha cabelos de Chanel liso e provocava as colegas se poderiam bagunçar os cabelos e logo colocar no lugar.	Como estudante da Educação Básica, os únicos momentos que se falava do corpo era nas aulas de Ciências.
53	Ferreira	31	Superior Mestre	Dança	São Francisco do Conde- Bahia	Creio que o meu corpo nunca foi incluído, tratado ou discutido em sala de aula de forma direta e sim através de referência à um corpo para falar de doenças ou anatomia.	----- -----	Sim. DSTs e sistemas. De forma distante sem atrelar ao nosso corpo e ao contexto da humanização, afeto e cuidado.
54	Eli	36	Superior	Nutrição	Salvador- Ba	Nas aulas de Biologia e de Educação Física.	O corpo humano foi abordado nas disciplinas quanto ao aspecto biológico.	Na Educação Física, aprendemos que as atividades realizadas com o corpo estão diretamente relacionadas à melhora na postura, na disciplina e nos hábitos de vida saudáveis.
55	Reis	47	Superior	Pedagogia	Salvador- Ba	Somente em algumas dinâmicas com profissionais diversos em inícios das jornadas pedagógicas	Buscando liberar as tensões e destravamento dos músculos. Psicólogo- escrevendo ou falando situações que nos deixam estressadas e em seguida realizando dinâmicas específicas para aliviar as tensões e uma manhã de dinâmicas corporais com uma dupla de coaching	Estudo profundo não... Mas nos momentos citados anteriormente primeiro foi falado sobre os cuidados com o nosso corpo para ter saúde melhor, da importância dos exercícios e dos tratamentos específicos com os profissionais adequados, que o corpo fala por nós, sobre as áreas do corpo que merecem mais atenção...

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE L - Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Quadro 17- Pesquisa Inclusão do corpo na escola


Nº	Nome	Idade	Escolaridade	Curso	Localidade	Inclusão do corpo	Como foi tratado.	Já estudou sobre corpo na escola? Qual o assunto? Como era feito?
56	Santos	50	Superior Mestre	Pedagogia	Salvador- Ba	Não lembro de ter sido incluído ou discutido em momento nenhum	-----	Só nas aulas de ciências. Sobre o corpo humano. Era feita atividade no caderno para identificar as partes do corpo humano. No Ensino Médio fazia exame biométrico mais não dizia ao aluno por que estava fazendo e nem para que.
57	Silva	50	Pós-graduação	Pedagogia Psicopedagogia	Salvador- Ba	Se foi, não lembro	----- ----	Sempre voltado para questões biológicas e c foco nos conceitos e identificação das partes, nunca como um todo
58	Monteiro	22	Superior	Psicologia	Salvador- Ba	Nunca	----- ----	Sim, na aula de Ciências. Falou da parte biológica e só
59	Ella	22	Superior	Bacharelado em Humanidades	Salvador- Ba	Nunca Estudou	----- ----	No Ensino Fundamental 1 de forma superficial
60	Santos	29	Superior	Logística	São Sebastião do Passé- Ba	Nunca foi	Se tivesse sido eu teria tratado com humor	Sim. Anatomia. E valorização da pessoa e não do biotipo

61	Santana	34	Superior	Teólogo	Ubajara- Ceará	Sim. Meu corpo foi incluído e tratado na escola no Ensino Fundamental.	Foi tratado na matéria de Biologia na parte sobre o corpo humano	Sim, estudei sobre o corpo na escola. O assunto foi sobre as partes do corpo humano. A professora explicava o conteúdo para nós. Mas isso não foi o bastante, precisei criar estímulo para leitura de outros livros que falasse desse assunto. Então eu me aprofundi mais em livros que falam sexualidade e afetividade.
----	---------	----	----------	---------	----------------	--	--	--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE M - Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Quadro 18- Pesquisa Inclusão do corpo na escola

Nº	Nome	Idade	Escolaridade	Curso	Localidade	Inclusão do corpo	Como foi tratado.	Já estudou sobre corpo na escola? Qual o assunto? Como era feito?
62	Sis	61	Superior	Licenciatura em Ciências da Natureza	Salvador- Ba	Nunca	-----	Sim, o corpo humano, as células, os tecidos, os órgãos e etc. Através de atividades escritas e provas
63	 Queli	21	Superior Incompleto	Pedagogia	Salvador- Ba	Não recorro exatamente quando foi incluído, acredito que no Ensino Fundamental 1 e 2.	Na escola, que me vem a memória só foi trabalhado o corpo humano no que envolve órgãos, células, gênero, desenvolvimento, etc.	Sim, sobre o corpo humano. Os assuntos eram desenvolvimento no que tange ao crescimento, composição dos órgãos e suas funções, células do corpo humano, e gêneros masculino e feminino.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE N - Inclusão do corpo na religião

Quadro 19 Inclusão do corpo na religião

N°	Idade	Escolaridade	Curso	Profissão	Cidade/Estado	Religião	Inclusão do corpo na religião	Como	Como seus sentimentos são tratados em sua religião?	O que é o corpo na sua religião? Como o corpo é considerado?	Existem conflitos pessoais entre os membros da sua religião?
1	49 anos	Superior	História e Bacharel em Direito	Professora	Simões Filho – Bahia	Católica	Não, nunca pensei a respeito disso.	Não sei responder isso.	Nunca pensei sobre isso e nunca me perguntaram.	A morada do Espírito, da alma.	Sim, sempre há divergência de ideias, e interesses comum entre as pessoas que frequentam igrejas ou grupos sociais, etc.
2	35 anos	Superior	Engenheira ambiental e sanitária, técnica em análises clínicas		São Francisco do Conde-Bahia	Evangélica	Sim	Como templo do Espírito Santo.	A igreja não trata os nossos sentimentos de maneira particular, apenas nos ensina acerca de termos empatia uns pelos outros, e reger nossas ações baseadas no amor ao próximo.	A Bíblia nos ensina que somos um só corpo e só espírito e que por isso devemos lembrar sempre de (coríntios 1.12 que diz: Ora, assim como o corpo e uma unidade, embora tenha muitos membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim também com respeito a cristo	Infelizmente sim! Apesar de ser pregado que devemos amar ao próximo como a nós mesmos, existem pessoas que sempre querem sobressair na frente dos outros, principalmente em relação aos cargos que são distribuídos na igreja. Mas, contudo, é pregado que sempre vai existir esses sentimentos ruins afinal somos feitos de carne e devemos olhar pra Jesus em primeiro lugar

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE O - Inclusão do corpo na religião

Quadro 20 Inclusão do corpo na religião

Nº	Idade	Escolaridade	Curso	Profissão	Cidade/Estado	Religião	Inclusão do corpo na religião	Como	Como seus sentimentos são tratados em sua religião?	O que é o corpo na sua religião? Como o corpo é considerado?	Existem conflitos pessoais entre os membros da sua religião?
3	38 anos	Superior	Enfermagem	Enfermeira	Salvador Ba	Católica	Eu entendo da forma normal	-----	Sem preconceito	Normal perante a sociedade	Sim
4	21 anos	Superior Cursando	Pedagogia	Estudante	Salvador -BA	Testemunha de Jeová	Sim	Minha religião influencia no meu estilo de vida, decisões sobre o meu corpo, roupas e tratamentos	São considerados extremamente relevantes, apesar de sermos sempre incentivados a tomar decisões racionais e embasadas, não desconsideramos sentimentos nobres e aprendemos a lidar com os sentimentos negativos.	“apresentem o seu corpo como sacrifício vivo, santo e aceitável a Deus, prestando assim um serviço sagrado com a sua faculdade de raciocínio.” (Romanos 12:1) O cristão deve ter apreço pelo corpo que Deus lhe deu e deve amar a si mesmo a ponto de cuidar devidamente do seu corpo, a fim de que possa apresentá-lo em serviço sagrado, aceitável a Deus. Isto requer usar o raciocínio e sustentar o corpo com outras necessidades, bem como manter asseio físico, espiritualidade e moralidade.	Qualquer ambiente que existem pessoas existirá conflitos. Mas aprendemos a lidar com esses conflitos com o objetivo de manter a paz e o bom relacionamento entre os membros

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE P - Inclusão do corpo na religião

Quadro 21 Inclusão do corpo na religião

Nº	Idade	Escolaridade	Curso	Profissão	Cidade/Estado	Religião	Inclusão do corpo na religião	Como?	Como seus sentimentos são tratados em sua religião?	O que é o corpo na sua religião? Como o corpo é considerado?	Existem conflitos pessoais entre os membros da sua religião?
5	47 anos	Superior Espec	Licenciatura em Ciências	Professora	Vitória da Conquista/BA	Católica	Sim	Conscientizando os fiéis que o mesmo é sagrado.	Como uma forma de manifestação do amor de Deus. Se estamos tristes, a saída é buscar à Deus para que o coração seja acalentado. Se estamos alegres, temos que agradecer. Mas a base de tudo é renovar constantemente a fé.	Lugar onde o Espírito Santo habita. É considerado como sagrado.	Sim. Infelizmente muitas pessoas ainda não se conformam com a felicidade do irmão, isso causa um certo incômodo, levando à ocorrência de conflitos.
6	53 anos	Ens. Fund.	-----	-----	Vitória da Conquista- Ba	Católica	Não	-----	Não há discussões na minha religião sobre os meus sentimentos	Simplesmente uma matéria.	Sim. Sobre frequência na missa, inveja, classe social. Tratam os iguais como desiguais.

Fonte Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE Q - Inclusão do corpo na religião

Quadro 22 Inclusão do corpo na religião

Nº	Idade	Escolaridade	Curso;	Profissão	Cidade/Estado	Religião	Inclusão do corpo na religião	Como?	Como seus sentimentos são tratados em sua religião?	O que é o corpo na sua religião? Como o corpo é considerado?	Existem conflitos pessoais entre os membros da sua religião?
7	47 anos	Pós graduada	Pedagogia	Professora	São Francisco do Conde – Ba	Evangélica	Sim	Nela entendemos que o nosso corpo é templo do espírito santo de Deus. E ele é o canal para nossa santificação.	Meus sentimentos fazem parte de um todo que se manifesta na nossa relação com o mundo, com o próximo e com a espiritualidade. A busca pela santificação também inclui os sentimentos. Seja em relação a si mesmo, ao outro e ao mundo. A orientação é o amor acima de tudo e ao próximo como a si mesmo. Não existe um olhar específico para as singularidades dos sentimentos dos membros da religião. O que existe, é como se tivesse um padrão de sentimentos regidos pelos ensinamentos bíblicos onde às pessoas deveriam se encaixar.	O corpo na minha religião é visto como o templo do Espírito Santo de Deus. Ele é considerado dentro dos padrões bíblicos. Ou seja, deve obedecer e se moldar a esses padrões.	Sim. Aonde existem pessoas existem conflitos. E esses conflitos são de várias ordens e envolvem dos membros aos líderes.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE R - Inclusão do corpo na religião

Quadro 23 Inclusão do corpo na religião

Nº	Idade	Escolaridade	Curso	Profissão	Cidade/Estado	Religião	Inclusão do corpo na religião	Como?	Como seus sentimentos são tratados em sua religião?	O que é o corpo na sua religião? Como o corpo é considerado?	Existem conflitos pessoais entre os membros da sua religião?
8	51 anos	Ens. Médio	-----	Agente de limpeza	Mata de São João-Ba	Cristã	Sim	Como templo e morada do espírito santo.	Com ensinamentos	Não sei. Como templo e morada do espírito santo	Não.
9	60 anos	Ens Fund	-----	Dona de casa	Mata de São João-Ba	Creio em Deus	Não	-----	Eu não vivo religião, quem cuida dos meus anseios, sentimentos é Deus.	O nosso corpo é considerado, como o templo (ou seja, a morada do Espírito Santo, o corpo deve ser Santo, consagrado a Deus.	É possível que sim.
10	51	Ens. Médio	Administração de empresa	Assistente Administrativo	Mata de São João-Ba	Evangélica	Sim	Como membro do corpo de Cristo.	Com respeito e amor.	Um ser humano composto de corpo, alma e espírito. Como sistema motor, perceptivo com interações corporais com o ambiente.	Sim. Como em qualquer outro lugar, somos pessoas diferentes unidas pela fé

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE S - Inclusão do corpo na religião

Quadro 24 Inclusão do corpo na religião

N°	Idade	Escolaridade	Curso	Profissão	Cidade/Estado	Religião	Inclusão do corpo na religião	Como?	Como seus sentimentos são tratados em sua religião?	O que é o corpo na sua religião? Como o corpo é considerado?	Existem conflitos pessoais entre os membros da Sua religião
11	53 anos	Superior	Letras/Libras	Professora	Mata de São João-Ba	Evangélica	Não	Respeito o meu corpo, mas isso não há influência religiosa. Apenas cuido do meu corpo e não acho necessário andar me expondo. inclusive diante de uma sociedade machista e hipócrita.	Os meus pensamentos são decisivos e cuidadosos. Porque sou temente a Deus. Não permitindo fluência religiosa. Mas sou cuidadosa de mim.	O corpo é visto por muitos de forma sensual e que desperta o interesse e com isso causando a divisão entre os gêneros. portanto, a exclusão. Mas para mim o corpo é algo que deve ser cuidado, preservado e livre de exposições necessárias. Não é porque o corpo é meu que posso expô-lo como quiser, sem cuidados. O corpo relacionado com a minha religião deve ser cuidado. E é Considerado com o templo de Deus.	Não.
12	-----	Superior	Contábeis	Gestor Financeiro	Salvador -Ba	Candomblé	Sim	Morada do sagrado.	Da forma mais equilibrada, sempre.	O corpo é moradia do sagrado.	
13	-----	Superior	Pedagogia	Professora	Salvador -Ba	Candomblé	Sim	Consciência e humildade.	-----	Instrumento de uso para sagrado.	-----

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE T - Inclusão do corpo na religião

Quadro 25 Inclusão do corpo na religião

Nº	Idade	Escolaridade	Curso	Profissão	Cidade/Estado	Religião	Inclusão do corpo na religião	Como?	Como seus sentimentos são tratados em sua religião?	O que é o corpo na sua religião? Como o corpo é considerado?	Existem conflitos pessoais entre os membros da sua religião?
14	-----	Ensino Médio	Secretária Escolar	Técnico em Secretária Escolar	Salvador -Ba	Candomblé	Sim	Corpo, alma e espírito é essencial na minha religião.	Com discernimento.	É a ponte de ligação entre o sagrado e o ser humano	-----
15	-----	Pós-Graduação	Serviço Social com pós em Gestão de Projetos Educacionais	Assistente Social	Salvador -Ba	Candomblé	Sim	Preparado para manifestar as entidades e com isso fortalecer o espiritual e a matéria.	Com atenção, cuidado e direcionamento.	Local que é preparado para o Orixá Como a porta de ligação entre o homem e o sagrado.	
16	-----	Superior	Administração de Empresas	Autônoma/ Empreendedora	Lauro de Freitas/BA	Candomblé	Sim	O candomblé lida com a natureza, cultuamos a natureza em sua plenitude, isso inclui a natureza humana, e é através do corpo físico que essa natureza se manifesta, através do corpo que expressamos a maior parte das nossas sensações, ações e reações. Candomblé é presença e sempre é necessária a presença física para a manifesta do espírito.	Existe formas particulares com a qual cada indivíduo administra os seus sentimentos, busco entender a dinâmica de cada energia/Nkissi/ Vodun/ divindade e perceber a qual sentimento eles estão ligados, e estabeleço relações de respeito e entrega total com cada uma delas a partir desses sentimentos.	O Corpo é o instrumento de manifestação da nossa espiritualidade um templo, local sagrado que devemos cuidar e reservar.	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE U - Inclusão do corpo na religião

Quadro 26 Inclusão do corpo na religião

Nº	Idade	Escolaridade	Curso	Profissão	Cidade/Estado	Religião	Inclusão do corpo na religião	Como?	Como seus sentimentos são tratados em sua religião?	O que é o corpo na sua religião? Como o corpo é considerado?	Existem conflitos pessoais entre os membros da sua religião?
17	-----	Superior em curso	Serviço Social	Operador Call Center	Salvador -Ba	Candomblé	Sim	O candomblé em si é uma religião que acolhe a todos que chegam. Eu fui abraçada desde quando decidir fazer parte.	A empatia é fundamental para muitas situações e a hierarquia.	Corpo é um veículo de comunicação que os Mkisses utilizam. Corpo é também a força motriz que mantém a casa. Corpo é a parte individual que compõe toda comunidade.	
18	-----	Ensino Médio	----- -----	Estudante	Salvador -Ba	Candomblé	Sim	Precisamos da presença física no terreiro para cumprir os afazeres			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE V - Arteterapêutica

ARTETERAPÊUTICA

O estudo de uma obra de arte é o fruto “intencional” de atividades anímicas complexa. Estudar as circunstâncias psicológicas do homem/ mulher criador/a equivale a estudar o próprio aparelho psíquico. (...) objeto da análise e interpretação psicológicas é a obra de arte concreta (...). Ainda que a obra de arte o homem/mulher criador/a estejam ligados entre si por uma profunda relação, numa reciproca, não é menos verdade que não se explicam mutuamente. (JUNG,2011, p. 87) (Grifo nosso)

O resultado da Arteterapêutica aqui não tem o intuito de dizer sem o criador/a o que representa a Análise Cognitiva de conhecimento da Arte, pois está ligada a cada um que expressa. São alguns trabalhos que expressam o sentimento simbolizado e partilhado. Os materiais dos trabalhos são disponibilizados e o grupo de pesquisadoras escolhe o que mais lhe convém.

Foto 29 — Colagem miçangas



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Silencio as minhas dores e o meu sofrimento de forma geral, até para mim não digo que sofri pois não quero tomar consciência. O meu lugar de fala é o de uma mulher negra em construção que deseja ser feliz e transformar. (MATA, 2019)

Foto 30 – Colagem com miçangas



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Minha infância a larva, adolescência /adulta casulo, mulher borboleta. Ser mulher é ser inteira e metade. Um ser em constante transformação que precisa se reinventar a cada fase, a cada situação. Sou menina indefesa, com medo que chorar e rir. Mas, também sou mulher adulta que descobriu o prazer de ser quem é. De ser o que quiser

ser. Sou Sol, sou chuva, sou vento e calma. A mulher que vive em mim descobre a cada dia algo novo, na verdade, revela algo novo para mim. (SOL, 2019)

Foto 31 – Colagem com barbante e miçanga



Fonte: Arquivo da pesquisadora

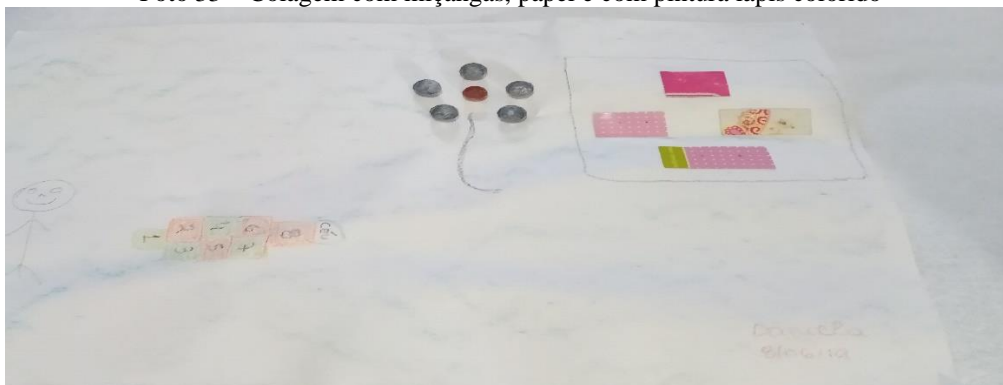
Sinto-me confortável em participar desse grupo. A cada momento descubro algo mais. Me assusto e me enfrento. Não nego que tenho medo, mas estou superando a cada dia. Tudo que é relatado no grupo me confronta, me intriga, me instiga e me desperta o desejo de cuidar de mim mesma, do meu corpo, do meu enrijecimento. Preciso sanar as minhas dores. Já sei que ele dói porque me permito sentir dor é preciso parar de me sabotar. Quero ser mais feliz! (LUA /LEOA, 2019)

Foto 32 – Colagem com miçangas e pintura com cola colorida



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Foto 33 – Colagem com miçangas, papel e com pintura lápis colorido



A descoberta do eu criança e a transformação até a vida adulta. As modificações e como essas modificações implicam no nosso dia a dia. Levo comigo a ideia de meditar o que é e o que significa hoje essa responsabilidade que eu adquiri quando criança. (FLOR, 2019)

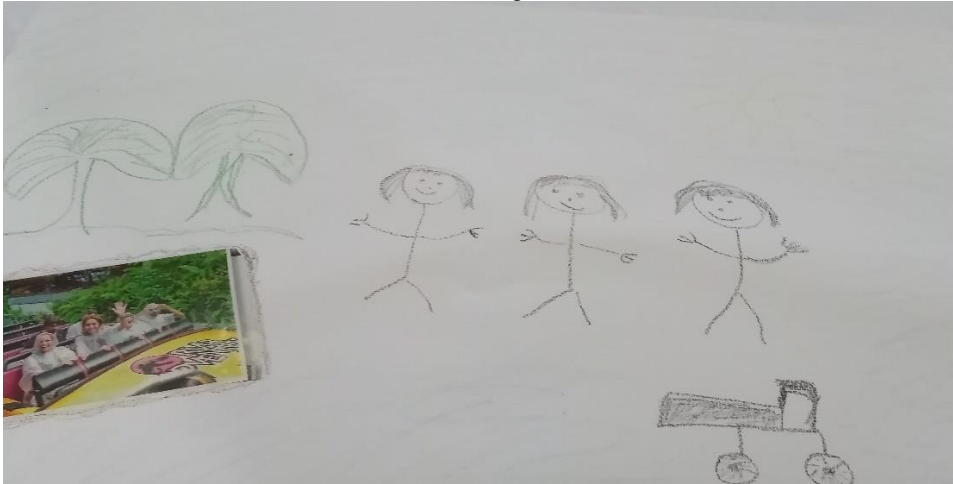
Foto 34 – Colagem com miçangas e pintura com hidrocor



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Hoje posso dizer que é maravilhoso poder se conhecer, aprender a ver os defeitos, qualidades e melhoras a cada dia. Percebo as coisas mais claras, mas nem sempre é fácil, as vezes é doloroso. Percebo como é que a sociedade pode ser cruel e muitas vezes nos endurece, preciso me cuidar para não cair nas armadilhas e poder ser quem eu sou para mim mesma e para o outro. (FÊNIX, 2019)

Foto 35- Desenho e colagem



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Foi muito bom revisitar o sentimento de criança. Senti a esperança a qual já tinha perdido, esse sentimento sempre esteve na minha lembrança quando criança. Tentarei sempre me reportar a esse sentimento quando estiver no meu dia a dia. (PASSARINHO, 2019)

APÊNDICE W – Quadro 27 comparativo - Corpo Cognitivo

1. Fênix	Agente de Educ./Estud. Pedagogia	42 anos	Entendo que seja o corpo real que sou independente do que as pessoas veem. E o verdadeiro corpo e poucos conseguem perceber, apenas as pessoas sensíveis conseguem perceber.	É poder sentir e ter consciência de ser quem sou, entender das máscaras, dos medos e encontrar um caminho para crescer e gostar de quem é independente das críticas e opiniões
2. Borboleta	Publicitaria/Comunicação Social	25 anos	Corpo cognitivo é o corpo como ferramenta essencial para os processos de cognição.	Ter um corpo cognitivo completo de sentimentos, marcas, ancestralidade, energia e sentimentos. Onde tem todas as marcas da sua vida, história e também canal de energia, percepções e ser capaz de dar sinais sobre tudo que acontece no seu corpo e mente.
3. Gatinha	Socióloga/ Doutoranda	71 anos	A parte mais importante da minha consciência, embora todo meu corpo seja uma constante	Um enraizamento de coisas, tudo tem um sentido de ser. Vejo meu corpo um complexo de saúde, paz, preguiça, treva por ausência de luz. Meu corpo conhecimento espiritual.
4. Sol	Mestre/ Pedagogia	40 anos	É um corpo que sente, pensa um todo. Ele tem vínculos com os seus pares, tem pertencimento.	Um corpo que fala, pensa e reverbera o que somos na essência, é um corpo que sente, comunica e se expressa com todo seu potencial
5. Mata	Estudante de Psicologia	23 anos	O corpo que comunica emoções, pensamentos, é isto, por sua vez, comunica cognição	Corpo cognitivo compreende que o pensamento, emoções e algumas ações se condensam ao nosso corpo. Desse modo, aprendo a aprender sobre a vida com o meu corpo cognitivo é entender o seu axé.
6. Passarinho	Vendedora/ Estudante de Pedagogia	37 Anos	Como se sente, se constrói a si mesmo. O corpo conjunto todo seu ser.	É ter uma consciência corporal desse corpo, pelas memórias, que te permitem se apropriar de si pelo seu corpo cognitivo. Esse corpo, que é cheio de energia capaz de falar com você ...Quando você percebe este corpo você o entende, respeita cuida etc.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

APÊNDICE X – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu Gedalva Neres da Paz Doutoranda da Universidade Federal da Bahia do programa Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento gostaria de lhe convidar a participar como membro do grupo focal do projeto **Corpo como matriz de análise cognitiva: um estudo da memória corporal na arte terapêutica para difusão do conhecimento** na data e no horário mais conveniente para você. A orientadora desse estudo é a Prof^ª Leliana Santos de Sousa. O estudo se destina a professoras/es e outras pessoas que se interessam em autoconhecimento e a investigação das potencialidades do seu próprio corpo. Pesquisar tem como objetivo a importância do corpo como matriz cognitiva, memórias narrativas sendo o corpo fonte principal de conhecimento. Os resultados alcançados serão devolvidos para os participantes em lócus como forma de contribuir para o seu autodescobrimento, fortalecendo sua autoestima, a consciência corporal enfim o conhecimento de si mesmo, como base essencial, o corpo. Os trabalhos têm a previsão de começar em 28 de maio de 2020 e terminar em 26 de setembro de 2020. O estudo deverá acontecer através de vivências corporais, arteterapia, narrativas, entre o pesquisador e o pesquisado, ou seja, entre mim e você. Neste processo você poderá sentir tristeza, alegria, ou recordações desagradáveis, vergonha ou constrangimento, levando ao choro no momento ou posteriormente. Caso estes sintomas ou incômodos venham acontecer poderei lhe dar toda a assistência necessária, por eu ser Terapeuta de Análise Corporal Bioenergética, ou ainda fazer o encaminhamento para um profissional sem nenhum custo adicional. Sua participação é importante, pois contribuirá para você e para outros profissionais de educação ou áreas afins. O grupo focal será sempre acompanhado por mim, estarei à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas no decorrer e depois dos trabalhos em grupo. Você terá total autonomia podendo se recusar a participar retirando o seu consentimento em qualquer momento sem nenhum dano ou prejuízo para você. Todas as informações fornecidas em hipótese nenhuma serão identificadas e esse material estará apenas disponível em meus arquivos pessoais para a continuidade dos meus estudos nessa mesma linha de pesquisa. Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios, concordo em participar. **DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.** Este documento é em duas vias.

Pesquisadora

Pesquisado

- Universidade Federal da Bahia, Av. Reitor Miguel Calmon, s/n - Vale do Canela, Salvador - BA, 40110-100 Brasil
- Orientadora. Prof^ª Leliana Santos de Sousa (Na terça-feira se encontra no grupo de estudo Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional (CPEDR) da UNEB e quinta no 4º andar laboratório de informática Faculdade de Educação na Universidade Federal da Bahia, tel: (71) 3283-7272
- Doutoranda - Gedalva N. da Paz gedapaz@gmail.com

APÊNDICE Y - Cronograma

- CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.**

ATIVIDADES	DATAS	LOCAL
Convite para o grupo focal	14/02/2020	Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional CPDER- R. Silveira Martins, 2555 - Cabula, Salvador - BA, 41150-000
Reunião de adesão e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o grupo focal	28/02/2020	Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional CPDER- R. Silveira Martins, 2555 - Cabula, Salvador - BA, 41150-000
1º encontro	07/03/2020	Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional CPDER- R. Silveira Martins, 2555 - Cabula, Salvador - BA, 41150-000
2º encontro	21/03/2020	Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional CPDER- R. Silveira Martins, 2555 - Cabula, Salvador - BA, 41150-000
3º encontro	04/04/2020	Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional CPDER- R. Silveira Martins, 2555 - Cabula, Salvador - BA, 41150-000
4º encontro	18/04/2020	Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional CPDER- R. Silveira Martins, 2555 - Cabula, Salvador - BA, 41150-000
5º encontro	02/05/2020	Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento

		Regional CPDER- R. Silveira Martins, 2555 - Cabula, Salvador - BA, 41150-000
6º encontro	16/05/2020	Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional CPDER- R. Silveira Martins, 2555 - Cabula, Salvador - BA, 41150-000
7º encontro	30/05/2020	Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional CPDER- R. Silveira Martins, 2555 - Cabula, Salvador - BA, 41150-000
8º encontro	13/06/2020	Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional CPDER- R. Silveira Martins, 2555 - Cabula, Salvador - BA, 41150-000
	27/06/2020	Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional CPDER- R. Silveira Martins, 2555 - Cabula, Salvador - BA, 41150-000
9º encontro		
	11/07/2020	Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional CPDER- R. Silveira Martins, 2555 - Cabula, Salvador - BA, 41150-000
10º encontro		
Qualificação (A qualificação será realizada com a fundamentação teórica, metodologia da pesquisa e resultado parcial do grupo de pesquisa)	15/09/2020	UFBA Av. Reitor Miguel Calmon, s/n Vale do - Canela, Salvador - BA, 40110-100
Orientação da qualificação	22/09/2020	Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional CPDER- R. Silveira Martins, 2555 - Cabula, Salvador - BA, 41150-000

Análise dos dados da pesquisa do grupo focal- transcrição	31/10/2020	
Apresentação da tese para a orientadora	30/12/2020	UFBA Av. Reitor Miguel Calmon, s/n Vale do - Canela, Salvador - BA, 40110-100
Correção	31/03/2021	
Defesa da tese	A combinar	UFBA Av. Reitor Miguel Calmon, s/n Vale do - Canela, Salvador - BA, 40110-100

APÊNDICE Z - Parecer do Conselho de ÉTICA

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Corpo como matriz de análise cognitiva: um estudo da memória corporal na arte terapêutica para difusão do conhecimento.

Pesquisador: Gedalva Neres da Paz

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 30573419.2.0000.5531

Instituição Proponente: Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.087.657

Apresentação do Projeto:

Trata-se da terceira apreciação de protocolo de pesquisa a ser realizada através de grupo focal com encontros quinzenais. "A investigação sugere analisar cognitivamente práticas nas quais são incluídos os corpos, a fim de identificar a partir dessa proposição os fenômenos que ocorrem nos movimentos, práticas artísticas e memórias corporais para difusão do conhecimento. As práticas artísticas serão orientadas por meio da análise cognitiva por temas que abrangem situações cotidianas e ou sugeridas no grupo focal que tratem de questões que os membros tenham dificuldades em lidar." Conforme descrito, o grupo poderá ser formado por profissionais de várias áreas de atuação, pessoas que serão convidadas a participar de sessões que vão tratar de questões emocionais. Haverá uso de técnicas de abordagem terapêutica de movimentos, expressões corporais, vivências, experiências presentes ou passadas, orientadas por técnicas da arteterapia e construção de processo criativo à luz da análise cognitiva que irá revelar sentimentos armazenados na mente, de forma consciente ou inconsciente, transformado assim em criação e imagem concreta. "No grupo focal será utilizada técnica de movimento corporal Bioenergético e análise cognitiva, que facilita o encontro de si mesma através de exercícios que provoquem reflexões a despeito do tema investigado." No cronograma está prevista a realização de 10 encontros. O grupo será formado por 6 a 10 pessoas e a duração

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

Bairro: Canela

CEP: 41.110-060

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-7615

Fax: (71)3283-7615

E-mail: cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Parecer: 4.087.657

dos encontros será em torno de uma hora e meia. O grupo Focal será realizado no Auditório do Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional e Grupo de Pesquisa Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional CPEDR/GEEDR/UNEB/CNPq, localizado em Salvador - Bahia.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Investigar o corpo como matriz cognitiva através de análise e estudo da memória corporal na arte terapêutica para difusão do conhecimento.

Objetivo Secundário:

- a) Pesquisar os diferentes contextos da análise cognitiva e a inserção do corpo;
- b) Interpretar a interação da poética da arte e a memória da consciência corporal;
- c) Analisar e discutir os resultados metodológicos do processo cognitivo e arteterapêutico que acontecerão no grupo focal;
- d) Experienciar diversos temas contemporâneos em instalações, exposição artísticas no grupo focal;
- e) Verificar como trabalho criativo e terapêutico que abarque análise cognitiva e a arteterapia podem ser suporte para o corpo cognitivo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme descrito no Formulário de Informações Básicas da PB:

Riscos:

"A pesquisa não há riscos iminentes de morte ou invalidez. Podem ocorrer riscos à invasão de privacidade, estigmatização, constrangimento em se expor mediante pessoas estranhas, angústia ou tristeza ao falar sobre alguns conteúdos. Caso ocorra quaisquer riscos mencionados os participantes serão encaminhados para atendimento psicoterapêutico sem nenhum custo."

Benefícios:

"A pesquisa pode ajudar nos seguintes benefícios, consciência do potencial armazenado no seu corpo, se fortalecer emocionalmente, ser capaz de fazer suas próprias escolhas, opinar pelos seus desejos, sendo menos subserviente, subalterna e submissa. Os resultados alcançados serão

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

Bairro: Canela

CEP: 41.110-060

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-7615

Fax: (71)3283-7615

E-mail: cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Parecer: 4.087.657

devolvidos para os participantes em lócus como forma de contribuir para o seu autodescobrimento, fortalecendo sua autoestima, a consciência corporal enfim o conhecimento de si mesmo, como base essencial, o corpo."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de doutorado vinculado ao Programa de Pós-Graduação Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento da UFBA. No projeto, descreve que o grupo será formado por meio de convite, explicando a temática da pesquisa. Serão convidadas pessoas de diferentes cursos e níveis de escolaridade, mulheres e homens na faixa etária entre 30 a 70 anos (Pedagogos, estudantes de Graduação e Pós-graduação, auxiliar de enfermagem, estudantes de Psicologia). Ficarão destinadas duas vagas para cada curso ou profissional.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Realizou adequações nos termos apresentados, conforme solicitado no parecer 4.066.944.

Recomendações:

Apresentar, como notificação, via Plataforma Brasil, os relatórios parcial semestral e final do projeto, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa, conforme a Resolução CNS 466/2012, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Atendeu totalmente as recomendações do parecer 4.066.944. Sugere-se aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovação ad referendum, tendo em vista considerações prévias em reunião de Colegiado. Ressalta-se que, após realizar modificações atendendo as recomendações descritas no parecer consubstanciado 4.066.944, esta terceira versão do protocolo atende aos princípios éticos e bioéticos emanados da Resolução n.510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

Bairro: Canela

CEP: 41.110-060

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-7615

Fax: (71)3283-7615

E-mail: cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Parecer: 4.087.657

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P ROJETO_1329398.pdf	10/06/2020 21:02:50		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projesse.docx	10/06/2020 21:01:55	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Brochura Pesquisa	Bress.docx	10/06/2020 20:52:53	Gedalva Neres da Paz	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcless.docx	10/06/2020 20:45:23	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Cronograma	CRONOGDEATIVI.pdf	13/05/2020 23:02:12	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projdepesq.pdf	13/05/2020 22:57:28	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	aspectosetico.pdf	13/05/2020 22:49:35	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	CONVT.pdf	13/05/2020 22:14:56	Gedalva Neres da Paz	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	13/05/2020 22:07:56	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	SELECAODEPARTIC.pdf	12/05/2020 22:37:54	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	Cartadeanuencia.pdf	12/05/2020 21:59:43	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Folha de Rosto	folhrost.pdf	12/05/2020 20:38:43	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	autorizacaoinstitucional.pdf	27/04/2020 18:38:59	Daniela Gomes dos Santos Biscarde	Aceito
Brochura Pesquisa	Brochura.docx	24/01/2020 10:28:07	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	autorizacaocoord.jpg	24/01/2020 06:28:42	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	tercomprados.jpg	24/01/2020 06:25:03	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	cartaanuen.jpg	24/01/2020 06:19:45	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declarconcord.jpg	23/01/2020 23:42:05	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Cronograma	cronogrdeatividades2.docx	05/01/2020 22:34:47	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Cronograma	Documento.docx	05/01/2020 22:30:06	Gedalva Neres da Paz	Aceito

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

Bairro: Canela

CEP: 41.110-060

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-7615

Fax: (71)3283-7615

E-mail: cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Parecer: 4.087.657

Outros	tercompesq.jpg	05/01/2020 21:19:08	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	termcoleta.jpg	05/01/2020 21:14:17	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	tereconfid.jpg	05/01/2020 21:12:59	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	solicitaccampo.jpg	05/01/2020 21:11:04	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaopesqui.jpg	05/01/2020 21:03:34	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	Projeto de Pesquisa.docx	19/12/2019 23:00:53	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Orçamento	OrcFinanceiro.docx	19/12/2019 21:52:45	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	MODELO_DOS_TERMOS_COMUNS_A_TODOS_OS_PROJETOS.pdf	24/09/2019 09:32:45	Patrícia Santiago Viana Teixeira de Souza	Aceito
Outros	folhad.jpeg	23/09/2019 20:18:52	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Declaração do Patrocinador	declpatroci.pdf	23/09/2019 19:58:05	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declpesqui.pdf	23/09/2019 19:56:51	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjAnáliseCognt.docx	17/05/2019 19:30:44	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	esclar.docx	17/05/2019 18:42:59	Gedalva Neres da Paz	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CONSELHODEETICA2.docx	17/05/2019 18:34:52	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Outros	Roteiro dgfocal.docx	17/05/2019 18:29:10	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Orçamento	CRONOGRAMAF.docx	17/05/2019 18:03:54	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Cronograma	cronogramaa.docx	17/05/2019 17:57:46	Gedalva Neres da Paz	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	03/05/2019 17:34:34	Gedalva Neres da Paz	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

Bairro: Canela

CEP: 41.110-060

UF: BA

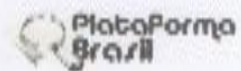
Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-7615

Fax: (71)3283-7615

E-mail: cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Protocolo nº 007/2020

Não

SALVADOR, 15 de Junho de 2020

Assinado por:
Deniele Gomes dos Santos Biscardo
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Augusto Vieira S/N 3º Andar
Bairro: Centro CEP: 41.119-080
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3203-7015 Fax: (71)3253-7818 E-mail: unpas.ufba@ufba.br

15/06/2020 10:00

ANEXO A – POESIAS

AUTOPOÉISIS – POESIA**Abraço**

Abraço, ato físico
Expressado na alma
De um jeito químico
transforma em calma

Abraçar, ou não abraçar
Traduz o ser e o estar
Ser é abraço dado
Não ser abraço negado

Abraça pai

Abraça mãe
Abraça amigo
Abraça inimigo

Abraça pra ser e estar
Abraça para não negar
Nem se negar
Abraça, não esqueça, tá?
(VENTO, 2019)

Abraço

Estar no abraço é um momento de energização
Momento que eu penso nos melhores abraços
Que tenho e nos que tive
Estar no abraço é sentir a emoção e os sentimentos do outro

É poder consolar e amparar alguém
O abraço pode dizer muitas coisas,
É a oportunidade de falar sem usar
Palavras.
(BORBOLETA, 2019)

Corpo meu

Corpo meu
Que não nem sei
Amor do outro?
Olho do outro?
O que deixei de ser?
Corpo que é meu
Agora te vejo, quero ser eu
Quero ser eu
Não ouço o oco
Sinto um lampejo seu
Mãe, vó, tia, prima
Ecoa no meu corpo
Um corpo solto
Livre comigo
Livre para ser
Corpo cognitivo
VENTO (2019)

REJEIÇÃO

Algo que me acompanha
Tão nas minhas entranhas
Toda em mim, tão toda
Mas ao mesmo tempo
Não a alcanço para
Tirá-la de mim

Presença que me escraviza
E eu me alimento dela
Insisto por cenários que
A potencializou em minha vida
Desejo que ela não mais me
Acompanhe, mas não consigo
Trilhar pelos caminhos que
Me afaste dela.
(LAGARTA, 2019)

REJEIÇÃO

É não aguentar a dor
De não saber amar

Amor do jeito que se é
Do jeito que sei ser
Rejeitar é clamor por amor
É aceitar você, eu e nos
É enjeitar, ficar só em busca de aceitar

Aceita o que sou e o que você é.
(SOL, 2019)

Negro ferido

Negro ferido

Sem incapacidade de amar

Reprimi suas emoções

Se fortalece pelo amor de sua mãe

Amor interior

Rir de mim, por causa do amor

Amor uma ação

(PASSARINHO, 2019)

Amor de negro

Dificuldade de dá e receber amor

Repeti o que os senhores de engenho fizeram

Contém as emoções

Não sabe lidar com o amor

Por acreditar que o amor não era importante

Amor como saúde, necessidade materiais

Negros pensam sobre necessidades

Vamos pedir ajuda e reconhecer que não precisamos fazer tudo sozinhas

O amor como fim do racismo e da opressão

Mulheres negras deixam a vida de lado para cuidar dos outros

(BORBOLETA, 2019)

Escritas realizadas após a leitura do texto de Transformação do silêncio em linguagem e ação. (AUDRE LORDE, 1977, p.1-3)

ANEXO B – DEPOIMENTOS

- Me sinto renovada, leve e reflexiva. Refazendo a conexão com meu corpo. (CACHORRA/BAMBU, 2019)
- Hoje tive a percepção de mim, das minhas vivências do que é agradável, saudável. Consciência de sair dos cenários que não me ajudam a estar bem e melhor. Iniciei a percepção do corpo alinhado ao meu processo terapêutico. (LAGARTA, 2019)
- Foi um prazer enorme participar do grupo focal, um local de trocas e autoconhecimento, de percepção do nosso corpo e mente. Com certeza saio daqui hoje mais leve e energizada. (BORBOLETA, 2019)
- Hoje já tive a oportunidade de rever minha criança. Minha criança que já foi mais ferida, hoje posso vê-la mais curada. Fazer isso em grupo foi revelar para mim, ouvir minha voz ecoando e reverberando para outros iluminar novas olhares sobre mim mesma. (SOL, 2019)
- Saio muito mexida, os dias têm sido desafiadores. (CACHORRA/ BAMBU, 2019)
- Hoje foi um dia muito, muito especial de reflexão, principalmente ao que se refere a figura da mãe, como essa relação pode deixar marcas. Minha mãe é muito protetora e acho que isso influencia muito na forma que eu lido com as situações frustrantes. Hoje eu saio daqui para entender um pouco melhor minha mãe e sua história, para também me entender melhor. (BORBOLETA, 2019)
- Preciso me livrar das minhas culpas. Preciso aceitar as escolhas do outro e não sofrer. Preciso ver as minhas filhas com outro olhar. Preciso compreender o processo de enfrentamento que minha mãe passou a ponto de ser mutilada. Tudo muito forte, doloroso e na esperança de saber que a minha criança ainda tem cura para as suas dores que não são só físicas como dores da alma também. Gratidão! (LUA/ LEOA, 2019)
- Consegui identificar minhas dores do corpo proveniente das memórias. Percebo como a sociedade vai moldando nosso cotidiano. Estamos sempre fazendo pelo outro sem se preocupar conosco. Muito feliz! Sinto que preciso estar aqui. Obrigada! (PASSARINHO, 2019)
- Gratidão pelo dia de hoje, saio daqui em ebulição, pensamentos de quem sou e o que fiz de mim este tempo todo. Gratidão. (NUVEM, 2019)